



2020

A Voz de

MELGAÇO

O Jornal mensal de todos os Melgacenses

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXV - N.º 1445 | 1 Dezembro de 2020 | Preço Avulso Euros 1,50
Assinatura Anual: Portugal 20 Euros - Estrangeiro 25 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

Marco N° 1 - Cevide



Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel



Taxa Paga Portugal Linda a Velha

NATAL NOS CORAÇÕES

Vogando em mares de incertezas,
Prisioneiros de medos e tristezas,
Vivendo em bolha reprimida
Por um bem maior, a nossa vida!

Neste ano, esta época Especial
Não será plenamente vivida
Mas, contudo, de forma precavida,
Celebraremos a data Divinal.

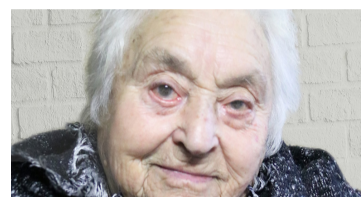
Vai ser um Natal assaz diferente,
Reunida teremos menos gente,
Pouparemos em abraços e efusões.

Porém, evocando a lembrança,
De ser Jesus Menino arauto da esperança,
Haverá mais Natal nos corações!

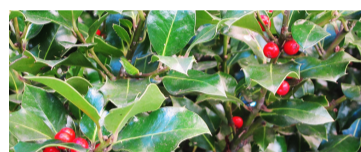
Armada Urze, Vila
25 de novembro de 2020



Beatriz Fernandes festejou 102 Anos P.9



Simbologias Natalícias P.18-19



Manoel Batista pronuncia-se sobre os mais de mil dias de mandato P.25



Os sonhos adiados da restauração melgacense P.32-33

Andreia e Gabriel escolheram "Viver em Melgaço" P.34-35

Fazemos nossas as palavras do nosso assinante e amigo:

Desejo-lhes, desde já, um feliz NATAL e que o NOVO ANO 2021 nos traga mais saúde e alegria do que este (que nos trouxe muitas trizezas)...

Continuemos a pedir a Deus, "com muita Esperança" para que o Novo Ano 2021 traga "muita" saúde e alegria para todos nós...! BOAS FESTAS - FELIZ NATAL e BOM ANO 2021.

Com um abraço amigo,

António Dias, Paris

A CRUZ QUE O COVID ESCONDE

P.6

ORÇAMENTO DE ESTADO 2021

P.8

EPISKEY: PROJETO DA MELGACENSE MARIA GONÇALVES E MARIANA COSTA CONQUISTA PRÉMIO DO PÚBLICO DA FARMACÊUTICA ANGELINI

P.10

ANSELMO MENDES E A APA - ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES ALVARINHO

P.15

PRINCIPAIS APIOS A QUEM RECEBE O SALÁRIO MÍNIMO

P.17

RECEIO DO COVID ESTÁ A ISOLAR POPULAÇÃO NAS ALDEIAS E A EVITAR CONSULTAS

P.26

VIAJAR PELA BIRMÂNIA

P.28-29

NESTE NATAL HAVERÁ MAIS LUZ NAS RUAS DE MELGAÇO

P.29

EMPRESA PORTUGUESA CONSEGUE ARMAZENAMENTO DA VACINA COVID ATÉ 80 GRAUS NEGATIVOS

P.36

4 ALVARINHOS COM QUE CELEBRAR O NATAL

Casa do Cerdedo P.3

Soalheiro P.21

Encosta da Capela P.22

Quinta do Regueiro P.1 e 27

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



O Foral obteve 91 pontos na lista de "Best of the Year 2020" da Wine Enthusiast. Este vinho soma assim duas excelentes pontuações de 91 pontos a nível internacional. Apenas disponível nos Estados Unidos e em Portugal em qualquer loja Continente.

O Natal da minha infância

Virgínia do Carmo Ferreira

Quando eu era criança, a electricidade vinha de Espanha para os hotéis do Peso e para a Vila de Melgaço. Como passou no nosso lugar, o meu avô instalou-a em casa. O meu pai comprou um rádio, o qual fazia muita confusão ao meu avô, pois era o primeiro que ele via. E como era o único rádio no lugar, na noite de Natal, os vizinhos, depois de ceiar, vinham a nossa casa dar-nos as Boas-Festas, mas o grande objectivo deles era ouvir a Missa do Galo, à meia noite, celebrada pelo cardeal Patriarca na sé de Lisboa. Quando eles chegavam, havia abraços e muita alegria. Depois, para esperar pela hora desejada, os idosos iam conversando e petiscando alguma guloseima, e bebendo uma tije-linha de vinho branco fervido com mel e açúcar. Era a bebida tradicional daquela noite. O espumante ainda

não era conhecido cá.

Os jovens jogavam o rapa a pinhões, e nós, crianças, muito ansiosas, a falar nas prendas que o Menino Jesus nos traria. Chegada a meia noite, o rádio começava a transmitir a missa que todos nós, com muita fé e devoção ouvíamos. No fim, o meu avô disse-nos: «Vede lá como uma coisa tão pequena nos pode dar notícias de todo o mundo, e até a santa Missa celebrada em Lisboa. Os homens estão com muita sabedoria para inventar, mas o Senhor, quando andou pelo mundo, falou ao povo e disse: 'os homens estão muito inteligentes a fazer descobertas, mas quando eles quiserem saber mais que eu vou trocar-lhes as voltas».

Hoje, não consigo imaginar o que o meu avô sentia, se viesse a este mundo, ao ver tantas invenções,

sobretudo nas tecnologias. É um mundo completamente diferente do que aquele em que viveu até meados do século passado. Agora, com toda a ciência e desenvolvimento, aparece-nos uma grande epidemia, espalhada por todo o mundo, que muito nos faz sofrer, e não sabemos quando acabará, e como será o fim.

Creio que a melhor prenda a pedir a Jesus é que consigamos sobreviver a este terrível mal e que a vacina já anunciada possa dar mais esperança a toda a humanidade.

Como eu recorro as palavras de meu avô e a felicidade que sentíamos, apesar de todas as carências de então.

A todos desejo de verdade um Santo e Feliz Natal.

Exemplos que nos interpelam a viver de maneira diferente este Natal

Carlos Nuno

Acabo de ler parte de um capítulo do livro «Voltemos a sonhar», com depoimentos do papa Francisco ao jornalista Austen Ivereigh e que será apresentado, em Itália, em 1 de Dezembro. Certamente que será traduzido para português muito em breve.

Nesse capítulo, o Papa Francisco diz que ele passou pelo confinamento de 3 Covid. O primeiro, em 1957, quando, ainda jovem, teve de ser operado ao pulmão e experimentou na carne o isolamento, as dúvidas sobre a sobrevivência, as extremas dificuldades da respiração – pelo que compreende bem o que sucede com os casos mais graves dos nossos dias –, a banalidade de boa parte das palavras dos que o visitaram, destacando-se pela positiva uma professora que lhe deu a mão, um beijo e se manteve bastante tempo em silêncio, acrescentando por fim: «Estás a imitar Jesus». A sua presença e o seu silêncio, acrescenta Francisco, «deram-me uma profunda consolação».

O segundo Covid foi ter que vir estudar para a Alemanha em 1986 e sentir-se completamente desenraizado, a ponto de só saber, no dia seguinte, pelos jornais, o resultado da final do campeonato do mundo que a sua Argentina tinha vencido. (Já com este texto escrito, acaba de chegar a notícia da morte do grande obreiro dessa conquista: Diego Armando Maradona, apenas com 60 anos).

O terceiro Covid foi de 1990 a 1992, durante um ano, dez meses e 13 dias, - tão marcantes pelo isolamento que os contou todos! - enviado para Córdoba, na Argentina, a celebrar missa, escutar a confissão dos penitentes e oferecer direcção espiritual. Mas foi

essa experiência que lhe permitiu 3 coisas importantes para a sua vida: a) Capacidade de oração; b) Ver as tentações que presenciou e que com a ajuda de Deus conseguiu vencer; c) Ler os 37 tomos da 'História dos Papas', de Ludwig Pastor, pois, «quando conheces aquela história, não é muito o que me pode surpreender quanto ao que se passa e acontece hoje na Igreja e na Cúria Romana».

Francisco confessa: «Sofri muito, mas se deixas que o sofrimento te mude, saís da crise melhor do que eras. Se, pelo contrário, colocas barreiras, saís pior».

Dos quase 58 anos que a Leonor Patrão, das Marinhas, passou confinada no seu leito, sem dele sair, a não ser para ir ao hospital – e no último ano e meio, hospitalizada ou em cuidados continuados –, pude acompanhar a sua caminhada durante quase 44 anos. E creio que foi uma bênção tê-la conhecido. Isso mesmo refere uma amiga, a Dulce Malheiro, nossa amiga e assinante, que a conheceu também há cerca de 20 anos: «Tive o privilégio de a ter conhecido e de ter ganho nela uma amiga». E exclama: «Que força espiritual tão grande faz com que uma pessoa possa viver mais de meio século deitada numa cama, paraplégica, manifestando sempre serenidade, resignação cristã e saudável alegria no meio de tanta dor e privação?!». Continua: «Eu sentia-me pequenina junto dela e gravei palavras que nunca mais esquecerei: «Sinto que Deus está sempre a meu lado!». Que fé tão forte e que amor tão profundo e verdadeiro! Dá para pensar e nos sentirmos pequeninos.

A sua vida neste mundo terminou no mesmo dia

em que tinha nascido há 78 anos, a 8 de Outubro. Sei que, agora, tenho mais uma alma de Deus a interceder por mim e por todos nós junto d'Aquele que realmente nos ama, como ninguém é capaz de o fazer.

Faço minhas as palavras desta comum amiga e ofereço-as aos prezados leitores como prenda e estímulo para que saibamos extrair desta tão grave crise a energia e a força que nos permitam tornarmo-nos melhores. Poderá haver melhor celebração do Natal?! Que prenda poderá superar a nossa renovação interior e sentir que Deus nos ama incondicionalmente, mesmo e sobretudo quando sofremos tanto?!

Não direi a vulgaridade do 'vai correr tudo bem', porque não vai. Já houve milhões de mortes e vai continuar a haver. Há muitos milhões de famílias enlutadas e marcadas pela dor e sequelas da pandemia, desde a saúde, à perda de emprego e consequente dignidade humana.

Quem dera que todos pudéssemos sair mais fortes desta difícil situação! Que Natal mais espantoso e esperançoso nós poderemos oferecer se, para tal, contribuirmos com o nosso exemplo e o nosso incentivo!

À Leonor, que lia com enlevo o nosso jornal e que tanto o ajudou com as suas orações, entrego também este pedido de que, junto de Deus, continue a interceder por todos nós, especialmente pelos que a conhecemos e pelos que, através das várias referências feitas ao longo destes anos, se habituaram a ver nela um estímulo e um exemplo de crença profunda no valor e sentido da vida, mesmo quando, e sobretudo, estava marcada por profundo sofrimento.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva
Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Arminda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues – Ancora

Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadalete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-Impressão:
Amigos de "A Voz de Melgaço"

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, n.º 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Jogo Tradicional – Petanca

Júlio Domingues



Um pequeno Grupo de Amigos, inicia o jogo da PETANCA, em Vila Praia de Âncora

Nesta maravilhosa Vila Praia de Âncora, mesmo à beira do mar Atlântico, existe um - Grupo de Bons Amigos, que há anos, na época do Verão (férias) e já durante todo o ano (residentes), praticam esta tradicional modalidade desportiva, jogo que remonta ao ano de 1907, em LACIOTAT, Provença, no sul de França.

O nome PETANCA, procede de uma expressão utilizada em dialecto provençal, que significa “pés juntos”.

Pratica-se em vários países do Mediterrâneo, Argentina e Uruguai.

A PETANCA desenvolve habilidades pessoais, como a paciência, concentração, estratégia e a resistência muscular.

O dito Grupo de Amigos, já quase todos reformados, têm-se vindo a concentrar para a prática dessa modalidade desportiva, nos terrenos “ditos baldios/públicos”... localizados na Avenida do Atlântico, limites do Caminho das Camboas, há vários anos, passando umas lindas tardes de sol radiosos e com a presença dos seus familiares, que podem disfrutar da praia, do sol, do iodo... com uns pôr do sol maravilhosos, ...tudo ali a seus pés..

Oriundos de muitas regiões do País, de realçar a presença de Melgacenses (António Táboas, Carneiro, Gysroi, Manel,...), de Monção e Valença, de Caminha, Ponte da Barca (Manel), Arcos de Valdevez (Adriano Gonçalves - um apaixonado..), de todo o Vale de Âncora, bem como Franceses M. Cristian..) e Galegos e quase todos passaram por França, onde se iniciaram neste tradicional Jogo - A PETANCA. Muitos deles, até serviram Portugal na Guerra do Ultramar, onde adquiriram uma experiência de vida muito grande, ao conviverem com militares de todas as regiões do País..

Ora, julgamos que seria tempo as Entidades Oficiais e competentes, criarem melhores condições para a prática deste desporto, já que é um jogo seguro e envolve toda a Família, pois podem conviver entre amigos, junto ao mar, assistindo à disputa dos “mais habilidosos”.

Deixamos aqui, as Normas Básicas, muito havendo a dizer sobre esta modalidade desportiva - PETANCA. Basta ir à net: “PETANCA”.

NORMAS BÁSICAS:

I - O Jogo da PETANCA, é um desporto que enfrenta duas Equipas. Estas podem ser de 3 Jogadores (triplos), 2 Jogadores (duplos..), ou 1 jogador (individual).

A Equipa eleita (por sorteio...), para lançar o “BOLICHE”..., deve fazer uma circunferência no solo (terreno), para que todos os Jogadores lancem a Bola desde essa circunferência...

II - Procede-se ao sorteio da Equipa que começa a jogar. Qualquer Jogador da Equipa eleita, escolhe o ponto de partida e traça uma circunferência no solo de um diâmetro de 35 a 50 cm.

III - Os pés dos Jogadores não podem sair da circunferência, antes que a Bola lançada toque no solo/chão. Este Jogador lança o BOLICHE, a uma distância entre os 6 e 10 metros. O BELICHE, deve estar a menos de 1 metro de qualquer obstáculo (parede, árvore, etc....).

IV - O objectivo do Jogo é lançar as Bolas o mais cerca possível do BELICHE. Joga-se por Turnos, um turno a cada Equipa.

V - Quando todos os Jogadores tenham lançado todas as Bolas, calculam-se os pontos de cada Equipa. A pontuação depende do número de Bolas (da mesma Equipa..), que se acham mais próximas do BELICHE..

Por Exemplo: Se a Equipa 1., tem 3 Bolas mais próximas, a 5 cm., 7 cm., e 10 cm., e a Bola mais perto do BELICHE, da Equipa 2., está a 12 cm., a Equipa 1., obtém os 3 Pontos. Em caso de empate, cada equipa obtém um ponto..

VI - O Jogo (partida), termina quando a Equipa chega aos 13 Pontos...

VII - No Jogo da PETANCA, O APONTADOR (ARRUMADOR...), LANÇA A BOLA COM UM OBJECTIVO: FICAR O MAIS PRÓXIMO POSSÍVEL DO “BELICHE”..

VIII - As posições de lançamento são múltiplas..As mais habituais são de pé, com as pernas semifletidas ou em cócoras .

NOTA FINAL:

A) - Segue estes conselhos para obter a máxima eficácia no teu lançamento da Bola:

1º - Segura a Bola firmemente na palma da mão com o polegar médio dobrado.

2º - O dorso da mão é o que se apresenta primeiro no tiro.

3º - Para conseguir um tiro perfeito, é importante que se mantenha a posição em equilíbrio, seja em pé, de cócoras ou numa posição intermédia..

“um principiante na PETANCA”

O Natal 2020



Está p'ra chegar o Natal
Data muito especial
Que sempre festejamos com alegria,
Mas este ano vai ser diferente
Anda triste toda a gente
Por causa da epidemia.

Mas no meio de tanta dor
Preparemo-nos com muito amor
Para a data que está a chegar.
E tenhamos muita fé
Porque o filho de Maria e José
Veio ao mundo p'ra nos salvar.

Vamos pedir ao Deus Menino
Que nos ponha no sapatinho
A cura para este mal.
E podemos confiar
Que Ele nos vai ajudar
Com seu poder divinal.

Virgínia do Carmo Ferreira



ALVARINHO Casa do Cerdedo

a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...

Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com

Tlm: 968 274 988 / 918 293 695

Tel: 251 825 341 / 251 402 138

Agora connosco:

Miriam Silva

Fisioterapeuta com experiência nas áreas de Ortopedia, Reumatologia, Neurologia, Cardiorrespiratória, Geriátrica, Pediátrica, Desportiva e Uroginecológica. Formações em ATM, Acupuntura para Fisioterapeutas, entre outras.



Telefones:
00351 251 404 002
WhatsApp:
00351 938491261

Consulte-nos na
EstheticSmile

Largo da feira - Melgaço



Agora Connosco:
Dra. Rosália Pereira

Dedicada a patologias que requerem intervenção imediata e supervisão continuada. Experiência em urgência/emergência clínica geral, geriátrica, pacientes polimedicaados com comorbidades diversas, entre outras. Profissional com diversas formações em Espanha, Portugal, Brasil, França e Suíça.

Telefones:
00351 251 404 002
WhatsApp:
00351 938491261

Consulte-nos na
EstheticSmile

Largo da feira - Melgaço

Agora connosco:

Telma Gonçalves

Enfermeira com experiência nas áreas de Bloco Operatório, Geriatria, Psiquiatria, Pediatria, Obstetria, Médico-cirúrgica e reabilitação. Formações em Ozonoterapia entre outras.



Telefones:
00351 251 404 002
WhatsApp:
00351 938491261

Consulte-nos na
EstheticSmile

Largo da feira - Melgaço

“O mundo!
O que é o
mundo,
ó meu amor?!
O jardim dos
meus versos
todo em flor.”

Charneca em Flor, 1931

Florbela Espanca

Vamos viajar sem sair de casa.
Percorrer cidades, mares e montanhas
em cada página. Vamos virar a página,
com serenidade e esperança.

Vamos ler Portugal.

Descubra a sua próxima viagem na sua livraria online preferida.



Simplesmente, é Natal!

Helena Matos

O Natal prepara-se e vive-se todos os dias do ano!

Dezembro é um Mês mágico que nos convida a ser mais amigos e mais fraternos. É com alegria e sentimentos de partilha que se vive a noite de consoada e se comemora o dia 25.

Este ano, ano da graça de 2020, há uma pandemia à solta que mete medo e traz condicionantes ao dia a dia do comum cidadão. O confinamento que somos obrigados a cumprir não é entendido por uma maioria que por vezes sente que há dois pesos e duas medidas para determinados actos públicos.

Cada um deve aceitar que ao cuidarmos de nós estamos a cuidar de todos. E nunca esquecer que o exemplo vem de cima.

Nesta quadra natalícia devemos dar o máximo de nós em prol dos outros, passar a mensagem de que tudo vai ficar bem e acreditar que valeu a pena o trabalho, a determinação e sacrifício de muitos profissionais.

É preciso renascer!

Todos estamos a ser postos à prova. Mas uns estão a sofrer mais que outros com a falta de emprego. Sem salário a fome e miséria instala-se. O Estado não tem capacidade para dar resposta e solução a todos os problemas desencadeados. Valha-nos a solidariedade que se faz sentir por parte de gente anónima!...

Quando toda esta crise passar (porque vai passar) esperemos que as pessoas tenham aprendido o quão prejudicial pode ser o egoísmo e comecem a pôr em prática princípios e valores humanitários.

Para renascer é preciso mudar mentes e consciências. É preciso acordar para um mundo mais fraterno e justo.

Respeitemos para ser respeitados e abençoados. Temos que agir com o nosso meio envolvente e sermos parte integrante da mudança que se espera.

Vamos viver e comemorar este Santo Natal pensando nos outros e fazer votos que o milagre do Amor toque o coração de todos.

Onde há Amor, há Esperança!

Que os sinos nos despertem para a alegria do nascimento e as Igrejas nunca fechem suas portas às necessidades de cada um em particular.

Sejamos contagiados pelo exemplo de Jesus, Maria e José.

GAZETILHA

Álvaro Carvalho

Olá pequerruchos, vós sois um Mundo!

Trazeis uma mensagem de esperança e dais sentido à vida.

Se nascês à beira mar tens a imensidão dos oceanos que te embala e conduz a paragens longínquas!

Se nascês à beira rio tens a força da natureza que não se queda nos obstáculos que surgem nas intempéries!

Se nascês no meio dos campos da serra ou da planície tens a sorte de te rodear dum mundo bucólico que desperta todos os sentidos!

A Terra Portuguesa é banhada por um Mar Azul que completa nosso sentir e nos honra e glorifica através dos tempos.

Quem vive nas ilhas tem privilégios e vivências únicas que moldam suas vidas e conduzem seus destinos!

Olá crianças, vós sois um Mundo!

Seja no campo ou na cidade a descoberta de oportunidades e horizontes necessita ser alicerçada na aprendizagem, no ensino, na educação.

Os professores devem exercer seu mandato de vocação sem constrangimentos que os impeçam de abraçar sua carreira profissional de forma ética e responsável. A “política da educação” deve honrar e dignificar a vida académica no seu todo.

Deixem os jovens ser jovens!...

Olá adultos, vós sois um Mundo!

Cada um de nós é obrigado a respeitar o meio em que vive. Não podemos destruir o que nos é oferecido pela Mãe Natureza. Temos que colaborar e ser exemplo na criação de um Mundo próspero e sustentável para todo e qualquer ser vivo.

O Planeta é de todos e para todos.

Haja consciência na tomada de decisões por parte de quem chama a si a responsabilidade de ditar e fazer Leis

Olá anciãos, vós sois um Mundo!

Feliz de quem soube dar ao longo de toda a sua existência o bom e são exemplo de humanismo de forma generosa e simples.

Todos devemos ser gratos e respeitar a idade de quem nos rodeia.

Os laços afectivos embelezam e alimentam a vida dos mais desprotegidos. Nada, nem ninguém, deve humilhar os que carregam o peso dos anos.

Como é que alguém que conduz os destinos de uma Nação tem a coragem de abandonar os velhos e lhes tirar um fim de vida digno e respeitoso?!...

Uma “pitada” de amor é um “ingrediente” que pode fazer a diferença e salvar o Natal de cada um de nós.

Aos nossos Amigos | Neste Natal 2020

Carlos Nuno

Estamos quase no final do ano e o recolhimento em casa bem como as dificuldades de deslocação no Verão, fizeram com que muitos assinantes tenham a assinatura em atraso, não apenas relativamente a 2020, mas 2019, 2018 e alguns também 2017.

Tem sido muito difícil conseguir fazer face aos encargos directos com o jornal, quer pelas despesas a pagar que crescem cada ano, quer pelas exigências das instituições estatais que cada vez exigem mais papelada e perda de tempo com questionários e outras exigências.

CUSTO DA ASSINATURA A PARTIR DE 2021

Já há mais de 15 anos que o custo da assinatura não é aumentado, mas o preço da expedição postal, sobretudo para o estrangeiro, custa uma exorbitância, à volta de 1 euro e trinta na Europa e 1 euro e 50 fora da Europa. Por isso nos penaliza duplamente quem está com a assinatura em atraso: além da perda de uma eventual desistência sem assumir responsabilidades pelo débito contraído para com o jornal, ainda tivemos que adiantar quase 15 euros por assinante para expedir anualmente os jornais.

Por isso, contra nossa vontade, somos forçados a aumentar o custo da assinatura. **Passará a ser de 22,50 euros em Portugal e ilhas, e 30 euros no estrangeiro.**

Esperamos a melhor compreensão.

Uma explicação

A edição de Novembro não chegou a umas dezenas de pessoas, porque houve uma troca de ficheiro, de modo que a listagem enviada para a expedição era de 2013 e não deste ano. Só demos por ela depois de o jornal já ter chegado aos assinantes.

Para minorar a perda, pusemos no site: www.vozdemelgaço.pt a o PDF, isto é, o jornal em formato digital, que pode ser descarregado e lido. Para quem, de todo em todo quiser mesmo ter o exemplar em papel, pedimos a fineza de passar pela loja ‘Encanto das Flores’ na Rua Afonso Costa, abaixo dos Correios e pedir à Elisabete o exemplar. Ainda tem alguns que pode fornecer gratuitamente, claro está.

Quem não puder ir a Melgaço e desejar mesmo muito ter o exemplar em papel, escreva-nos para Braga, para a Redacção e veremos se temos exemplares que cheguem para os pedidos.

Pedimos a vossa compreensão.

Mais, todos os que estiveram atentos ao endereço, notaram que o ano pago apontado é 2012, 2013 ou 2014, conforme os casos. Não façam caso disso. Esta edição já traz o ano certo que está pago.

No meio de tudo isto, permitam que assinale a superior atitude de alguns prezados assinantes que tiveram a gentileza de pagar como amigos e enviaram palavras de apreço, estima e estímulo: Dr. José António Barreto Nunes, de Braga; Ângelo Ribeiro Alves, de Gaia; Manuel José Salgado Vaz, de França; José Manuel Cortes, de Queluz; Ilídio Barros, de Barcelos. Deste prezado assinante, que não é de Melgaço, permitam que insira 2 parágrafos da mensagem que acompanhava a transferência efectuada. «Tenho bem presentes as cansaças e os custos de um jornal comunitário. Jornal que, há 21 anos, como assinante e sobretudo como amigo, saboreio a doce suavidade dos textos publicados por ilustres e dedicados colaboradores. A todos, a minha homenagem sincera.

Ao meu bom Amigo, Padre Carlos Nuno, pela sua entrega, dedicação, amor e carinho ao jornal, um le-

gado único, que seu querido e saudoso tio e padrinho, Padre Carlos Vaz, fundou e que o senhor cultiva e cuida com religiosa devoção. O meu maior respeito, consideração e admiração.» Palavras também sumamente amáveis as do Dr. José António Barreto Nunes, natural de Monção e a residir em Braga; do amigo Ângelo Ribeiro Alves, de Gaia e do também admirador e amigo José Manuel Cortes, de Queluz, que escreveu: «Desejo a todos saúde neste momento difícil que atravessamos, resultado desta maldita epidemia Covid.

Com a proximidade do Natal e um Ano Novo, faço votos de que os passem o melhor possível».

Duas boas amigas assinantes que me pedem para não dar os nomes, acabam de pagar como amigas as assinaturas de 2021 e 2023, respectivamente. E com palavras elogiosas e de incentivo.

Sei que, felizmente, muitos mais se revêem e secundam estas palavras. Obrigado.

Uma linda e oportuna iniciativa

De França, chegou um email solicitando para enviar o jornal para o pai, que está em França há 54 anos e quer muito saber mais notícias da sua terra natal. E mais um pedido ainda: que esta edição de Dezembro a envie em nome dela, a filha, para o oferecer ao Pai como prenda de Natal!

Achei muito curiosa e oportuna esta ideia. Não quererão mais assinantes ter esta ideia e oferecer o jornal a algum familiar ou amigo, indicando-nos o nome e a direcção? Seria uma ótima forma de ajudar o jornal.

Façam acontecer Natal na vida de tantas pessoas que podem ficar gratamente surpreendidas com uma prenda assim.

Morugem – a planta estrela

Teresa Tábuas

Ao calor da fogueira, sentindo a chuva a bater na vidraça da cozinha, deslumbro-me com o meu azevinho que, impávido ao frio e aos dias cinzentos, continua a cobrir de vermelho as suas muitas bolinhas. Lembrome do Natal, do frio gélido que o acompanha e do céu estrelado como palco, quando se esquecem de correr o pano de nuvens e neblina a esconder o que de melhor existe no Universo – as estrelas cintilantes. É então que me lembro de uma planta rasteira, que teimava em cobrir o chão da horta da minha mãe e que eu arrancava sem lhe dar qualquer valor - a morugem que produz *pequenas flores brancas que se assemelham a estrelas*. O seu nome científico *Stellaria media* deve-o a essa semelhança. Estas flores, em dias de inverno bonitos, abrem por volta das nove da manhã e só fecham à noite, razão por que eram utilizadas para fazer previsões meteorológicas.

Foi numa saída de campo, dia chuvoso como o de hoje, acompanhada por alguém que percebia de plantas medicinais, que vi colher algumas folhas de morugem para saborear, incitando-nos a fazer o mesmo. Foi então que aprendi que essas plantas, que eu achava daninhas, invasoras e insignificantes, possuíam um sabor delicado, eram muito nutritivas, protetoras e que

aliviavam muitos males. A morugem, alivia flatulência, é uma planta de fácil digestão que regula o intestino e pode ser usada como laxativo ou contra a prisão de ventre, colite, acidez, gastrite ou síndrome do cólon irritável. Sobre o aparelho respiratório, tem uma ação calmante, suavizante e expetorante. Pode utilizar-se em casos de asma, tosse, laringite, bronquite. No aparelho urinário atua como diurético, ajudando na eliminação das toxinas, e melhorando o funcionamento dos rins, limpando a pele, aliviando dores artríticas e problemas de obesidade.

Pode usá-las nas sopas e em saladas ou mesmo fazer uma infusão que, para além de todos os benefícios, pode aquecer a nossa alma nestes dias frios de inverno.

Na Idade Média era muito apreciada e vendida nas ruas de Londres como planta gourmet, mas também para tratar crianças desnutridas.

Também pode ser utilizada externamente, em compressas molhadas em infusão, para tratamentos cosméticos. Aliás ela era já conhecida como planta medicinal pelos antigos gregos, tendo sido recomendada por Dioscórides para tratar problemas de inflamações da vista.

Aqui fica uma receita para obter um vinagre de mo-



rugem que pode utilizar para temperar as suas saldas ou para lavar o rosto ou usar na água de um banho relaxante.

Triture, com uma varinha mágica, duas chávenas de morugem fresca, misturadas com três chávenas de vinagre e filtre com um coador.

Guarde no frigorífico este vinagre, que apresenta uma cor verde-lima, mas que ao fim de alguns dias se transformará numa bonita cor dourada.

Utilize duas a três colheres diluídas em água morna para lavar o rosto – ajuda a restabelecer o pH da sua pele, sobretudo se viver em zonas onde a água é demasiado alcalina como a zona onde vivo.

A cruz que a Covid esconde

Costa Guimarães

Existem histórias de vida espectaculares que a pandemia da Covid esconde de nós e a do Padre Pier Luigi Maccalli – que esteve sequestrado dois anos e oito meses – é uma delas e envolve uma missionária portuguesa.

Walter Maccalli, irmão do Padre Pier Luigi, e também sacerdote, está em Foya, na Libéria. Alexandra Almeida, uma jovem missionária portuguesa que se encontra igualmente em Foya, disse que o Padre Walter “ficou feliz e sem palavras”, quando soube que o cativo do irmão tinha chegado ao fim. “Só dá Graças a Deus...”, acrescentou ainda a jovem, oriunda da paróquia de Famões, no Patriarcado de Lisboa.

O Padre Pier Luigi Maccalli foi libertado há cinco semanas no Mali depois de ter sido sequestrado no Níger, desde Fevereiro de 2018. Na primeira grande entrevista já em Itália, o padre Pier Luigi recorda como tudo se passou. O rapto, o dia-a-dia em cativo, o silêncio do deserto, as ave-marias rezadas com um terço feito de cordas, e a libertação. Foram cerca de mil dias sob a ameaça de jihadistas. Um tempo impossível de esquecer...

A libertação deu-se provavelmente no termo de uma troca de prisioneiros jihadistas mediada pelo governo militar no poder em Mali. O missionário foi libertado junto com o turista italiano Nicola Chiacchio e dois outros reféns: a cooperadora francesa Sophie Pétronin e Soumaila Cissé político de Mali.

O sequestro do Padre Pier Luigi Maccalli, que começou no Níger e terminou no Mali, é um exemplo da acção fronteiriça de grupos jihadistas que actuam no Sahel: fronteiras de areia e móveis, facilmente invadidas por pequenos grupos armados, que não se agem mais com cavalos ou camelos, mas em motos e camionetas, dotadas de armamentos bélicos.

O Mali passa por um momento político difícil, com um governo de transição se instalou em Bamako, em 5 de outubro, sob a égide dos militares, que depuseram o presidente Ibrahim Boubacar Keita, em 18 de agosto.

O Padre Maccalli foi sequestrado na noite de 17 de setembro de 2018, na missão de Bomoanga, a 150 quilómetros da capital nigeriana, na fronteira com Burkina Faso.



A Agência Fides descreve as circunstâncias da libertação do missionário: “Mudança de governo, militares no comando, negociações provavelmente secretas, sob mediação francesa; prisioneiros de areia em troca de prisioneiros de areia; a libertação ocorreu à noite e, de repente, se abre um cenário, mantido em segredo por anos. Tudo isso em troca da liberdade de outros presos, inocentes ou assassinos”.

O rapto aconteceu a 17 de Setembro de 2018. Estava em casa, na paróquia, em Bomoanga. Ouviu barulho, foi investigar e deparou-se com homens armados. “Gritei, foi uma confusão.” Amarraram-lhe as mãos. Era o começo do cativo que iria prolongar-se até Outubro de 2020. “Preparei-me para morrer, mas disse para mim que talvez não fosse o caso. Respeitavam-me. Era o velho, chamavam-me ‘shébani’ – o velho – o objectivo era mais converter-me ao Islão.” Ao fim de algum tempo, o padre Pier Luigi foi perdendo noção do local onde se encontrava. “A zona era deserta... sem nada... e eu pensava: ‘onde vamos? Onde estamos?’ E aí chorei.” (...) Senti-me perdido. Foi um momento de angústia e disse: ‘Senhor, onde estás?’

Apesar de tudo, o padre Pier Luigi sentia o conforto da presença de Deus. “Estava... perdido. Mas, graças a Deus, nunca me senti abandonado. Sim, gritei com Deus, zanguei-me com Ele, mas sentia que Ele estava presente e que podia falar com Ele porque foi a Sua presença que me susteve em todas as horas.”

No cativo havia algumas rotinas. “O tempo era



longo”, diz o missionário italiano. E começava com o raiar do sol. “Quando me tiravam as correntes que tinha nos pés durante a noite, levantava-me, fazia uma pequena ‘toilette’, podia andar um pouco, rezava o terço que tinha feito com uma corda, depois ia aquecer água, tínhamos uma pequena reserva de cebolas e outras coisas para cozinhar, e pronto, cuidávamos do lume e tínhamos... havia um outro refém – Nicolas – trocávamos algumas palavras, havia sempre qualquer coisa a dizer...”

[Em \[www.fundacao-ais.pt/pt/noticias/noticias_podem_conhecer_mais_pormenores_do_cativo_narrados_na_primeira_pessoa\]\(http://www.fundacao-ais.pt/pt/noticias/noticias_podem_conhecer_mais_pormenores_do_cativo_narrados_na_primeira_pessoa\):](http://www.fundacao-ais.pt/pt/noticias/noticias_podem_conhecer_mais_pormenores_do_cativo_narrados_na_primeira_pessoa) “Nunca tivemos outro tipo de abrigo...” “A tarde era ainda mais longa...” Depois, no serão, “rezava mais um terço até ao pôr-do-sol... o sol nascia, o sol punha-se, a noite era sempre um céu estrelado lindo, sobretudo no Sara, no deserto... e falávamos com as estrelas, punham-nos as correntes e esperávamos pelo dia seguinte.” O anúncio da libertação aconteceu no dia 6 de Outubro. “Fomos ter a um lugar com arbustos e aí encontrámos Sophie Petronin, a refém francesa e o senhor Soumaila Cissé, um político do Mali que tinha sido raptado há seis meses.” Dali até ao aeroporto de Tessalit ainda apanharam uma tempestade de areia e chuva. No aeroporto estava já um avião militar que levou até Bamako, a capital do Mali, o padre Pier Luigi e o outro ex-refém italiano. Chegaram a Roma na quinta-feira, 8 de Outubro.

Do “Vale do Lima” XXIII

P. M. Domingues

Desde que me conheço, sempre me senti aconchegado e amado no seio da minha família originária e da qual só resto eu e as memórias que me povoam. Do ramo biológico donde provenho, também nasceu o meu irmão, agora falecido; dele rebentaram outros ramos (sobrinhos) que depois se multiplicaram, mas vieram para aventuras existenciais diferentes das minhas. Conheci as duas avós, paterna e materna, conheci dois tios, irmãos do meu pai, ambos solteiros; a minha mãe era morgada. (não tive primos). Foi assim, neste círculo afectivo, que se processou a história duma vida. Do círculo ficou um *ponto*.

Eu sou este *ponto*. Aparentemente, poder-se-ia dizer “fim de citação”. Mas prefiro dizer parágrafo, porque a história continua doutro modo. O “*ponto*” teve um tio padre e uma ascendência católica praticante e foi escolhido para estudar no Seminário de Braga em ordem ao sacerdócio. Pela graça de Deus, chegou à meta. A paróquia vizinha da Gave foi o primeiro campo de missão. Seguiu-se uma comissão como capelão militar em Angola. Passou a pároco de Soajo, algum tempo acumulando Gavieira. Daqui passou para Cha-

viães, Cristóval, Fiães e Paços, outra vez em Melgaço. Finalmente, na Casa Sacerdotal de Viana do Castelo, na Foz do Lima, onde o tempo lhe sobra para escrever estas memórias.

Pela vocação sacerdotal, um padre é enviado pelo Bispo, saindo da sua comunidade de origem para outras comunidades onde, de certo modo, exerce o ministério em representação da comunidade natal. Esta deverá, portanto, sentir-se orgulhosa de ter podido enviar, através do seu Bispo. Aliás, é assim que *funciona* a Igreja: missionária e enviada! Comunidade, paróquia, que não tem ninguém para enviar, perde o seu carácter missionário. Parada do Monte honra este carácter e “gerou”, no século XX, sete padres diocesanos, a que já fiz alusão (Justino Domingues, António Domingues, Manuel Vieites de Carvalho, Justino Afonso, Manuel Domingues, José Zeferino Esteves e irmão António Luís Esteves) e uma missionária da Boa Nova, a Palmira Pires.

Não resisto, porque algo me leva a transcrever, aqui, uma passagem de *Tolentino Mendonça, Nenhum Caminho Será Longo, pág. 146, 9.ª Ed.*: “Uma das experiências humanas e espirituais mais libertadoras é quando

conseguimos a força de agradecer a Deus: “Eu Vos dou graças por me haverdes feito tão maravilhosamente” (Sl 138 (139), 14). De facto, a nossa humanidade é narração de Deus: o nosso rosto conta como é o seu; as nossas mãos dão a ver as suas; Ele fala pelas nossas palavras e respira melhor à medida que os nossos gestos se tornam amplos; os nossos olhos testemunham como os dele cintilam; os nossos silêncios e o nosso riso são mapas muito aproximados para quem quiser chegar a Ele. A nossa fragilidade dá a ver a força da sua compaixão. As ausências em que nos perdemos permitem que se revele ainda mais a sua amizade. Como qualquer mãe ou pai, Ele não deseja que o filho seja mais alto ou baixo, mais louro ou tsnado. Ele só quer que os seus filhos sejam o que são e de maneira plena. Nada há em nós que lhe seja desconhecido ou indiferente: interrupções e recomeços, frustrações e desafios, turbulências ou tempos de paz. Ele chega a toda a hora, sem nunca verdadeiramente partir. Ele entra quando lhe abrimos a porta, mas está sempre presente. Ele está aqui e além. Está abraçado a nós e está à nossa espera para o abraço sem fim.”

Flashes do Ciclo

Geringonça de Esquerda, Sim. Geringonça de Direita, Não.

Arménio Melo

Efectivamente, os partidos, ditos de esquerda, julgam que, os partidos, considerados de direita, não possuem os mesmos direitos. Com efeito, o partido socialista, sob a chefia de António Costa que havia destronado José Seguro por ter obtido, duas vitórias, com pouquinho, sofreu uma derrota humilhante, que provocaria, a sua morte, politicamente. Porém, António Costa, vendo que, com a esquerda radical, conseguia maioria, conseguiu uma geringonça que apesar de a união “POR PORTUGAL” PSD e CDS, ter vencido as Eleições, formou governo. Esta geringonça, teve dois desejos, para António Costa, era a sobrevivência política, para os colaboradores, era o desejo da derrubar o governo, que estava no poder que aliás, é o lema dos partidos, comunista e Bloco, ou seja, não foi uma união, com interesse, para Portugal. Com efeito, verificou-se a dificuldade, que os partidos, tiveram em assinar o acordo, o qual, só foi possível, com a exigência, do então Presidente da República, Cavaco Silva, cujo acordo, entre outros deveres, constava a obrigação de aprovar os orçamentos e não propor nem apoiar moções de censura. Agora, nos Açores, as eleições deram resultado idêntico, mas ao contrário, ou seja, o povo desta autonomia, farta da forma como foi governada pelo PS, tirou-lhe a maioria, a este partido, bem como, à esquerda, com a eliminação do Partido comunista, dando a maioria, aos partidos da direita. Assim, o PSD, sendo o partido maior da oposição, recuperou a velha AD, de boa memória e formou governo, destronando o PS o qual, segundo os comentários dos adversários, considerava os Açores um seu Condado, muito bem explorado, pala família César e seus amigos. Assim, o povo açoriano, entendeu por bem, dar a maioria aos partidos conotados com a direita, na esperança, de mudar de paradigma. Esta mudança, obviamente, criou responsabilidades aos partidos, que receberam os votos dessa mudança, precisamente o PSD e o Chega. Neste contexto, o representante do Presidente da República, naquele Arquipélago, pediu ao vencedor das eleições para formar um governo, com apoio maioritário, parlamentar. Mas, o vencedor, não conseguiu, obviamente, convidou o segundo vencedor. Aconteceu, que o PSD, foi o que tinha obrigação, de resolver a situação e o Chega era o partido, que tinha a chave da estabilidade. Com efeito, o Chega, ou apoiava o PSD ou o PS, Não tinha, alternativa. Nestas

condições, estes dois partidos, tinham de se entender, para não desiludir, os açorianos, que confiaram nestes eleitos, Com esse sentimento, José Manuel Bolieiro, na noite das eleições, declarou que assumia com a humildade devida, a responsabilidade, de organizar um governo que permita tirar os Açores, da situação de pobreza, onde se encontra. Para o efeito, declarou procurar entendimento, com todos os partidos. Sendo lhe feita uma pergunta, referente a populistas, respondeu que, nos Açores, para ele não havia populistas nem fascistas, iria falar com todos, os que aceitassem o seu programa. Para o efeito, para o governo, escolheu os partidos, CDS e PPM, para apoio parlamentar, o CHEGA e o IL, tudo democrático e claro. Porém a esquerda pode escolher toda a escumalha, depois para a direita quer que seja a esquerda a nomear. De facto, os adversários e os comentadores, fizeram uma campanha vergonhosa, por ver o PS destronado, muito bem acompanhados, pelos militantes do PSD, inimigos de Rui Rio. Efectivamente, dizerem, o que disseram do Chega e colocar o Partido Comunista num patamar superior, é fazer dos portugueses, ignorantes e de memórias curtas, De facto, dizer que é um dos partidos, criadores da democracia, quando é o único partido, que nem a pratica no partido e apoia os regimes de Cuba e Coreia do Norte, que ainda recentemente, foi aprovado um voto de congratulação, na Assembleia da República, no dia do aniversário, da queda do Muro de Berlim, que causou tantas mortes, dos que estavam no cativo e viram a liberdade, o partido comunista foi o único que votou contra, ou dizerem que é constitucionalista, quando lutaram e lutam contra ela. Esqueceram-se que chegaram a sequestrar os deputados na Assembleia Constituinte, até às quatro horas da manhã, só havia comida para os comunistas. Foi o verdadeiro herói do pós 25 de Abril Jaime Neves, que os libertou, com o Cunhal a dizer, que não haveria Constituição. A constituição chegou ao fim, mas de feição comunista, sendo aprovada mas, com o voto contra do CDS e Sá Carneiro, votou a favor por achar que era preferível uma má constituição do que nenhuma, mas com a promessa de que continuaria a lutar, por uma Constituição democrática, o que conseguiu, dando início em 1980, com extinção do conselho da revolução, subserviente do partido comunista, só este partido votou contra, Em 1987, Cavaco Silva,

Primeiro Ministro, e Victor Constâncio, fizeram a grande reforma, libertando a economia, permitindo que os empresários, que foram obrigados a fugir regressassem, a imprensa ficou livre, televisões privadas a economia ÉTÇ, ou seja completou-se a liberdade, que se havia iniciado, no 25 de Novembro. Mais uma vez, o partido comunista, único a votar contra, desde então, tem havido vários retoques, sempre com o PC a votar contra. Em conclusão: Esta constituição não é a do PC. Além disso, está contra a Europa, contra o Euro e contra a NATO, organizações, onde Portugal se encontra e deseja continuar, Efectivamente, o Partido Comunista, é diferente do Chega mas, para muito pior. Para terminar lembro o elogio que António Costa, há dias deu ao PP Espanhol, por não querer uniões com o VOX, para censurar, Rui Rio. Só posso dizer que António Costa, enganou como é seu lema, os portugueses. Efectivamente, o VOX, apresentou uma Moção de Censura, ao Governo. O PP deu-lhe razão nas razões constantes na censura, porém, não concordava com a oportunidade, nesta altura, representava um brinde a Pedro Sanches, visto que estava condenada à derrota, mesmo que o PP votasse a favor, assim só foi um derrotado. Agora, o Costa deve saber, que o PP, tem acordos com o Cidadanos nos governos em várias Autonomias e Câmaras, mercê do apoio, do VOX. Entre as quais, Andaluzia, esta Autonomia foi a primeira, depois foi Autonomia de Madrid e Câmara de Madrid, Autonomia de Castilha Leon, Autonomia de Múrcia, ETC que os socialistas, apelidaram de “vergonça,” por aceitarem o apoio do VOX. Agora, Pedro Sanches, como está em dificuldades, para aprovar, os pressupostos 2021, fez um acordo com o partido Bildú, partido dos terroristas da Eta, causando a revolta dos familiares e amigos das centenas de vitimas, que foram assassinadas por esta organização terrorista, bem como a maioria dos partidos, ou seja, em Espanha, tal como em Portugal, a esquerda, julga que só ela, tem direito a escolher, os apoiantes que precisem. Verdade é, que nas últimas sondagens, em Espanha, o partido que mais sobe é o VOX e, em França, o partido de Marina Lepene, é o maior e dos partidos comunistas, só existem em Portugal, mas já na queda letal, na União Europeia já desapareceram, há muito tempo. Em Portugal, já começou nos Açores.

Orçamento do Estado 2021 – como afeta a sua carteira?

Costa Guimarães

A proposta de Lei ^o 61/XIV – Orçamento do Estado 2021 já foi entregue na Assembleia da República, tendo sido aprovado no dia 26 de Novembro com os votos favoráveis do PS. Ao longo de várias semanas, após a aprovação na generalidade, o debate na especialidade permitiu um vasto leque de medidas focadas no combate à pandemia que, para além do reforço da saúde, pretende proteger as famílias e apoiar a economia e o emprego.

Depois de quatro dias em debate e votações na especialidade, o Orçamento do Estado (OE) para 2021 foi aprovado em votação final quinta-feira, 26 de novembro. O documento preparado pelo executivo de Costa, em conjunto com alguns partidos da esquerda, foi aprovado com votos a favor do PS, abstenções do Partido Ecologista Os Verdes (PEV), PAN e PCP. O Bloco de Esquerda (BE) votou contra, assim como o CDS-PP e PSD.

“Quero agradecer a todos aqueles (PCP, o PEV, o PAN, as duas deputadas não inscritas) que não desertaram perante as dificuldades da crise e se empenharam em prosseguir o diálogo com o Governo neste processo de apreciação na especialidade”, disse António Costa após uma manhã agitada.

Nesta manhã, BE e PSD uniram-se num voto que impede o Governo de financiar o Fundo de Resolução do antigo BES, contrariando acordos internacionais do Estado Português, além da proposta de pagamento de portagens a extinguir nas auto-estradas (SCUT).

Conheça as principais medidas do Orçamento do Estado em discussão para 2021 e como estas podem afetar a sua carteira.

1. Medidas do Orçamento para a proteção dos trabalhadores...

– Apoio extraordinário ao rendimento... perdeu o emprego ou teve uma quebra significativa na sua atividade? Vai poder beneficiar de um apoio extraordinário ao rendimento, tendo como valor de referência o limiar da pobreza, fixado nos 501 euros.

Para ter direito a este apoio terá de cumprir alguns requisitos, tais como:

Trabalhar por conta de outrem, incluindo trabalhadores domésticos e trabalhadores independentes economicamente dependentes, e ter ficado sem emprego, não tendo direito a subsídio de desemprego ou tendo este terminado;

Trabalhar por conta própria e ter sofrido uma quebra de rendimentos de, pelo menos, 40%.

– Aumento o valor mínimo do subsídio de desemprego: está previsto no Orçamento do Estado 2021 o aumento do valor mínimo do subsídio de desemprego para um montante acima do limiar da pobreza (501 euros) para os trabalhadores que recebiam, pelo menos, o salário mínimo.

– Complemento ao subsídio social de desemprego: se recebe o subsídio social de desemprego, pode vir a beneficiar de um complemento correspondente ao valor da diferença para o novo apoio extraordinário.

– Prorrogação do apoio à desproteção económica e social: os trabalhadores informais em situação de desproteção económica e social podem beneficiar do apoio extraordinário até 2021.

Este apoio é dirigido às pessoas que não se encontram obrigatoriamente abrangidas por um regime de segurança social, nacional ou estrangeiro, e que declarem o início ou reinício de atividade independente junto da administração fiscal.

– Suspensão da caducidade dos contratos coletivos: esta medida visa suspender os prazos para a caducidade na contratação coletiva em casos em que não há acordo para a sua substituição, nem renovação prevista. Esta suspensão terá um prazo de 24 meses.

Outra medida aprovada para o OE 2021 é o reforço das políticas ativas de emprego e formação profissional, bem como apoios adicionais à contratação, nomeadamente de jovens e para Pequenas e Médias Empresas.

– Suplemento de insalubridade e penosidade... com a implementação desta medida, são aumentados os suplementos remuneratórios e as compensações que se fundamentam na prestação de trabalho em condições de risco, penosidade e insalubridade.

Têm direito a este suplemento os trabalhadores em funções públicas nas autarquias locais nos setores da higiene urbana e saneamento que, devido à natureza das próprias funções, aos objetos utilizados ou fatores ambientais, estejam expostos a maior probabilidade de ocorrência de lesão física, psíquica ou patrimonial, estando suscetíveis à degradação do seu estado de saúde.

2. Medidas de defesa dos rendimentos

– Aumento do salário mínimo em linha com o aumento médio dos últimos anos, mantendo-se o objetivo de atingir os 750 euros em 2023.

O montante para o salário mínimo em 2021 ainda está em discussão. Apesar de não haver decisão, está em cima da mesa a possibilidade de esta remuneração sofrer um aumento de 23,75 euros face a 2020, passando assim de 635 euros para 659 euros.

– Aumento extraordinário nas pensões visa apoiar os pensionistas que recebem até 1,5 do montante do IAS (658 euros) com um aumento extraordinário de 10 euros, a partir de 2021, ou seis euros caso as respetivas pensões tenham sido atualizadas entre 2011 e 2015.

– Diminuição das taxas de retenção na fonte: para 2021 está prevista a diminuição das taxas de retenção na fonte de IRS, garantindo que as famílias portuguesas têm liquidez adicional no próximo ano.

– O IVA da eletricidade vai baixar... a partir de 2021 vai poder beneficiar de uma taxa de IVA mais baixa na eletricidade, sendo aplicável até 100 kWh – ou no caso de famílias numerosas até 150 kWh –, o que permitirá uma poupança significativa.

Comparar tarifas de eletricidade

O IVA vai ser devolvido aos consumidores

O Orçamento do Estado 2021 estipula que os consumidores vão receber o IVA pago em despesas de restauração, alojamento e cultura, através de um crédito fiscal em vouchers, para gastar nesses mesmos setores.

Oportunidades de carreira

Serão criadas oportunidades de carreira, tais como promoções, progressões, atualizações e novas contratações, com o intuito de aumentar a massa salarial na Administração Pública em 3%, em 2021.

Creche gratuita

Esta medida visa atribuir creche gratuita a todos os filhos das famílias no 1^o e 2^o escalões de rendimento da comparticipação familiar, ou seja, que recebam até 30% da remuneração mínima mensal ou entre 30% a 50%, respetivamente.

Para saber mais, leia <https://www.compara.pt/>.

3. Principais medidas para reforçar a saúde

– Subsídio extraordinário de risco para os profissionais de saúde que se encontram na linha da frente no combate à COVID-19, no valor de 20% do salário base, tendo como montante máximo os 219 euros.

– Isenção de pagamento de taxas mod-



eradoras: os exames complementares de diagnóstico e terapêutica prescritos no âmbito dos cuidados de saúde primários são dispensados do pagamento de taxas moderadoras.

– Investimento nos cuidados de saúde vai aumentar muito significativamente em 2021. Será alargada a rede de cuidados continuados integrados e haverá ainda um reforço no Programa de Saúde Mental.

4. Outras medidas

Também no OE2021 foram definidas medidas no sentido de combater as alterações climáticas, promovendo a densificação e o reforço da oferta de transportes públicos, mantendo os passes sociais mais baratos.

Será também lançado um novo programa de investimento em equipamentos sociais da rede pública e do setor social, abrangendo respostas nas áreas de apoio à infância, idosos e pessoas com deficiência.

As propostas apresentadas para o Orçamento do Estado 2021 assentam principalmente no combate à pandemia, com o intuito de proteger os trabalhadores e rendimentos e ainda reforçar a saúde. Porém, ainda nada está decidido.



Associação Social e Cultural “Dona Paterna”

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos artigos 22^o, alínea c) e 27^o alíneas b) e c) dos estatutos convoco a Assembleia Geral da Associação Social e Cultural “Dona Paterna”, a reunir em 1^a convocação, em sessão ordinária, no próximo dia 22 de dezembro de 2020, pelas 13:30h, no edifício da antiga cantina escolar, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Informação sobre a atividade da associação
2. Apreciação e aprovação do Relatório de Atividade e Contas do exercício 2019
3. Discussão e aprovação do Plano de Atividades e Orçamento para o ano 2021;
4. Apreciação e aprovação da contratação de empréstimo bancário para regularização da tesouraria e obras de ampliação do ERPI;
5. Apreciação e votação sobre a aquisição onerosa do edifício sede.
6. Outros assuntos.

Esta reunião atende às normas de contingência impostas pela situação pandémica que atravessamos.

Não se verificando quórum, a Assembleia reunirá trinta minutos mais tarde, com qualquer número de associados.

Paderne, 30 de novembro de 2020

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Carla José Gomes Fernandes

102 anos de Beatriz Fernandes: 37 256 dias de grandes memórias!

Gabriel Lourenço

Recuamos no tempo. Estamos em 1918, ano em que o país e o mundo atravessam a **gripe espanhola, uma vasta e mortal pandemia que durou de Janeiro de 1918 a Dezembro de 1920.** A 5 de Novembro, Ludovina Afonso, casada com José Fernandes, infetada com a gripe espanhola e a atravessar alucinações devido à febre elevada, dá à luz – “sem se aperceber e chutando-a para os pés da cama” – a terceira dos seus seis filhos, de nome Beatriz dos Anjos Fernandes.

Hoje, com 102 anos, revela alguns factos históricos da sua vivência nestes 37 256 dias de vida. Numa conversa informal, fui conseguindo fazer uma viagem pelo tempo, com a minha tia-avó.

Sentada no quentinho do fogão de lenha, começa a conversa por me pedir para lhe colocar o seu fio à vista para a fotografia dos 102 anos, o qual nunca larga, fazendo presença viva do seu falecido marido na medalha que transporta.

A “tia” Beatriz é quase como uma tia de todos da freguesia de Chaviães. Com firmeza, dureza e pulso firme, casou aos 27 anos e foi mãe de seis filhos, cinco ainda vivos. Um facto engraçado e curioso é que se Ludovina Afonso, sua mãe, deu à luz seis filhos (cinco raparigas e um rapaz), a tia Beatriz fez o inverso (cinco rapazes e uma rapariga).

Diz que é “rija” porque a cada parto “comia por dia uma galinha cozida e uma ‘peça de trigo’ e que a pandemia que se vivia no ano em que nasceu contribuiu para o fortalecimento do seu sistema imunológico.

Andou na escola mas **não sabe que ano de escolaridade completou “porque naquele tempo não havia exames”, mas recorda que a professora a mandava ensinar as colegas da sala. “Porque davam muitos erros e eu não dava erros quase nenhuns”.**

As visitas ao médico... “Contam-se pelos dedos”. De



nova tem lembrança de apenas ir ao médico a Espanha com o marido porque “estava com uma dor que já não sabe de quê!”

Com uma vida partilhada entre o lugar do Escuredo e de Soengas, na freguesia, “palmilhava quatro vezes por dia a estrada que as liga” para trabalhar no campo, sentindo-se na obrigação de abrandar o ritmo após uma fatura óssea, o que a levou a vir morar com a sua filha e irmãs até então vivas!

Afirma ser feliz por viver mesmo com os desgostos que foi atravessando ao longo da vida, importante referir a perda de um filho quando ainda jovem de acidente de mota e do seu marido anos depois. **Com uma memória ativa, consciente e com mobilidade embora um bocado reduzida “porque as pernas não querem”, diz ela, aos 102 anos não dispensa sempre que possível os passeios domingueiros** ou um bom convívio à mesa num restaurante com a família e amigos onde brinda sempre os presentes com cantigas populares!

Este ano, devido ao ano atípico que se vive devido à pandemia que o país e o mundo atravessam 102 anos depois, não fez a festa que de ano para ano tanto ambiciona... Não teve a presença física dos seus quatro filhos, sete netos e onze bisnetos que se encontram emigrados, mas fizeram-se presentes com chamadas telefónicas ao longo do dia, que a marcaram, bem como a visita de vizinhos e das colaboradoras do Centro Paroquial e Social de Chaviães que prestam serviço de apoio domiciliário.

Sem grandes festejos, não deixou de marcar e soprar as três velas desta bonita idade.

Mulher de Fé e católica praticante (agora através da televisão mas com a visita do pároco ao longo do ano), perguntei-lhe qual era a receita para chegar aos 102 anos.

Primeiro levantou o seu olhar para o céu e depois disse: “A receita?” – Riu. Após duas gargalhadas, concluiu. – “A receita só Aquele que está lá em cima que vos pode dar...”.

Seja o herói da história

**COMPRE LOCAL!
COMPRE O QUE
É NOSSO.**

Faça as suas compras de **NATAL** em Melgaço.

Salve a nossa economia.

Mantenha-se informado em www.cm-melgaco.pt!

melgaço
município

EpisKey: projecto de Maria Gonçalves e Mariana Costa conquistou Prémio do Público do Angelini University Award! 2019/2020

João Martinho

A melgacense Maria Gonçalves foi uma das alunas da Escola de Engenharia da Universidade do Minho agraciadas com o Prémio do Público do AUA! 2019/2020, um concurso promovido pela farmacêutica Angelini ao qual as estudantes candidataram o projecto EpisKey, um dispositivo multidisciplinar para o pré-diagnóstico e tratamento da dor.

A proposta submetida a votação por Mariana Costa e Maria Gonçalves recolheu a esmagadora maioria dos votos do público e confirmou a validade do projecto em cerimónia de entrega de prémios (emitida em streaming) no dia 19 de Novembro.

O jornal "A Voz de Melgaço" questionou a jovem melgacense de 24 anos de idade, estudante do Mestrado Integrado em Engenharia Biomédica, sobre a **viabilidade deste produto no mercado e as principais valências no pré-diagnóstico e tratamento da dor a que se propõe.**

E poderá ser mesmo possível, confessa-nos a futura engenheira, uma vez que o dispositivo "de pré-diagnóstico rápido e no tratamento/alívio da dor" utiliza "técnicas de multi-estimulação localizada" utilizando componentes electrónicos já devidamente orçamentados (e financeiramente viáveis) para a construção de um protótipo. Bastará por isso que a comunidade se interesse... Mas deixamos que a Maria Gonçalves nos conte tudo.

A Voz de Melgaço (AVM) – Como surgiu a oportunidade de candidatar o projecto EpisKey ao Prémio Votação do Público dos AUA! 2019/2020?

Maria Gonçalves (MG) – Tivemos conhecimento deste concurso no ano passado e foi muito engraçado! Tanto eu como a Mariana somos estudantes do Mestrado Integrado em Engenharia Biomédica, no entanto, estamos a tirar mestrados diferentes, eu estou a estudar Informática Médica e ela Electrónica Médica. Numa das minhas aulas assisti a uma apresentação do concurso promovido pela Farmacêutica Angelini e do tema desse ano e achei que seria a oportunidade ideal para juntarmos as nossas áreas e criarmos um projeto nosso! Todavia, esse foi um ano académico muito exigente e achamos que não conseguíamos dedicar todo o tempo que o projeto merecia, então decidimos que independente do tema deste ano, íamos participar!

AVM – Toda a idealização do projecto foi da vossa autoria (Maria e Mariana)? Como surgiu a ideia?

MG – Sim! Este ano o tema do concurso era "Menos Dor, Mais Vida" e, sendo a dor um fenómeno tão complexo e ao mesmo tempo tão amplo, inicialmente fizemos uma investigação sobre esse conceito. O que mais nos impressionou foi um estudo [o "Estudo Global sobre o impacto da dor no Mundo", da Global Pain Index] promovido pela companhia farmacêutica multinacional britânica GSK, em que vimos que **Portugal é um dos dez países onde a dor física (corporal, muscular e de cabeça) tem mais im-**



pacto. O estudo revela ainda que 70% dos inquiridos referem que isso prejudica o seu bem-estar diário. Foi neste contexto real que, com a ajuda da professora Susana Catarino, surgiu a ideia de criar o EpisKey, um dispositivo revolucionário, inovador e indispensável que visa, acima de tudo, contrariar as estatísticas até aqui verificadas.

Antes de projectarmos o dispositivo, fizemos uma análise de mercado para verificar o que já havia e o que achávamos que fazia falta. Actualmente, já existem vários dispositivos capazes de efectuar tratamentos ao nível do alívio da dor, no entanto, todos os dispositivos encontrados são dispositivos individuais e separados que apenas aplicam uma técnica de estimulação/tratamento.

AVM – E em que consiste então, mais concretamente, este dispositivo e como pode ser um auxiliar no tratamento da dor?

MG – É um dispositivo multifuncional otimizado que tem como objetivo auxiliar no pré-diagnóstico rápido e no tratamento/alívio da dor, através de várias técnicas de multi-estimulação localizada. O equipamento projectado é constituído por uma aplicação central, que poderá ser descarregada para um telemóvel ou tablet, e três módulos que são responsáveis pela realização das terapias pretendidas pelo utilizador.

A aplicação serve como guia de apoio para a utilização dos módulos e para a consequente eficácia do apoio ao pré-diagnóstico. Esta contém um conjunto de programas, concebidos de acordo com o módulo a utilizar, a terapia que o utilizador pretende, e o tipo e região da dor que se deseja aliviar. **Os três módulos a desenvolver para ligação à aplicação central são um módulo sensorial, um módulo de terapia por luz e um módulo de terapia por vibração e energia térmica que, apesar de serem colocados na epiderme (a camada mais superficial da pele), atingem as camadas mais profundas.**

A implementação e desenvolvimento de um protótipo do EpisKey é relativamente económico, uma vez que os componentes electrónicos foram selecionados de forma a apresentar o menor custo possível com o mínimo



consumo de potência. Finalmente, a portabilidade é uma das características em destaque no sistema, uma vez que o fácil transporte e a simples ligação a qualquer dispositivo permitem a sua utilização em qualquer lugar.

AVM – Em que ponto de desenvolvimento está este equipamento e a interactividade com as plataformas digitais (smartphone, tablet, etc)?

MG – No decorrer do concurso, realizou-se um relatório que continha o desenvolvimento teórico do dispositivo EpisKey, constituído pela aplicação e os três módulos associados. Para a conceção do relatório foram considerados os seguintes aspetos: a avaliação do potencial e interesse da sociedade no dispositivo através de um inquérito online; a projecção detalhada de cada módulo, nomeadamente as funcionalidades, benefícios e áreas de actuação, os componentes electrónicos necessários para a sua criação e o orçamento para a construção de um protótipo; a idealização dos conteúdos da aplicação e a criação do *design* da sua interface; e, por último, a restante análise financeira dos envolventes do projecto (os recursos humanos, os ensaios clínicos e a integração de acções de marketing e comunicação).

AVM – Postas essas avaliações, há viabilidade para que o dispositivo possa um dia ser comercializado para o cidadão comum, ou será restrito para clínicas ou outras unidades de diagnóstico e tratamento?

MG – O desenvolvimento do dispositivo é de enorme interesse para empresas e institutos que trabalhem na concepção de materiais médicos, ligadas ao sector do pré-diagnóstico e alívio da dor. Relativamente à venda do produto, apresenta-se vantajoso em lares, clubes desportivos e ginásios, entre outros, onde o EpisKey pode dar resposta a um maior número de pessoas. No entanto, tal como foi demonstrado através do vídeo promocional que esteve em votação, trata-se de um dispositivo que pode estar em todas as casas ao serviço de qualquer família.

AVM – Por último, a vitória surpreendeu-vos, ou o apelo nas redes sociais e as votações ao vídeo de apresentação (visíveis) foi-vos preparando para o que se seguiu?

MG - Claro que ter obtido este resultado foi uma ótima surpresa! Todos os restantes concorrentes eram de peso e apresentaram projectos fantásticos! No entanto, não posso esconder que havia uma certa esperança, até porque sem ela não havia a vontade de concorrer e ganhar! Mas é importante esclarecer que neste concurso havia dois tipos de prémios: o Prémio da Votação do Público e o Prémio Principal. Nós conseguimos ganhar o primeiro e ficar entre os cinco finalistas do Prémio Principal.

Tenho ainda que realçar que, ao contrário do Prémio Principal cujo resultado dependia somente do júri, o Prémio da Votação do Público foi criando muita ansiedade na medida em que as posições dependiam de uma votação pública e iam alternando constantemente, tornando-se necessário o apelo diário. Neste sentido, aproveito, mais uma vez, para agradecer o empenho e a colaboração de todos, em especial o carinho dos melgacenses!

NOVIDADES
VINHOS
QUEIJOS
MEL
CHÁS REGIONAIS

"Da Costa Congelados, até ao seu prato"

Rua Dr. António Durães, 119
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!
251 031 438

Manoel Batista denuncia atendimento “vergonhoso” das Finanças e Registo. “Não há aqui leprosos”

João Martinho

O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, classifica o atendimento de alguns dos serviços públicos do concelho de “vergonhoso” no que respeita à criação de filas de espera no exterior dos edifícios.

Devido ao surto pandémico Covid-19, alguns dos serviços de atendimento ao público optaram por restringir o acesso ao interior das instalações, limitando o número de clientes ou permitindo apenas a entrada se imediatamente atendidos. Outra das opções tem sido a marcação por telefone.

No entanto, o edil de Melgaço lamentou, em declarações ao jornal “A Voz de Melgaço” que os serviços das Finanças e da Conservatória do Registo locais continuam “vergonhosamente” a “colocar as pessoas à porta” enquanto aguardam a sua vez.

“Os serviços públicos dessa natureza deviam ter vergonha do trabalho que estão a fazer. Deviam rever rapidamente essa forma de atender e fazer serviço público. Não há aqui leprosos”, criticou o autarca.

Manoel Batista aponta o exemplo dos serviços autárquicos enquanto forma de que “é possível fazê-lo” protegendo a população das condições meteorológicas deste período e cumprir as recomendações de segurança da DGS.

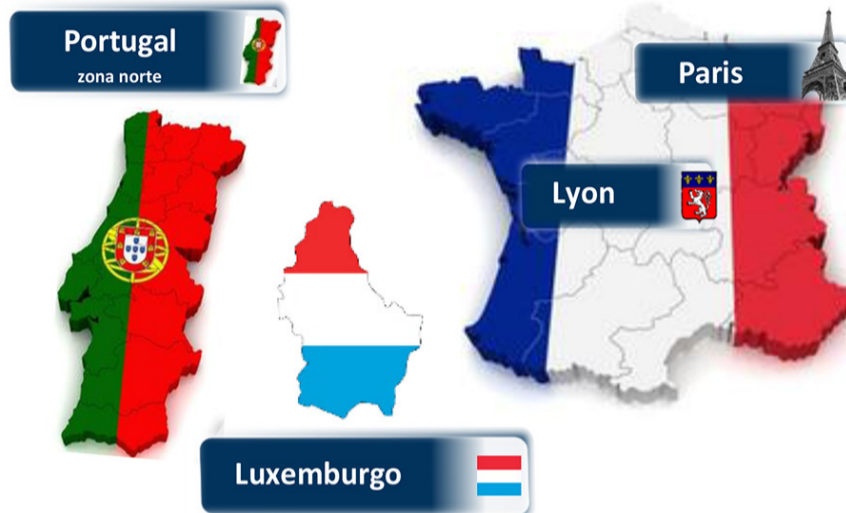


“Nós damos exemplo disso. Logo após a fase aguda da primeira vaga, fizemos a abertura dos nossos serviços. E mesmo quando tivemos um ou dois casos positivos na Câmara, fechamos um dia, resolvemos e no dia seguinte estávamos a reabrir o serviço à população. Damos o exemplo de que somos capazes de o fazer assim, portanto os outros seriam capazes de o fazer também”, reiterou.

O “desagrado absoluto” em relação a estes serviços “que continuam a por as pessoas à porta no Inverno” já foi comunicado pelo autarca à Ministra da Modernização do Estado e da Administração Pública, Alexandra Leitão, pedindo outra política de atendimento para uma “população envelhecida que precisa de ser bem atendida”.



LINHAS INTERNACIONAIS



Barquense (+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT Nº 1849
SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, Nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL
INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

UKUBO

Imobiliária
Mediação Imobiliária

Quer vender o seu imóvel e não sabe como?
Na UKUBO temos a solução para si!

- Fazemos uma análise de mercado e propomos o valor mais equilibrado e ajustado do seu imóvel;
- Tratamos da recolha de toda a documentação necessária para a realização da escritura;
- Mediamos o processo de obtenção do certificado energético, documento obrigatório para a realização da venda.

UKUBO Consultoria,
O seu parceiro de negócios.

Melgaço
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto
4960-522 Melgaço
+351 251 418 322

Monção
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950-446 Monção
+351 251 031 908

Braga
Av. Robert Smith, nº19
4715-398 Braga

info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Quinta em Carvalheiras
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Quinta composta por moradia V3, com aquecimento central e água corrente e terreno com cerca de 7 000m2. Detém excelentes vistas para o rio Minho, boa exposição solar e situa-se apenas a 5km da Vila de Melgaço.

80.000€
00035



Terreno com aptidão construtiva
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno com aptidão construtiva com, aproximadamente, 1.064m2. Bons acessos e boa localização, junto à estrada. Ótima exposição solar.

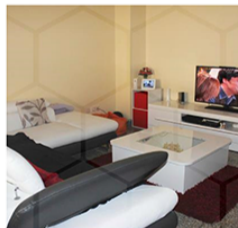
42.000€
00325



Apartamento T2
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T2, situado na Vila. Possui cozinha americana mobilada e equipada, aquecimento central e um lugar de estacionamento.

87.500€
00341



Moradia em Alvaredo, Melgaço
Alvaredo, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia em pedra de r/c, andar e quintal. Localizada perto da ponte internacional e das termas do Peso. Necessita de obras e possui boa exposição solar.

95.000€
00405



Edifício em Paçô - Vila e Roussas
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Edifício de r/c, andar, anexo e rossios, destinado a armazém e atividade industrial. Antiga discoteca e restaurante Pegaso. Para venda ou arrendamento. Valor e forma de pagamento negociável.

Sob Consulta
00566



Terreno de cultivo
Longos Vales, Monção, Viana do Castelo

Terreno de cultivo com cerca de 4780m2. Ideal para a produção de vinho Alvarinho.

25.000€
00575



Terreno com ruína
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno com cerca de 10.000m2, com garagem, água de poço e três minas com água corrente. Possibilidade de construção ou cultivo.

47.000€
00640



Moradia V3
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia V3, situada numa zona tranquila, perto da Vila de Melgaço. Possui caixilharia nova com rutura térmica, dois anexos, garagem e adega. A propriedade dispõe de bons acessos e um terreno de cultivo com cerca de 900m².

160.000€
01023





Santa Marinha de Roussas (Melgaço): uma freguesia com origens muito antigas

Começo por dizer que desconheço a razão pela qual o nome desta freguesia se passou a escrever desta forma (Roussas), com dois “ss”. Na realidade, durante muitos séculos nunca foi utilizada a grafia atual. Bastanos dar uma leitura pela documentação paroquial até início do século passado e outros documentos desde a Idade Média e verificamos que o nome da freguesia é normalmente escrita segundo a forma “Rouças” ou semelhantes. Por exemplo, num documento de Setembro de 1363 da diocese tudense, o nome da freguesia é escrito na forma “Sancte Marine de Rouças”. Mas qual a origem do seu nome?

Segundo MARQUES, J. (2018), a origem do topónimo radica no verbo rumpu, rupi, ruptum, que significa romper, arrotar, lavar, desbravar a terra. Acrescente-se que em documentação pertencente ao Cartulário de Fiães, o nome desta freguesia aparece sob diversas formas tais como Raucis, Roucis e Rouces, desde o século XII. A evolução fonética terá chegado à forma substantiva de raptias/rupcias, depois cristalizada em Raucis. Segundo alguma estória da tradição oral local, a freguesia assim se chama porque, em tempos muito antigos, alguns condenados eram forçados a trabalhar (raucis) estas terras, outrora bravias, não estando contudo esta alegação documentada.

Efetivamente, a freguesia de Rouças é muito antiga sendo abundantemente referida nos documentos do Cartulário de Fiães durante o século XII e seguintes. Segundo, PINTOR, B. (1975), existem cerca de trinta documentos nos documentos de Fiães, desde 1152 a 1257, relacionados com Rouças. Nessa documentação, já na época se menciona a sua padroeira, Santa Marinha, santa mártir do século IV. Nesses documentos mais antigos, podemos encontrar referências a nomes de lugares e outros elementos naturais, alguns com o nome de vilas: Cavaleiros, Paço, Vilela, regato de S. Mamede, Requeixo, Oleiros, Eiró, Corujeiras, Cuvilhós, Surribas, Bilhões, Porto da Candosa, entre outros (PINTOR, B., 1975). Parece ser de Rouças, o alcaide mais antigo de Melgaço do qual se conhece o nome, mencionado em documentos de 1240 e 1241. A pessoa citada aparece citada como Garcia Pires ou Garcia Tourões, variante do seu nome.

Diga-se que, por exemplo, em relação ao lugar de Cavaleiros, é referido em documentação de meados do século XII como sendo uma vila nessa época. De facto, em documento de 1160, já nos aparece com esta designação, mas precisamente numa escritura de venda de uma propriedade pertencente a uma freira chamada

Marinha Pais ao Mosteiro de Fiães. A transação foi feita pelo preço de 100 moios, sendo 50 pagos em cavalos, vacas e outras coisas e 366 missas pelos outros 50.

Em 1166, a Condessa D. Froinile doou ao Mosteiro de Fiães um casal em Cavaleiros, a limitar com o regato de S. Mamede com Paço e com Melgaço, abaixo do monte de Côtaro.

Rouças aparece também referenciado num outro documento de meados do século XIII. Neste, datado de 1244, uma tal Elvira Pires vende ao mosteiro de Fiães uma vinha que havia recebido de seu filho Nuno Pires, militar, para saldar dívidas às igrejas de Santa Marinha



de Rouças e de São Paio, e outras.

No séc. XIII, a igreja de Rouças pertencia ao Cabido de Tui, segundo um documento existente na Torre do Tombo elaborado “para servir de lembrança às Inquirições de 1258” (COSTA, L., 1981). Nestas inquirições, aparece-nos uma referência muito ligeira à freguesia de Rouças. Diz-se que fazia parte do Couto de Melgaço e que por isso estava isenta de obrigações especiais. Tinha-as englobadas no conjunto com as demais freguesias que formavam o referido couto e concelho (PINTOR, B., 1975). Nessa época, era pároco um tal Martinho Joanes. Ele e outros homens da freguesia prestaram informações sob juramento como era da praxe. Entre eles, aparece referenciado um tal D. Facundo. Limitaram-se a dizer que o rei não era patrono da igreja da sua terra e que fazia parte do Couto de Melgaço (idem).

Na Inquirições de D. Dinis em 1290, volta a aparecer referenciada Rouças. Sabemos que as condições sociais se modificaram um pouco no tempo do rei D. Afonso III com a renovação dos forais. Rouças terá querido eximir-se a certas obrigações pela razão de amádigos. PINTOR, B. (1975) explica-nos melhor a razão para esta situação: “Amádigo era um privilégio concedido às famílias que

criavam filhos de fidalgos, privilégio que podia abranger uma família ou um lugar e consistir em não pagar tributos ao rei. Ficavam honradas as famílias ou os lugares porque criando os filhos dos fidalgos tornavam-se de certo modo seus vassalos. Isto deu motivo a vários abusos. Por vezes, os fidalgos confiavam os filhos durante algum tempo a certas famílias, apenas com o intuito de as honrarem, e não custa a crer que tais amos dos seus filhos se tornassem agradecidos com presentes. Quando faleciam tais amos honrados, conhecidos por amádigos, ainda muitos fidalgos procuravam continuar com o privilégio concedido ao lugar e até por vezes alargando-o às vizinhanças. Em tal caso, já não era isenção de amádigo e passava a chamar-se paramo.” Sabemos que em 1290, o rei D. Dinis aboliu esses privilégios, garantindo, no entanto, a quem já os tivesse.

Pela razão aludida no parágrafo anterior, e contrariando os desejos dos fregueses de Rouças que queriam ficar isentos de impostos reais pela razão de amádigos, os inquiridores apenas consideraram como honrado, a Quinta de Forno Telheiro, que provavelmente ficaria situada nas imediações da igreja paroquial onde hoje se encontra a localidade de Telheiro. Todo o resto da freguesia foi considerado devasso, ou seja, sujeito ao pagamento de impostos ao rei.

As Inquirições de 1301, não referem Rouças e as de 1307 garantem os privilégios de honra à “Quintã de Forno Telheiro” enquanto for de fidalgos (PINTOR, B., 1975).

Desta época, é uma lápide sepulcral que foi encontrada nos anos 50 do século passado junto ao Mosteiro de Fiães. A dita lápide pertencia a um residente, seguramente ilustre do lugar de Cavaleiros. Como sabemos isto? Na dita pedra, encontra-se a seguinte inscrição:

**E:M:CCC:LIIII KL'S IULI
O' M:Ih'IS DE CAVALEIROS**

Segundo leitura de PINTOR, B., (1975), deve interpretar-se assim:

“Era 1354 calendis Julii obiit Martinus Johannes de Cavaleiros”

Tal inscrição, em linguagem corrente, deve ler-se: “Na era de 1354, nas calendas de Julho, faleceu Martinho Joanes de Cavaleiros”. A era de 1354 corresponde ao ano de 1316.

Em 1320, uma concessão papal concedeu a D. Dinis a faculdade de receber, durante três anos, as contribuições das igrejas do reino para a guerra contra os Muçulmanos. Santa Marinha de Rouças foi taxada em 120 libras. No respetivo arrolamento estava adstrita à “Terra de Valadares”. No velho termos de Melgaço, apenas Chaviães foi taxado num valor superior.

Por bula do Papa Eugénio IV, de 14 de Julho de 1444, e a pedido do regente D. Pedro, a comarca eclesiástica de Valença foi separada do cabido de Tui (na altura adepta do papa de Avinhão) e é anexada à diocese de Ceuta (COSTA, L., 1981). Em 20 de Setembro de 1512, por um contrato celebrado entre o D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, e D. Frei Henrique, bispo de Ceuta, a administração eclesiástica de Valença passou a pertencer à diocese de Braga, enquanto que a administração de Olivença ficou na posse da diocese de Ceuta. Santa Marinha de Rouças passou, então, a ser administrada pelo Arcebispado bracarense. Por um “memorial feito em tempo de Dom Manuel de Sousa (1545-1549), a paróquia foi avaliada em 40.000 reis encontrando-se referida como pertencente à Terra da «villa de Melgaço»”.

O foral de D. Manuel I, de 1513, fala de Rouças apenas por causa do casal de Cavaleiros e de uma vinha a propósito da qual se transcreve este extrato do dito foral: “(...) E na freguesia de Rouças, o casal de Cavaleiros que trás Pero Mouro paga sabido de pão vinte alqueires, a saber, quinze de centeio e cinco de milho, e uma marrã. E se não tem escritura de obrigação pode-se mudar ao quarto se quiser”

Continua na pág. seguinte

Mãe, por favor, vem depressa em nosso auxílio!

Cón. José Paulo Leite de Abreu*

Estamos cansados do Covid 19. Estamos cansados de ver doentes, de ver máscaras e sapatos de plástico, de ver luvas e ventiladores.

Estamos cansados de tanto número na televisão, um pior que o outro, curvas sempre a subir, estatísticas ameaçadoras, carregadas de óbitos, de internamentos, de fadigas nos tratadores de doentes.

Estamos fartos da desconfiança, o outro como potencial inimigo, a afastar, a manter à distância, sem um toque, sem um carinho, sem um beijo, sem um abraço. E nem sequer o nosso sorriso recebe, tapado por uma máscara que nos abafa, que nos distorce, que nos atormenta.

Mãe, já chega. Vem depressa em nosso auxílio!

Também estamos cansados de ver em cada puxador uma bomba, em cada objeto uma espingarda, em cada papel um contágio, em cada saco de compras um perigo, em cada pedaço de tecido um depósito de vírus.

E não suportamos mais essa ideia da quarentena, dias e dias a contar carneiros, a ver paredes, a trepar por elas, a pensar na vida, a pensar no próximo teste ao Covid, a desesperar por ver o mundo um pouco maior que quatro paredes. Há gente que não sai de um quarto há meses, espreitando apenas para detrás da porta, a certas horas, em busca de algum alimento.

Tanta gente sozinha, cada vez mais sozinha, com medo de estar sozinha, igualmente com medo de re-

ceber companhia, porque tudo agora é ameaça, tudo é perigoso, tudo amedronta.

Mãe, já chega. Vem depressa em nosso auxílio!

Os números do desemprego vão subindo assustadoramente. A frustração é enorme. Não há mais motivação para nada. Não há razões para uma luta. Acabaram-se os objetivos. A fome espreita. Começa a faltar até o essencial. E para além do estômago vazio, os olhos começam a ficar embaciados, o coração mirrado, os dias cinzentos, a vida pesada e triste.

Não podemos morder a bochecha do bebé que nasceu, não podemos abraçar o amigo que está aí, a mãe - que é de idade - não recebe o carinhoso beijo, vai tudo de aceno ao longe, ou espreita-se pela janela. E se alguém se lembra de partir, os olhos vêm-no afastar-se, a solidariedade reduzida ao virtual, a mensagem enviada de longe, sem o calor da presença, o lenitivo do abraço, a solidariedade física, meiga e robusta.

Mãe, já chega. Vem depressa em nosso auxílio!

Estamos cansados de ver setas, contagens de espaço em metros, percursos assinalados, senta aqui e deixa espaço acolá, vai pela outra porta e chega-te para lá. Passa tanta corrente de ar entre nós e o próximo... Que distantes nos sentimos...

Milhares de consultas adiadas, milhares de operações desmarcadas, tantos doentes descuidados, porque as atenções se centraram e centram apenas ou quase

exclusivamente num núcleo de enfermos. Mas os outros debilitados também sofrem, também penam, também morrem, também precisam de cuidados...

Uma dor de cabeça, que aflição. Uma tossidela, a mente começa logo a funcionar. A cabeça mais quente... e ...estarei doente?! Faço teste ou não?! Ligo pra quem? Ou não ligo já?! Vou ter com quem tinha previsto encontrar-me ou irei contaminar?! Dúvidas. Muitas dúvidas. Incertezas. Muitas incertezas.

As floristas não vendem, os restaurantes estão afli-tos, os cafés estão meio vazios, o negócio para tantos não rende, nem pra comer, que fará para fazer face a despesas. Que desatino!

Mãe, por favor, já chega. Vem mesmo depressa em nosso auxílio!

Começa por socorrer os doentes e os enlutados. Dá coragem a quem tem que cuidar de uns e de outros. Acolhe os que partiram. Dá luz a quem procura antídotos. Dá-nos serenidade, saúde e paz. Dá-nos sustento e ânimo. Cuida de nós. Cuida de todos. Cuida do mundo.

Que em breve nos possamos, sem medo, abraçar. E possamos louvar-te pelos teus benefícios, ó Mãe piedosa e bendita, Rainha dos Céus e da Terra, a quem, de todo o coração, nos confiamos.

Mãe, por favor, vem depressa em nosso auxílio!

* Presidente da Confraria de Nossa Senhora do Sameiro

Continuação da pág. anterior

O Censual de D. Frei Baltazar Limpo, organizado em 1551 e objeto de cópia no tempo de Frei Bartolomeu dos Mártires (1559-1581), refere que a Igreja de Rouças constava do sumário de D. Diogo de Sousa como pertencente ao “arcebispo e padroeiros” e pelo registo das confirmações do mesmo arcebispo a apresentação desta igreja era “em metade da igreja de Braga e na outra metade dos filhos de Lopo Soares” (COSTA, A., 1981).

A igreja de Rouças que ainda hoje podemos contemplar foi reconstruída no séc. XVII conforme consta da inscrição existente no tardo da capela mor:

**BLASIVS DE AN
DRADA DAGA
MA Abbas IN
VITROq^ IVRE
LAVREATs AFVN
DAMENTIS ERE-
XIT MDCLXXX.**

a qual, segundo a leitura de PINTOR, B. (1975), diz o seguinte:

“BRÁS DE ANDRADE DA GAMA, ABADE DOUTORADO EM AMBOS OS DIREITOS A ERIGIU DESTORADO EM ALICERCES EM 1690”

Em 11 de Maio de 1758, o abade de Sta. Marinha de Roucas, Cleto Joseph de Azevedo Sotto Maior, na sua resposta ao Inquérito das Memórias Paroquiais pom-balino refere que a: “Apresentação desta igreja antigamente hera «in solidum» de Dom Gaspar de Menezes morgado da Caza do Porto sitta no Reino da Galiza, Bispado de Tui e hoje está alternativa hum anno pertence ao sobredito morgado e outro à «Mitra Primaz» e presente foi apresentação de Dom Manoel de Menezes governador da cidade de Tui e morgado da Caza do Porto” (IANTT, 1758). Acrescentava ainda o pároco memorialista que poderia ter de renda “quinhentos mil réis”.

É um templo barroco construído em alvenaria autoportante de granito rebocada e pintada a branco, com embasamento, cunhais, cornijas, molduras e ornamentos aparentes. Apresenta uma morfologia desenvolvida longitudinalmente em nave e capela-mor retangulares, tendo esta última adossado, do lado norte, um corpo servindo de sacristia. Coberturas diferenciadas a duas águas sobre cornija apoiada em cunhais pilastrados (na

nave e na torre) e denteados (na capela-mor e na sacristia) terminados por pináculos piramidais embolados. Na fachada principal, orientada a poente, a entrada axial é por porta adintelada sobreposta por frontão triangular e pequena janela quadrangular. Remate por pseudo-frontão triangular com cruz latina no vértice. Num plano ligeiramente mais recuado, adossada a sul, ergue-se torre de dois registos separados por cornija, com campanário de quatro sineiras no último e cobertura piramidal. No interior destaca-se o retábulo-mor em talha ‘estilo nacional’ e os altares barrocos laterais.

Em termos de evolução da sua população, sabemos que em 1758, segundo o pároco, havia 207 fogos escrevendo em relação à sua população total “todas juntas fazem o numero de settecentas e huma». No que toca ao Censo de 1878, esta freguesia contava com 986 habitantes (género masculino - 486 e género feminino - 500), distribuída por 283 fogos.

No livro “Portugal Antigo e Moderno” do professor Pinho Leal, editado em 1876, esta freguesia de Rouças é descrita nestes termos: “A mitra apresentava o abade, que tinha 350 000 réis de rendimento. Esta paróquia foi primeiramente padroado da antiga e nobre família dos senhores do Paço de Rouças, que era nesta freguesia (...). Ainda se vêm as ruínas de uma antiquíssima casa chamada o Paço, solidamente construída, e, em parte, ainda habitada. O lugar em que está, chama-se mesmo Paço, nome tomado da dita casa. O padroado passou depois para Manoel Pereira (o Mil-Homens) da vila de Monção, e o solar para os Castros, de Melgaço. Por fim, passou o padroado para os arcebispos de Braga. O território desta freguesia, tem 7 quilómetros de comprido, por 5 de largo, estendendo-se desde a encosta oeste da serra de Pernidelo, até junto das muralhas da vila de Melgaço, pertencendo ainda à freguesia de Rouças, as primeiras casas da vila. Ainda que em terreno muito acidentado, os seus vales são fertilíssimos, e o vinho que produz é de óptima qualidade principalmente o dos sítios das Barreiras e Vale de Cavaleiros, em nada inferior ao excelente vinho de Monção. É nesta freguesia a grande quinta que foi do mosteiro de Fiães, deste concelho, e que, ficando sobranceira à vila, é uma belíssima vivenda. É hoje propriedade particular do Sr. Dr. José Joaquim Gomes. A igreja matriz é das maiores, não só da comarca, mas do distrito administrativo. O

zelo do reverendo abade atual, e a devoção e religiosidade dos paroquianos, tem convergido para que este templo esteja ornado com a maior magnificência. Estes melhoramentos principiaram em 1864. Tem altar-mor e quatro laterais, todos ricamente adornados, e as santas imagens que os decoram, são de excelente escultura, sendo notável a de Nossa Senhora da Soledade, de tamanho quase natural, e oferecida à freguesia pela benemérita família Salgado, aqui residente. A sua torre dos sinos, é bastante alta e tem dois bons sinos. O coro é bom, e tem um pequeno órgão. Tem óptimas alfaias e paramentos, para o culto divino, tudo feito há poucos anos. No teto da igreja há boas pinturas, representando os apóstolos e os evangelistas; e a Fé, Esperança e Caridade (...). Está construída em um formoso sítio, pela sua posição elevada, e com dilatados horizontes. A festa da padroeira, faz-se a 18 de julho, que é o seu dia. É uma romaria concorridíssima, vindo gente até da Galiza, em grande número, com ofertas, para que Santa Marinha os cure, ou preserve de sesões. O lugar presta-se maravilhosamente para a romaria, porque é um vasto terreiro, o maior que se vê na província, em frente das igrejas, depois do de Fiães. Fica ao sul da igreja, e é assombrado por gigantescos e vetustos castanheiros, contemporâneos do primitivo templo. A residência paroquial foi reconstruída em 1870, desde os alicerces. É um edifício no gosto moderno, cómodo e decente e feito à custa dos paroquianos, que da melhor vontade, e por amor ao seu digno pároco, se prestaram a esta não pequena despesa. Há nesta freguesia seis capelas, que são: Santa Rita, na aldeia de Vilela, com missa em todos os domingos e dias santificados. É publica; Nossa Senhora da Conceição, no Côto do Preto. Tem uma bem esculpida pedra de armas, da ordem da Conceição, sobre a porta principal. É particular; Santo António, no lugar da Corga. É particular; Nossa Senhora das Dores, no lugar de Cavaleiros, com missa em todos os domingos e dias santos. É publica; S. João Batista, no lugar do Fecho. É particular; Nossa Senhora da Graça, a poucos metros de distância da antecedente, e que é a melhor de todas, tanto pela sua posição eminente à vila, como pela magnífica pedra de cantaria de que é construída. Do monte onde está a capela, é que sabe o finíssimo granito para as construções de todos os edifícios destes arredores.” (PINHO LEAL, 1874).

Biden: Presidente dos EUA a quem o Papa deu “bênçãos”

Costa Guimarães

A gaguez atrapalhou-lhe a infância, mas aprendeu a falar com ela e a viver com ela. A primeira mulher e a filha morreram num acidente de carro nas vésperas de Natal, quase que desistiu, mas seguiu em frente.

Em 2015, viu morrer o filho mais velho com um tumor cerebral.

Tenaz, persistente, aos 77 anos Joe Biden foi eleito o 46.º Presidente dos Estados Unidos depois de um aneurisma o ter afastado da corrida presidencial em que George Bush foi eleito.

Nunca desistiu e seguiu o ensinamento do pai: “Não importa quantas vezes um homem cai, mas a rapidez com que se levanta”

Logo no dia 12 de Novembro, o Papa Francisco conversou com Joe Biden por telefone e desejou “bênçãos e parabéns” ao presidente eleito dos Estados Unidos por sua vitória, informou em nota a equipe de transição democrata.

O ex-vice-presidente é o segundo católico eleito para a Presidência dos Estados Unidos depois de John F. Kennedy, em 1960.

“O presidente eleito agradeceu à Sua Santidade por suas bênçãos e parabéns e destacou seu apreço pela liderança de Sua Santidade na promoção da paz, reconciliação e dos laços comuns da humanidade em todo o mundo”.

Biden “expressou o desejo de trabalharem juntos com base na crença compartilhada na dignidade e na igualdade de toda a humanidade em questões como a atenção aos marginalizados e pobres, a gestão da crise climática, e a recepção e integração de imigrantes e refugiados nas nossas comunidades”.

TERÇO DO FILHO SEMPRE COM ELE

Este ano, durante a tensa campanha contra o presidente Donald Trump, Biden citou o papa João Paulo II, invocou com frequência as suas raízes católicas irlandesas e prometeu “restaurar a alma dos Estados Unidos”, após quatro anos de profundas divisões.

O presidente eleito costuma levar consigo um terço que pertenceu ao seu falecido filho, Beau Biden.

A visão de Joe Biden é muito mais tradicional quanto ao papel e aos interesses da América, assente em instituições internacionais estabelecidas após a Segunda Guerra e baseada em valores democráticos.

Os Estados Unidos da América não passavam por um processo eleitoral tão disputado e complexo desde que há memória. Talvez as presidenciais de 2000, entre George W. Bush e Al Gore, tenham sido muito disputadas, mas essa luta acabou por ser apenas no estado da Flórida e não em mais estados como as eleições deste ano. Após a reviravolta do estado da Pensilvânia, ganho há quatro anos por Donald Trump, Joe Biden foi proclamado vencedor. A 20 de Janeiro de 2021, tornar-se-á o 46.º presidente dos Estados Unidos da América, e Kamala Harris, a 49.ª vice-presidente, a primeira mulher a ascender a este cargo.

Este foi o resultado mais desejado por grande parte dos líderes do Ocidente e por organizações internacionais, onde a presença dos EUA é muito importante, como a ONU, a NATO, a OMS e Acordo de Paris.

Das posições tomadas por Biden durante a campanha eleitoral, são certas três coisas: o pedido de admisão dos EUA ao Acordo de Paris, na OMS e o reparar de relações com a NATO, isto no âmbito de organizações e acordos internacionais.

Relativamente ao Médio Oriente, o Irão será o maior desafio da administração de Joe Biden. Uma das decisões mais polémicas de Trump foi a retirada dos EUA do acordo nuclear com o Irão, mas o Presidente eleito dos EUA já afirmou que está preparado para voltar a outro acordo internacional, que vá em linha com o anterior, que tinha como medidas o alívio de sanções ao Irão em troca da redução do seu programa nuclear.

E Israel? Biden já congratulou e elogiou Trump quanto à importância do acordo entre Israel e os Emirados Árabes Unidos e, como um democrata da velha guarda, Biden é um grande apoiante e defensor de longa data do Estado de Israel. Mas é improvável que o antigo vice-presidente americano adote as políticas da administração Trump em relação à ocupação da Cisjordânia e a ala mais à esquerda do Partido Democrata tem pressionado por mais acção a favor dos direitos dos palestinianos.

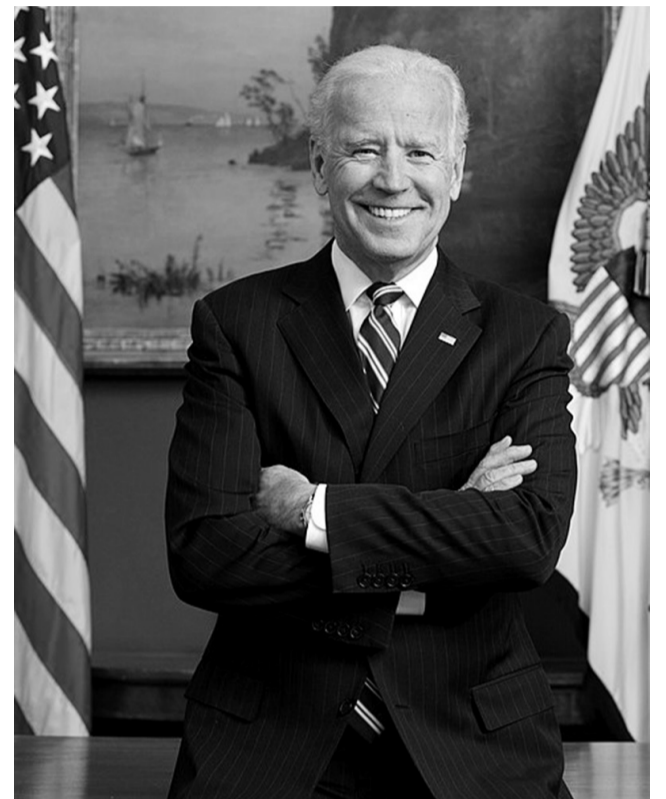
OUTRAS INCÓGNITAS E DESAFIOS

E a Rússia? E a China? Que lugar irão ocupar as grandes potências, que mais frente aos EUA têm feito nos últimos anos? Joe Biden vê a Rússia como um grande opositor e promete uma resposta forte, devido à interferência eleitoral e aos alegados pagamentos feitos aos talibãs, com o intuito de matar tropas americanas no Afeganistão.

Ao mesmo tempo, Biden pretende continuar a trabalhar com Moscovo, com o objectivo de preservar o pouco que resta do tratado do controlo de armas nucleares. Por fim, a China. Em vez de uma oposição agressiva ao gigante asiático, Biden prefere uma abordagem de cooperação com uma China em ascensão, numa altura em que a China está a poucos anos de se tornar a economia mais forte do mundo, assim como o país mais poderoso do mundo, substituindo, assim, o papel de superpotência dos EUA, que estes ocupam há quase 100 anos.

Tudo está, no entanto, dependente do caminho a seguir no combate à Covid 19. O plano do presidente eleito para o enfrentamento à Covid-19 tem sete princípios básicos, que envolvem, entre outros tópicos, ampliação de programas de testes e rastreamento, definição de directrizes baseadas em evidências, distribuição equitativa de tratamentos e vacinas e uma ordem nacional, por meio de alianças com governadores e autarcas, que tornaria obrigatório o uso de máscaras nos EUA.

A corrida pela Casa Branca ocorreu em um ano em que os EUA foram marcados por uma onda de protestos



contra o racismo. Embora o gatilho para as manifestações tenha sido o assassinato de George Floyd, um episódio terrível do histórico de violência policial contra negros, os actos ganharam novas dimensões, expuseram a desigualdade racial como um problema estrutural dos EUA e, como era de se esperar, alcançaram a disputa entre Biden e Trump.

O contexto foi decisivo, inclusive, para a formação democrata que escolheu Kamala Harris, uma mulher negra, para ser vice de Biden – uma tentativa de conquistar o voto de mulheres e negros, fatia importante do eleitorado.

Apesar de serem minoria, negros americanos morrem mais em acções policiais, têm rendimento menor, têm maior proporção de desempregados e a população prisional e também são vítimas mais frequentes da Covid-19.

Finalmente, os imigrantes e refugiados. Contra a fronteira com o México e pelas tragédias humanas como as vividas pelas famílias de imigrantes que foram separadas dos seus filhos, Biden fala da imigração como essencial para a formação da identidade dos EUA e como “fonte irrefutável da nossa força”.

Dentro dos primeiros cem dias, Biden promete unir as famílias que foram separadas, redireccionar recursos da construção de muros nas fronteiras para serviços de fiscalização e infraestrutura nos postos de controlo e suspender o veto a imigrantes de países de maioria muçulmana, acto que define como “moralmente errado” e sem evidências de aumento de segurança para os americanos.

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562



Agência Funerária
ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Anselmo Mendes: “APA estava moribunda” por cansaço da gestão

“O que resta” do fundo para promoção da marca Monção & Melgaço estende-se até 2023

João Martinho

À altura da sua tomada de posse enquanto presidente da Associação de Produtores de Alvarinho (APA) de Monção e Melgaço para o triénio 2020/2022, Anselmo Mendes prometeu uma revitalização da missão da associação.

À cabeça – e noticiado no rescaldo da sua eleição – o conhecido enólogo e produtor monçanense defende que a Sub-região de Monção e Melgaço deve ser detentora de uma Denominação de Origem Controlada (DOC) para os produtos víquicos de ambos os concelhos.

Fica já longe, em 2015, mais propriamente, a luta pela exclusividade do Alvarinho. O que o recém-eleito presidente da APA pretende é que a exclusividade que o selo de certificação defende se estenda aos produtos víquicos do território.

Antes de pegar nos pergaminhos do processo, Anselmo Mendes quer aplicar o desfibrilhador para reanimar uma associação que, segundo conta, “estava um pouco moribunda por várias razões”, entre elas a “pouca participação dos associados e cansaço do seu presidente à data”.

Considera no entanto, que “o papel da APA e do seu presidente na negociação do dossier do Alvarinho foram de primordial importância para Monção/Melgaço”. O que falta agora é “executar alguns dos objectivos consagrados nos estatutos”.

Entre eles estará a reactivação da carteira associativa e o estabelecimento de quotas, que serão “estudadas de uma forma justa e aprovadas em assembleia”, referiu Anselmo Mendes a este jornal.

A promessa de que o associativismo do sector começa a mexer já tem algumas datas previstas. Ainda no corrente mês de Dezembro, a direcção quer levar a efeito uma assembleia para discutir “o plano de actividades para 2021 e aprovar um macro plano para este mandato. Eu, na condição de presidente, irei contactar pessoalmente todos os sócios para termos uma assembleia com forte quórum”, avançou o enólogo.

Nesta primeira fase, a quem tocarão os telefones ou poderão esperar visita? “Todos os produtores que engarrafam e comercializam vinhos de Monção/Melgaço, cuja vinificação e engarrafamento são feitas na sub-região”, garante ainda Anselmo Mendes.

Na Assembleia prevista para Dezembro, o presidente da APA lançara assim as bases da discussão da DOC Monção/Melgaço, o que não é, como esclarece, um re-

gresso ao protecçãoismo exclusivamente para os alvarinhos da sub-região.

“O que faz sentido é criar a DOC Monção/Melgaço, que não existe, e ficar bem claro [o que é] DOC Alvarinho Vinho Verde e DOC Alvarinho Monção/Melgaço. A DOC Monção/Melgaço contempla todos os produtos víquicos produzidos na sub-região”, frisou.

O enólogo e produtor explica ainda as vantagens representativas que a DOC pode trazer para a sub-região, se comparado com o destaque e valorização que a marca Monção & Melgaço, indicada em rótulo para os alvarinhos produzidos e engarrafados na sub-região desde a Portaria de 2015, terá trazido para o mercado do vinho.

“Uma DO faz toda a diferença, pois a diferenciação é materializada em valor acrescentado. Como exemplo, posso dizer que um vinho de Bordéus tem um reconhecimento amplo e um Margaux tem reconhecimento especial. Aqui, um Vinho Verde tem reconhecimento geral e Monção/Melgaço tem reconhecimento específico e não tem a palavra Vinho Verde na rotulagem”.

A efectivar-se, a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV) será o organismo de certificação e controlo. “A promoção será diferenciada, mas orçamentada pela CVRVV em conjunto com APA e outras organizações de Monção e Melgaço, como a Adega Cooperativa de Monção e a Quintas de Melgaço”, reitera.

APOIOS FINANCEIROS

Em 2015, o Grupo de Trabalho Alvarinho negociou um período de transição de seis anos até à rotulagem de Alvarinhos DOC em toda a região dos Vinhos Verdes. Em compensação, Monção e Melgaço recebe-



riam um selo distintivo e três milhões de euros para o promover, em feiras ou eventos do sector durante o mesmo período.

A colheita de 2021 da sub-região será a última a beneficiar desta protecção, mas a pandemia covid-19 veio alargar o período de aplicação da verba, uma vez que os eventos agendados em 2020 não se realizaram. Anselmo Mendes adianta que o prazo para aplicação do “valor que resta irá prolongar-se até 2023”.

Assegura ainda que “as campanhas de promoção têm sido acompanhadas por um grupo de produtores de Monção e Melgaço com forte representação na região”.

“Neste momento, a APA está a avaliar como ajudar os pequenos produtores que tinham nas feiras uma fonte de rendimento, arranjando ferramentas de fácil promoção e chegada ao mercado. É de fundamental importância criar um programa de sustentabilidade ambiental, económica e social para Monção/Melgaço capaz de, no curto prazo, obter uma certificação própria, como acontece em algumas regiões do mundo e mesmo de Portugal, como é o caso do Alentejo”, reforçou o presidente da associação de produtores.



ADEGA SABINO

Respeito pela **comida regional**
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

www.adega-sabino.com

Perdas na restauração obrigam sector do vinho a apontar baterias ao mercado estrangeiro

João Martinho

“Os restaurantes são os nossos grandes parceiros. Não tentamos substituí-los, mas tentar mais estabilidade nos mercados de exportação”

Desde Março de 2020 que Portugal teve de se adaptar à nova realidade que foi chegando dissimulada do oriente e alguns mercados tiveram de aguçar o engenho para terminar o ano com a menor percentagem possível de perdas.

Para a marca Soalheiro, apesar das perdas na ordem dos 15 a 20 por cento nas vendas, o ano foi de implementação de novos projectos – como o caso das infusões e do enoturismo, contratando para o efeito mais colaboradores apesar da contracção do mercado – a par de uma estratégia “espontânea” de cativação de novos mercados que compensassem as perdas na restauração.

“Há mercados mais sensíveis à restauração. Verificamos que há mercados em que o consumidor está em



casa e o consumo de vinho mantém-se, como os mercados nórdicos. Os restaurantes são os nossos grandes parceiros e nós estamos sempre aqui para os apoiar. Não tentamos substituí-los, que isso é impossível, mas tentar que noutros mercados de exportação tenhamos mais estabilidade. Foi isso que tentamos este ano, mas é tudo muito espontâneo. Este ano de 2020 é de trabalhar o dia-a-dia e colher um bocadinho o fruto do nosso trabalho, Praticamente é trabalhar para o amanhã”, defendeu António Luís Cerdeira, gestor e enólogo do Soalheiro.

Contudo, o responsável pela primeira marca de Alvarinho de Melgaço acredita que a recuperação desta “crise” possa acontecer já nos primeiros meses de 2021. “Tratando-se de uma crise sanitária e não uma crise financeira, a recuperação vai ser mais rápida. Os governos estão a dar suporte. Temos é que estar preparados para avançar quando houver mais segurança”, observou o enólogo.

Clínicas Osteo+ assinalaram Dia Internacional contra a violência de género

Osteo+

Dia 25 de Novembro assinala-se o Dia Internacional contra a violência doméstica (ou violência de género) e tal como nos anos anteriores, as Clínicas Osteo+ levaram a cabo uma campanha de sensibilização com a ajuda dos seus pacientes das clínicas de Melgaço e Monção.

Este ano, a ação consistiu em fazer pequenas filmagens de mensagens que os próprios pacientes quiseram passar, tendo cada uma delas uma duração média de quatro segundos. Alguns gravaram nas instalações da clínica de Melgaço, outros gravaram em casa e enviaram para que a sua mensagem fosse incorporada na montagem do vídeo final.

Todos os que participaram nesta campanha seguem o lema “não à violência”.

Todos defendem que a violência física e psicológica tem o mesmo peso.

Todos somos seres humanos, com iguais direitos e deveres, por isso nenhum de nós deveria exercer nenhum tipo de agressão física ou verbal em nenhuma circunstância. Não sejamos cúmplices de situações de violência. Se não ajudamos a vítima, estamos do lado do agressor.

Podem ver o vídeo na nossa página oficial www.facebook.com/osteomais



**Clínica
OSTEO+**

...onde a Osteopatia vale mais!!

Este ano teremos um Natal diferente, mas há coisas que serão sempre vividas com a mesma intensidade, pelo que as ofertas vertenciadas para a saúde são mais que nunca um presente acertado.

A pensar na sua saúde e na saúde de quem mais gosta, a Clínica Osteo+ Melgaço desenvolveu vários tipos de tratamentos e ofertas personalizadas que podem ser adquiridas em formato virtual. Desde vales de desconto (a partir de 5 euros), material para uso doméstico, tratamentos terapêuticos e consultas de especialidade tanto para problemas físicos (dor, inflamação, etc.) como emocionais (ansiedade, stress, etc.) temos uma solução para cada pessoa. Entre em contacto connosco para mais informações.

Boas festas e muita saúde!

**MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com**

OSTEOPATIA
Dra. Cátia Rocha

ORTOPEDIA
Dr. José Teixeira

PSICOLOGIA
Dra. Vanesa Alvarez

SHIATSU
Terap. Iris Fernández

**FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS**

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272



Recebe o ordenado mínimo? – principais apoios consagrados

Costa Guimarães

Da isenção de IMI ao abono de família, são vários os apoios a que tem direito se apenas recebe o Salário Mínimo Nacional (SMN). Conheça-os aqui.

1. Isenção de IRS

Conforme consta na alínea b) do n.º 1 do artigo 58.º do Código do Imposto Sobre o Rendimento de Pessoas Singulares (CIRS), os trabalhadores por conta de outrem ou pensionistas com rendimentos até 8.500 euros anuais, que não tenham sido sujeitos a retenção na fonte, estão dispensados de entregar a declaração de IRS.

Em 2020, ficaram isentos de retenção os contribuintes com salários inferiores a 659 euros, montante este que é definido tendo em consideração o mínimo de existência que, neste ano, está fixado nos 658,2 euros.

2. Isenção de IMI

Um dos fatores para atribuição da isenção de IMI é o rendimento do agregado familiar. Desde 2015 que as pessoas que possuem um rendimento inferior a 15.295 mil euros anuais não pagam IMI. Este valor é equivalente a 2,3 vezes o montante anual do IAS (Indexante dos Apoios Sociais).

Esta isenção é de cariz vitalício, ou seja, pode ser aplicada para sempre, enquanto a família mantiver insuficiência económica que justifique a atribuição deste benefício.

A atribuição da isenção de IMI é feita de forma automática às famílias com baixos rendimentos ou que recebem o ordenado mínimo, pela Autoridade Tributária e Aduaneira, com base na declaração anual do IRS, pelo que deve certificar-se que faz a entrega dentro dos prazos previstos.

3. Isenção de taxas moderadoras

Conforme legislado pelo Decreto-Lei n.º 113/2011, podem beneficiar da isenção de taxas moderadoras os utentes em situação de insuficiência económica, ou seja, “que integram um agregado familiar cujo rendimento médio mensal seja igual ou inferior a uma vez e meia o valor do indexante dos apoios sociais (IAS).”

Estas taxas são cobradas aos utentes pelos cuidados médicos que recebem através do Serviço Nacional de Saúde, tendo o objetivo de moderar o acesso a hospitais, centros de saúde e serviços de urgência hospitalar para que seja respeitada uma determinada ordem e grau de importância no atendimento.

No entanto, esta isenção não é automática, tendo de efetuar o respetivo pedido através da Área do Cidadão do Portal do SNS ou presencialmente no seu Centro de Saúde.

4. Abono de família

As famílias que não tenham um património mobiliário (contas bancárias, ações, obrigações) de valor superior a 240 vezes o Indexante de Apoios Sociais (IAS), que em 2020 corresponde a 105.314,40 euros ou que tenham um rendimento de referência abaixo do valor limite), podem ter direito ao Abono de Família.

Este apoio é uma forma de o Estado ajudar famílias mais carenciadas, numerosas ou monoparentais, a sustentar crianças e jovens que tenham a cargo, através de uma prestação social, dispensada mensalmente, paga em dinheiro.

5. A Acção Social Escolar (ASE) é uma medida de apoio, tendo como objetivo participar nas despesas escolares de crianças e jovens pertencentes a agregados familiares mais carenciados.

Este apoio é atribuído a famílias cujo rendimento seja igual ou inferior ao valor estabelecido para o 3.º escalão de rendimentos considerado para a atribuição de abono de família.

6. Abono de família pré-natal

Mulheres grávidas com rendimento de referência igual ou inferior a 658,22 euros (1,5 x IAS) podem ter direito ao Abono Pré-natal: uma prestação atribuída à mulher grávida a partir da 13ª semana de gestação, que visa incentivar a maternidade através da compensação dos encargos acrescidos durante o período de gravidez.

No website da Segurança Social pode encontrar uma lista com os vários apoios disponíveis, bem como medidas excecionais aplicáveis, devido à atual crise de covid-19 que atravessamos.

7. Tarifa Social de Eletricidade

Se beneficiar de um apoio social (Complemento Solidá-

rio para Idosos, Rendimento Social de Inserção, Subsídio Social de Desemprego, Abono de Família, Pensão de Invalidez ou Pensão Social de Velhice) ou tiver um rendimento anual inferior ao rendimento anual máximo, ainda que não beneficie de qualquer prestação social, pode ter direito a Tarifa Social de Eletricidade.

Este benefício consiste num apoio atribuído aos consumidores de energia com dificuldades financeiras, através de um desconto no fornecimento de eletricidade, diminuindo assim o valor total a pagar pela fatura.

Mais 30 medidas

Eis mais 30 medidas aprovadas no Orçamento de Estado que podem mudar a nossa vida em 2021:

1. Taxa de carbono de dois euros em viagens aéreas e marítimo-fluviais (no valor de dois euros por viagem). A verba – pode chegar aos 100 milhões de euros por ano – reverte para o Fundo Ambiental e financie opções de mobilidade sustentável, como a ferrovia.

2. Subsídio de risco para profissionais de segurança mas o valor do subsídio não consta na proposta que foi aprovada (apesar do voto contra do PS e da abstenção da IL).

3. Taxa de 30 centavos em embalagens de take away a partir de 2022 entrará em vigor uma nova taxa de 30 centavos que será aplicada às embalagens descartáveis para refeições usadas em serviços de entrega ao domicílio e take away. A proposta é do PAN.

4. Dispensa do trabalho para doar órgãos passa a ser prestação efectiva de trabalho, em vez de falta por doença. A proposta é do PAN.

5. Prorrogados subsídios de desemprego por seis meses”. É isto que se lê na norma proposta pelo PCP aprovada com os votos favoráveis de todos os partidos, excepto os do PSD, que se absteve. Foi também aprovada a majoração do montante diário do subsídio “em 1/30 de 10% da retribuição mínima garantida por cada filho que integre o agregado familiar do titular da prestação”.

6. Portagens nas Scut reduzidas em 50 ou 75% nas Scut do Interior, Algarve, Costa de Prata, Grande Porto e Norte Litoral vão ter reduções em 50% que podem ser de 75% nos casos de carros não poluentes.

7. Incentivos ao internato médico que actualmente estão em vigor para os clínicos que trabalham em zonas carenciadas, caso iniciem o exercício profissional como médicos especialistas no estabelecimento de saúde que deu origem à vaga preferencial.

8. Benefícios para pensões de trabalhadores de desgaste rápido que pediram antecipadamente a reforma no ano de 2019.

9. Incentivos fiscais só para híbridos com autonomia superior a 50 km, ao invés da proposta inicial, que previa 80 km. Aprovados com os votos contra do PCP, CDS, Chega e IL, abstenção do PSD e voto favorável do PS, BE e PAN.

10. Proibidos detergentes e cosméticos com microplásticos a partir do próximo ano, segundo proposta do PAN que foi aprovada com os votos favoráveis do PAN, do PS e do Bloco de Esquerda.

11. Mais médicos, mais camas, mais material pesado, por proposta do PCP são criadas mais 409 camas de cuidados intensivos, contratados 47 médicos, 626 enfermeiros e 198 assistentes operacionais. E outra que autoriza despesa de 50,5 milhões de euros para a substituição e compra de equipamento pesado hospitalar em 2021. Foi ainda aprovada a contratação de 935 médicos para centros de saúde.

12. Novo apoio social até 501,16 euros: a proposta socialista cria o novo apoio extraordinário aos rendimentos dos trabalhadores até 501,16 euros (ideia lançada pelo Bloco de Esquerda no final do Verão). A iniciativa do PS substituiu a proposta inicial do Governo, após negociações com o BE, e alargou o novo apoio social aos sócios-gerentes e aos trabalhadores.

13. Layoff a 100%: as propostas do PS e do PCP que garantem o pagamento integral da remuneração até ao limite de três salários mínimos (mais de 1900 euros) dos trabalhadores abrangidos pelo layoff – mecanismos de apoio à retoma da actividade económica. Está ainda prevista a criação de um apoio público às micro e PME para pagamento das remunerações.



14. Pagamento a prestações do IVA e IRC: regime especial e transitório de pagamento em prestações de IRC e IVA no ano de 2021, aplicável a valores até 25 mil euros.

15. Castanha e frutos vermelhos congelados vêem taxa de IVA baixar de 23% para 6%, segundo uma proposta do PS. PSD e PCP abstiveram-se.

16. Máscaras, viseiras e gel vão passar a ser considerados como despesas de saúde dedutíveis ao IRS, por proposta do PEV.

17. IVA dos ginásios dedutível no IRS e, por proposta do PAN, alarga aos medicamentos veterinários esse mecanismo que permite deduzir ao IRS parte do IVA pago pelos consumidores finais.

18. Corte de água, luz, gás e comunicações proibido durante primeiro semestre apresentada pelo PS e mereceu uma rara unanimidade dos deputados.

19. Adesão às moratórias prolongada até Março. O Parlamento aprovou proposta do PSD para o alargamento da adesão às moratórias de crédito estabelecidas na pandemia até Setembro.

20. Anulada transferência de 476 ME para Novo Banco: a proposta bloquista – em segunda votação – foi aprovada com votos favoráveis do PSD, BE, PCP e PAN. O texto foi viabilizado apesar dos votos contra do PS, Chega e Iniciativa Liberal.

Aumento extraordinário das pensões de 10 euros para as pensões até 658 euros (1,5 Indexantes de Apoios Sociais) que será pago a partir de 01 de Janeiro.

22. Abertos estágios na Administração Pública no 1.º trimestre terá de ser aberto até ao final do primeiro trimestre do próximo ano, segundo proposta do PCP. Terão a duração de nove meses, estando previstos 500 estágios com uma bolsa de 998,5 euros.

23. Verbas para deficientes das Forças Armadas sem cativações dando “luz verde” a uma proposta do PSD.

24. Baixa a 100% para trabalhadores da saúde com covid-19 proposta pelo PCP.

25. Integração profissional de pessoas sem-abrigo com um programa de formação e emprego, para pessoas em situação de sem-abrigo e que promova a sua integração profissional, prevê uma proposta do PAN.

26. Revisão de mensalidades nas creches que encerrem ou suspendam actividade, caso esta seja requerida pelos utentes, numa proposta do PCP aprovada.

27. Código QR nas facturas passa a ser obrigatório. A obrigatoriedade de as empresas incorporarem nas facturas o código QR e o código único de documento fica suspensa em 2021, de acordo com proposta do PCP aprovada.

28. Aumento em 100 euros do valor do mínimo de existência: uma proposta do PS aumenta em 100 euros o valor o mínimo até ao qual não se paga IRS (mínimo de existência), durante as votações na especialidade do OE2021.

29. Eliminadas chamadas de valor acrescentado no apoio ao cliente para impedir os fornecedores de bens e prestadores de serviços de disponibilizar “números especiais de valor acrescentado com o prefixo “7”, para contacto telefónico dos consumidores ou clientes” ou “apenas números especiais, números nómadas com o prefixo “30”, ou números azuis com o prefixo “808” para contacto telefónico dos consumidores ou clientes.

30. Alargamento da gratuidade dos museus aos domingos e feriados para todos os cidadãos residentes em território nacional”, lê-se na proposta comunista aprovada com votos contra do PSD, CDS e Iniciativa Liberal.

Simbologias Natalícias | Do Azevinho à Missa

José Rodrigues Lima

PRESÉPIO

Etimologicamente o termo “presépio” significa manjedoura, lugar onde se recolhe o gado, curral, estábulo.

Nos dias de hoje o presépio ocupa um lugar especial no domínio das representações natalícias.

Num sarcófago do século IV, existente no Museu de Latrão, encontramos uma gravação artística alusiva ao nascimento de Jesus.

Já no século VII vão-se multiplicando as representa-

No século IV, Nicolau, bispo de Mira, cidade situada entre Rodes e Chipre, tinha o hábito de distribuir presentes entre os pobres, mas não gostava de receber agradecimentos.

Mesmo depois da sua morte, as crianças holandesas acostumaram-se a colocar os seus sapatos à porta de casa, esperando a visita de S. Nicolau. Faziam-no na noite de 5 para 6 de Dezembro data da canonização do santo. O costume generalizou-se, mais tarde, por ou-

Os primeiros cartões impressos na Inglaterra eram muito simples: uma acha de lenha, os sinos e os cumprimentos tradicionais.

O costume passou depois aos Estados Unidos da América em 1874.

A partir daí, os cartões de Boas Festas apresentaram os mais diversos temas, alguns muito longe de qualquer inspiração religiosa ou espírito cristão.



ções do presépio, de modo especial na azulejaria.

No século XIII o presépio começa a ser verdadeiramente popular graças a S. Francisco de Assis.

Em 1223, por vontade de Francisco de Assis “a missa foi celebrada em cima de uma manjedoura que se serviu de altar, para que o Divino Infante sob as espécies do pão e do vinho, estivesse aí presente em pessoa, como tinha estado presente no presépio em Belém.”

Esta religiosa comemoração foi “o estímulo” para os franciscanos a levarem a todo o mundo.

A ÁRVORE DE NATAL

A tradição da árvore de Natal é de origem germânica, e data do tempo de S. Bonifácio.

Foi adoptada para substituir os sacrifícios do carvalho sagrado ao deus pagão Odin, adorando-se uma árvore em homenagem ao Deus Menino.

Uma das primeiras pessoas a adoptar o costume da árvore de Natal parece ter sido a rainha Carlota, esposa de Jorge III, da Inglaterra, que nas festas cristãs do fim de ano enfeitava as árvores com brinquedos, doces e lanterninhas.

A árvore é considerada protecção da divina Providência à infância e à inocência.

O costume generalizou-se por todo o mundo e hoje, para além da árvore de Natal que por sua vez se levanta nas nossas casas, a par do presépio, há empresas, e até cidades, que levantam, ao ar livre, gigantescas árvores de Natal.

PAI NATAL

A história do Pai Natal é baseada num facto verdadeiro.

tros países, inclusivamente para França que, em vez de festejar S. Nicolau a 6 de Dezembro, mudou a data para a noite de Natal, passando a chamar-lhe “PAI NATAL”

A VELA

Tudo começou com um sapateiro alemão que vivia numa cabana afastada da cidade. Embora pobre, tinha por hábito colocar todas as noites, na janela da sua cabana, uma vela acesa para guiar os viajantes durante a noite. Apesar das guerras, doenças e tempo difícil que atravessou, ele nunca deixou que essa chama se extinguísse. Isto inspirou os outros a emitá-lo durante os festejos de Natal e o costume generalizou-se.

CARTÕES DE BOAS FESTAS

A origem deste costume deve-se ao artista inglês W.T. Dobson. Em 1845, enviou a alguns amigos umas cópias litografadas de um texto, de sua autoria, sobre o espírito do Natal.

A originalidade da mensagem agradou e foi imitado.



O azevinho, segundo a lenda, liga-se à história cristã como a planta que permitiu esconder Jesus dos soldados de Herodes. Em compensação – diz a lenda – foi-lhe dado o privilégio de conservar as suas folhas sempre verdes, mesmo durante o mais rigoroso dos invernos.

MISSA DO GALO

O nome de “Missa do Galo” tem a origem seguinte: Pouco antes de baterem as 12 badaladas da noite de 24 de Dezembro, cada lavrador da província de Toledo, em Espanha, matava um galo, em memória daquele que cantou três vezes quando Pedro negou Jesus, por ocasião da sua prisão. Depois, a ave era levada para a Igreja a fim de ser oferecida aos pobres que, assim, podiam ver melhorado o seu almoço do dia de Natal.

Em algumas aldeias espanholas e portuguesas era costume levar-se um galo vivo à igreja para que ele cantasse durante esta missa. Quando cantava, todos fi-



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437

rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437

malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI TRANQUILIDADE ZURICH

do Galo

cavam contentes, pois entendiam-no como prenúncio de um ano farto e feliz. Quando ficava mudo, todos se entristeciam, pois era sinal de um mau ano para as colheitas.

CANÇÕES NATALÍCIAS

A mais famosa canção de Natal – NOITE FELIZ – foi composta em 1818, numa aldeia dos Alpes por um padre de nome Joseph Mohr, que fez os versos, e por um mestre-escola chamado Franz Xavier Gruber, que escreveu a música.

“Noite Feliz” – a canção do céu, como lhe chamam – é hoje cantada em todo o mundo. Para a língua portuguesa, foi feita uma feliz tradução por Frei Sinzig.

Noite Feliz, Noite feliz!
O Senhor, Deus de Amor,
Pobrezinha, nasceu em Belém,
Eis na lapa Jesus, nosso Bem.

Dorme em paz, ó Jesus!
Dorme em paz, ó Jesus!

Noite Feliz! Noite Feliz!
Eis que no ar vem cantar
Aos pastores os anjos dos céus
Anunciando a chegada de Deus,
De Jesus Salvador!
De Jesus Salvador!

Noite Feliz! Noite Feliz!
Ó Jesus, Deus de Luz.
Quão afável é teu coração
Que quiseste nascer nosso irmão
E a nós todos salvar!
E a nós todos salvar!

BOLO REI NA MESA FESTIVA

Foi no Porto nos fins do século XIX, que Baltazar Castanheiro Júnior introduziu a receita que deu origem ao primeiro bolo rei português. É na Confeitaria Nacional em Lisboa, da qual era dono, que vamos então encontrar os primeiros exemplares portugueses.

A receita generalizou-se, dando origem a algumas variações, que de comum apenas conserva a fava.



NATAL 2019

Natal: Encontro da Ternura de Deus com a Humanidade

José Rodrigues Lima

“O VERBO É A LUZ VERDADEIRA QUE ILUMINA TODO O HOMEM” (Jo.1,9)

“Na plenitude do tempo” (Gl4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor.

Quem Me vê, vê o Pai (Jo 14, 9).

É Natal de Jesus...

Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados.

Aos homens e mulheres de boa vontade, construtores de um mundo mais solidário, fraterno e justo.

Alegrem-se os corações dos que vivem sós.

Alegrem-se os corações dos que vivem tristes.

Alegrem-se os corações dos que vivem angustiados.

Alegrem-se os corações dos que vivem com medo.

Alegrem-se os corações dos que vivem com sombras.

Alegrem-se os que são vítimas da incompreensão.

Alegrem-se as crianças e os idosos.

Alegrem-se os que estão na cárcere-prisão.

Alegrem-se os que estão nos hospitais.

Alegrem-se os que vivem nas ruas (os sem-abrigo).

Alegrem-se os que se sentem marginalizados, os desempregados e os que choram!

Alegrem-se os que vivem na dor.

Alegrem-se os que têm fome e sede de justiça....

Os pobres.

Alegrem-se os abandonados pelos homens, mas amados por Deus!...

Alegrem-se todas as famílias.

É tempo de ser bom...

É Natal! Boas Festas para todos.

Alegre-se o céu e rejubile a terra.

A criação.

Glória in excelsis Deo.

Glória... Glória e paz na terra ao homem nosso irmão.

Jesus foi o primeiro a testemunhar o amor a todo o homem.

No dizer de Gil Vicente:

“NASCEU A ROSA DO ROSAL, DEUS E HOMEM NATURAL!”

O Menino nos foi dado.

“Ele espalhará a justiça entre as nações” (Isaías 42, 1)

“Ele será a reconciliação do povo e a luz das nações” (Isaías 42, 6)

“E O VERBO FEZ-SE HOMEM E VEIO HABITAR ENTRE NÓS” (Jo. 1, 14)

A oferta da salvação realizou-se.

ALEGREMO-NOS.

Jesus Cristo é a grande manifestação da ternura de DEUS para com A HUMANIDADE.

NATAL IMTEMPORAL

Natal palavra feita ou a fazer?

Deus nascido ao a nascer?

Flor espinho ou fruto?

Humano produto e humana condição

Ou certeza de um Deus que é nosso irmão?

Ah não me perguntes o que é Natal

Bem o sentis e sabeis

Nesse clarão de alma diferente

Nossa vontade de ser cordeiro

De se fazer irmão de toda a gente

Ou dar presentes sem ter dinheiro

E de se dar em todos os presentes.

Lopes Morgado
2015

FELIZ NATAL

BOM ANO 2020

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...





RA O Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas





casamentos • baptizados • comunhões
aniversários • serviço de catering • diárias

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteoderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração




Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Rui Manuel M. Ribeiro
Peso - Paderne | 61 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Leopoldina Rosa de Sousa**
Vila | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria de Jesus da Costa**
S.Paio | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António José Gonçalves**
Alvaredo | 53 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Hermezinda D. C. Cardoso**
Sante - Padene | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Albertina Gonçalves**
Vila (Nat. de Fiães) | 54 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria de Lurdes Araújo**
Ramo - Cristóval | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Hortense dos Anjos Esteves**
Barreiros - S.Paio | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Artur Arnaldo Rodrigues**
Sante - Paderne | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa Barbosa de Sousa**
Paços | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Manuel Domingues R. Cruz**
Felgueiras - Penso | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António Barreira**
Cristóval | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Hugo Filipe Fernandes**
Sá - Monção | 44 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Domingos Rodrigues
Outeiro - C.Laboreiro | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Esperança Pires**
Adofreire - C.Laboreiro | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

Daniel Arcanjo E. Almeida
Casais - Paços | 40 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Abreu Esteves**
Cristóval | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa Pires**
Trigueira - P.Monte | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Cláudio Francisco Primeiro**
Sto. André - S. Paio | 21 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Françoise Yvette T. Meleiro**
Galvão - Vila | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Jovem natural de S. Paio perde a vida em acidente na EN 202

João Martinho

Cláudio Francisco Primeiro, de 21 anos de idade, natural de S. Paio (Melgaço), faleceu vítima de acidente ocorrido na variante à Estrada Nacional 202, em Barbeita, no dia 18 de Novembro.

Segundo informativos, o despiste e capotamento da viatura que o jovem conduzia aconteceu ao início da tarde, tendo o alerta sido dado pouco após das 14 horas.

Cláudio Primeiro foi ainda sujeito a manobras de reanimação, sem sucesso. O óbito foi declarado no local. Uma segunda vítima, uma jovem com 18 anos, sobrinha do condutor, foi evacuada de helicóptero do INEM em estado considerado grave para o Hospital de Braga.

Ao local acorreram os Bombeiros Voluntários de Monção com duas ambulâncias, um veículo de desencarceramento e duas viaturas ligeiras de combate a incêndios. Os bombeiros receberam ainda apoio diferenciado do INEM, através do SIV de Melgaço, VMER de Viana do Castelo e o helicóptero do INEM.

A imobilização da viatura em cima dos rails de protecção lateral da via terá sido fatal para o jovem melgacense, apesar da violência do despiste de ter capotado "várias vezes" antes do embate.



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

«Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em página impressa que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis.»

‘Terramatter’, a “personalidade vincada” e a genuinidade de um Alvarinho sem filtros



Soalheiro
QUINTA DE SOALHEIRO
PRIMEIRA MARCA DE ALVARINHO DE MELGAÇO
FIRST BRAND OF ALVARINHO IN MELGAÇO

João Martinho

Como uma obra de arte em aberto, para ser finalizada por quem a aprecia, surge o *Soalheiro Terramatter 2019*. Pertence à família dos Soalheiros Naturais – um vinho com depósito, não sujeito a filtração e elaborado com uvas biológicas da casta Alvarinho.

É um vinho para os mais jovens, mas também para os enófilos mais experientes. Tem personalidade vincada e um perfil diferenciado que resulta de um processo que olha para a agricultura biológica e para a vinificação minimalista como uma oportunidade para abordar o saber dos antepassados com uma atitude exploradora.

António Luís Cerdeira, Enólogo do Soalheiro, diz que a espontaneidade que caracteriza a vinificação do *Terramatter* é uma aprendizagem que trouxe um enorme respeito pelo acaso.

“É engraçado como o vinho nos mostra que o passado e o futuro, muitas vezes, se unem quando experimentamos: ao fazer um vinho sem filtração com o perfil do Terramatter, damos oportunidade a quem o prova de o beber mais ou menos untuoso, mais ou menos fru-

tado ou vegetal, consoante o agitar da garrafa antes de o servir. Atualmente, estão tão em voga os conceitos de obras de arte abertas, de pratos finalizados na mesa, com o toque do comensal, e ao experimentarmos a partir de técnicas ancestrais acabámos por recriar esse conceito neste vinho: o Terramatter que cada um prova é sempre finalizado por quem o serve.”

Uma homenagem à terra-mãe

O nome *Terramatter* surge como uma homenagem ao território onde nasce, Monção e Melgaço – um vale rodeado por montanhas, o Parque Nacional Peneda-Gerês, o Rio Minho, as diferenças de altitude e a infinidade de pequenas parcelas, próprias do minifúndio, onde muitas famílias plantam o Alvarinho.

A viticultura biológica, que dá origem ao *Terramatter*, tem como objectivo aumentar a biodiversidade nas vinhas e sublinha o respeito pelo território, um equilíbrio entre tradição e inovação que se reflecte, também, no processo de vinificação: fermentação maloláctica



parcial em barricas de castanho, típicas do território, e uma combinação inaudita com ovos de cimento que dispensam *bâtonnage* para o removimento das borras. Segredos que poderá descobrir numa visita ao Soalheiro ou imaginar em cada prova deste vinho.

O teor alcoólico moderado e a versatilidade fazem do *Terramatter* o companheiro ideal para uma harmonização com pratos de peixe ou carnes brancas ou para um final de tarde num bar de vinhos.

Celebre este Natal e Brinde a 2021 com Alvarinho e Espumante Soalheiro



Soalheiro
QUINTA DE SOALHEIRO
PRIMEIRA MARCA DE ALVARINHO DE MELGAÇO
FIRST BRAND OF ALVARINHO IN MELGAÇO



Na quadra festiva que se avizinha, o Soalheiro desafia a partilharem bons momentos e a oferecerem presentes que ficarão na memória. De perfil mais clássico ou mais irreverente, de baixo teor alcoólico ou para

quem gosta de desafiar os sentidos, existe um Soalheiro para todos os momentos. Conheça as sugestões para acompanhar as iguarias da Noite de Consoada e do Almoço de Natal. E brinde ao Ano Novo com um

Espumante de Alvarinho.

Vinho, Fumeiro, Infusões... deixe-se contagiar pela versatilidade do território de Monção e Melgaço – A Origem do Alvarinho.



PIZZARIA

T. 251 403 058



Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA



MELGAÇO (CENTRO)
ESPANHA S. GREGÓRIO
PESO MONÇÃO

Covid silencia o Natal?

Só se contaminar o coração!

Costa Guimarães

Estamos em tempo de pandemia e a Vacina contra a Covid tarda. Tememos que não haja Natal. Será possível?

Haverá Natal? Claramente, sim, será um Natal que prefere o calor do estábulo à manjedoura do desperdício consumista!

Será mais caladinho mas com autenticidade mais profunda, porque vamos colocar a Esperança em cada estrela de que ela seja a mensageira e a sua chama azul encha de paz a terra inteira.

Será mais parecido com o de Belém em que Jesus nasceu em solidão, junto dos mais pobres, os pastores.

Será um Natal sem muitas luzes nas cidades e nas vilas mas com mais ternura nas aldeias e nos sítios recônditos porque será alumiado pelo esplendor da estrela de Belém que esclarece as veredas da alegria de quem a procura, como os Reis Magos.

Será um Natal sem cortejos reais colossais e aglomerações nas catedrais do consumo que nos empanturram de bens que não fazem falta.

A Covid traz-nos um Natal que nos desperta para a humildade de sentir-nos pastores e servos buscando a Verdade, vergados como estamos por esta ameaça a ricos e pobres, a doutores e analfabetos, a poderosos e a súbditos.

Será um Natal sem grandes mesas à volta das quais sentiremos algumas dolorosas ausências, ou porque já foram ao encontro do Menino ou porque os homens não deixam sentar-nos a elas.

Para os cristãos, será um Natal com maior presença de Deus que vai compensar ausências e lugares vazios e repletos de saudade.

Será um Natal com as ruas a transbordar de pessoas que se atropelam carregadas de sacos de coisas sofregamente compradas à última hora? Não, mas será um

Natal com o coração aquecido e a alma iluminada pela paz anunciada aos Homens de Boa Vontade,

Será um Natal prenhe de esperança pelo que está por chegar: o Menino que consola as nossas lágrimas e mostra a essência da Vida, na simplicidade, na construção da paz, de amar os outros como a nós mesmos.

Será um Natal sem barulhos nem ruídos da publicidade que nos deixa estonteados e tolhidos numa encruzilhada em que a fartura está a destruir a nossa casa comum, o Planeta Terra, os mais pobres são deitados pela janela fora e descartados e em que os lucros são obtidos de forma imoral que esquecem os trabalhadores como iguais ao Menino de Belém.

Será um Natal sem propagandas nem foguetes a reforçar a mensagem da fraternidade universal, entre todos os homens e entre o Ser humano e a Natureza, ou não tivessem as palhas de Belém sido o berço e os animais sido o bafo calorento que acondicionou o Menino que divide a história humana em duas partes: Antes e Depois de Cristo.

Será, depois do que já vivemos este ano, um Natal sem medo do “covid-herodes” que pretende

... mas não consegue... esmagar-nos o sonho da esperança.

Será um Natal em que vamos ter mais disponibilidade para apreciar e saborear um Deus que se fez igual a nós para estar ao nosso lado, em tempos de pandemia e de saúde, em eras de riqueza e de fragilidade económica, em momentos de alegria e de saudade.

Ah, será um Natal espectacular: a partilha de bens, de afectos, de momentos, de companhia será a sua marca de água, como os Reis Magos ao depositar nas mãos de Maria e José as prendinhas de ouro, de incenso e de mirra.

É verdade que será um Natal que exhibe a nossa pobreza, fragilidade, lágrimas, solidão de muitos, pranto,



angustia e orfandade de tantos. É verdade, para nos impor a procura de uma luz divina no meio de tanta escuridão, de tanta dor, de tanto sofrimento.

Será Natal porque a Covid19 não contamina o coração nem contagia a alma, nem impede que cantemos “Glória a Deus e paz na terra aos Homens de boa vontade”.

Será Natal porque a Covid 19 não nos impede de acender, de novo o Presépio no Mundo ou apresentar Jesus nos olhos dos meninos!

Será Natal. E como clamava David Mourão Ferreira, no seu Cancioneiro de Natal:

“Entremos, apressados, friorentos,
numa gruta, no bojo de um navio,
num presépio, num prédio, num presídio,
no prédio que amanhã for demolido...”

(...)

Entremos, despojados, mas entremos.
Das mãos dadas talvez o fogo nasça,
talvez seja Natal e não Dezembro,
talvez universal a consoada.”

“Motivo de orgulho para Melgaço”

A Colheita 2019 atingiu o duplo ouro com 91 pontos e 12º lugar, sendo o Alvarinho mais pontuado, nos Prémios VinDouro-VinDouro. Um concurso conjunto entre Portugal e Espanha com mais de 1000 vinhos à prova.

LANÇAMENTO PARA ESTE NATAL:

Um espumante Reserva - EXTRA BRUTO da colheita 2018. É 100% Alvarinho, produzido segundo o método clássico e com 18 meses de estágio em garrafa.



Encosta Da Capela
2020
VINDUERO
VINDOURO



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/12/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no quatro de novembro de dois mil e vinte, exarado a folhas **oitenta e quatro e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZASSETTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL MAMEDE PIRES** e mulher **ISABELLE PIRES**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais, ele da referida extinta freguesia de Parada do Monte, ela de França, de nacionalidade Francesa, residentes quando em Portugal no lugar de Chão de Bezerra, na aludida União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhã e habitualmente em 1 Ter Rue Lafayette, Fontenay-Trésigny, França declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do **Prédio Rústico**, denominado **“CARREIRA”**, sito no lugar de **PAÇO**, na dita União das Freguesias de **PARADA DO MONTE E CUBALHÃO**, composto por terreno de cultivo, com a área de **mil e oito metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com António Manuel Domingues, de **SUL** com Caminho Público, de **NASCENTE** com José Afonso e de **POENTE** com José Cândido Afonso, **não descrito** na competente conservatória do registo predial e inscrito na respetiva matriz sob o **ARTIGO 2373**, que teve origem no artigo 1128 rústico da extinta freguesia de Parada do Monte, com o valor **patrimonial e atribuído de € 162,48**;

Que estes entraram na posse do referido prédio já no estado de casados, em dia e mês que não consegue precisar do ano de **mil novecentos e noventa e cinco**, por doação verbal que lhes feita por Justino Pires e Maria Esteves, pais do justificante marido, residentes ela que foi e ele que é no referido lugar de Chão de Bezerra, pelo que não dispõe de qualquer título formal para o registar na conservatória;

Que **há mais de vinte anos** se encontram na posse e fruição do mencionado prédio em nome próprio, procedendo à sua limpeza, cultivando-o, semeando, colhendo os frutos, usufruindo de todas as utilidades possíveis e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio por

um **prazo superior a vinte anos** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a favor destes, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, quatro de novembro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/12/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no cinco de novembro de dois mil e vinte, exarado a folhas noventa e três e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZASSETTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ANTÓNIO MANUEL FERNANDES** e mulher **MARIA AMÁLIA PIRES** casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da extinta freguesia de Paços, ela da freguesia de Cristoval, onde residem no lugar de São Gregório, ambas freguesias do concelho de Melgaço, Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do **Prédio Rústico**, denominado **“PORTAL DO SOUTO”**, sito no lugar de **SÁ**, na dita União das Freguesias de **CHAVIÃES E PAÇOS**, composto por terreno de cultivo, com **área de duzentos e oitenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** e **NASCENTE** com Joel Vaz Mendes, de **SUL** com Caminho e de **POENTE** com Cesar Augusto Alves, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 427, que teve origem no artigo 166 rústico da extinta freguesia de Paços, com o valor patrimonial tributário de € 12,83;

Que desconhecem o artigo da anterior matriz rústica e o dito prédio foi por eles adquirido, já no estado de casados, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e sessenta e seis, por partilha verbal feita com os demais herdeiros, por óbito do pai do justificante marido, Manuel Fernandes, casado, residente que foi no lugar de Sá, na aludida extinta freguesia de Paços, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma, pelo que não dispõe de qualquer tí-

tulo formal para o registar na conservatória;

Que, no entanto, entraram desde essa altura na posse e fruição do mencionado prédio em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, procedendo à sua limpeza, cultivando e amanhando a terra, usufruindo de todas as utilidades possíveis, pagando as respetivas contribuições e impostos e suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de mil novecentos e sessenta e seis conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, cinco de novembro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/12/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no treze de novembro de dois mil e vinte, exarado a folhas cento e nove e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZASSETTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ADELINO MANUEL RODRIGUES**, e mulher **MARIA HELENA RODRIGUES NOBRE RODRIGUES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Penso, concelho de Melgaço, ela da freguesia de Arcos de Valdevez (São Salvador), concelho de Arcos de Valdevez, onde residem na Rua Doutor José Sebastião da Silva Dias, segundo direito declararam serem donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do **Prédio Rústico**, denominado **“LEIRA DE PORTA LODEIROS”**, sito no lugar de **PORTA LODEIROS**, freguesia de **PENSO**, concelho de **MEL-**

GAÇO, composto por terreno de cultivo e vinha, com área total de **três mil quatrocentos e trinta e sete metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Estrada Nacional, de **SUL** com Herdeiros de Raul da Rocha, de **NASCENTE** com Estrada Nacional e de **POENTE** com César Alves, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2985, com o valor patrimonial tributário e atribuído de 113,17 €;

Que os justificantes entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e setenta e oito, já no estado de casados, quando Manuel Caetano da Rocha e mulher Ermelinda Fernanda de Faro Rocha, lho ajustaram vender, não tendo contudo nunca chegado a formalizar a respetiva escritura pública de compra e venda;

Que, não obstante a falta de título, sempre possuíram o dito prédio, desde aquela data, em nome próprio e sem qualquer interrupção, até ao dia hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o **ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o, colhendo os seus frutos, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição**;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de mil novecentos e setenta e oito conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, que invocam para justificar o direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, treze de novembro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/12/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia vinte de novembro de dois mil e vinte, exarado a folhas cento e vinte e sete e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZASSETTE - M** deste

cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ANTÓNIO VITORINO SOUSA SILVA** e mulher **ANA MARIA DA SILVA BARROS**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais ele da freguesia de Segude, concelho de Monção, ela da extinta freguesia de Vila, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Assadura, União das Freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do **Prédio Rústico**, denominado **“CAMPO DA LAVANDEIRA”**, sito no lugar de **LAVANDEIRA**, freguesia de **PENSO**, concelho de **MELGAÇO**, composto por terreno de vinha, com área de três mil e cem metros quadrados, a confrontar de **NORTE** com Custódio Durães, de **SUL** com António Durães, de **NASCENTE** com Firmino Fernandes e outro e de **POENTE** com Caminho e Corga da Veiga, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 3171, com o valor patrimonial tributário de € 1 383,86;

Que desconhecem o artigo da anterior matriz rústica e o dito prédio foi por eles adquirido, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e oitenta e seis, por compra verbal feita a Judite Maria Rodrigues Fernandes da Rocha Henriques e marido Pedro Luís Oliveira Henriques, residentes na Rua D. Francisco Manuel de Melo, número 40, primeiro andar, freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, não tendo nunca chegado a formalizar a mesma, pelo que não dispõe de qualquer título formal para o registar na conservatória;

Que, no entanto, entraram desde essa altura na posse e fruição do mencionado prédio em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, cultivando-o, tratando a vinha, podando-a, sulfatando-a e colhendo as uvas, procedendo à sua limpeza e usufruindo de todas as utilidades possíveis, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de mil novecentos e oitenta e seis conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessa-

dos, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte de novembro de dois mil e vinte.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/12/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia vinte de novembro de dois mil e vinte, exarado a folhas cento e quarenta e quatro e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZASSETTE - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JOAQUIM ALBERTO AFONSO VIEIRA** e mulher **MARIA ELISABETE GONÇALVES VIEIRA** casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da freguesia de Trute, concelho de Monção, ela da extinta freguesia de Prado, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Corredoura, União das Freguesias de Prado e Remoães, concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do **Prédio Rústico**, denominado **“CORREDOURA”**, sito no lugar de **CORREDOURA**, na aludida União das Freguesias de **PRADO** e **REMOÃES**, composto por terreno de cultivo, com área de setenta metros quadrados, a confrontar de **NORTE** com Julieta Lourenço, de **SUL** com Hilário Joaquim Gonçalves, de **NASCENTE** com Luísa da Conceição Fernandes e de **POENTE** com Magnífica Calheiros, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 681, que teve origem no artigo 481 rústico da extinta freguesia de Prado, com o valor patrimonial tributário de € 1,76;

Que desconhecem o artigo da anterior matriz rústica e o dito prédio foi adquirido pela justificante mulher, ainda no estado de solteira, maior, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa, por doação verbal que não chegou a ser formalizada, que lhe foi feita por Maria da Ascensão Fernandes, solteira, residente que foi no lugar de Corredoura, na indicada extinta freguesia de Prado, não tendo nunca chegado a formalizar a mesma, pelo que não dispõe de qualquer título formal para o registar na conservatória;

Que a justificante mulher entrou desde então na posse

e fruição do mencionado prédio em nome próprio, e posteriormente, tendo casado no dia vinte e nove de abril de dois mil, exercido o casal posse sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, procedendo à sua limpeza e usufruindo de todas as utilidades possíveis, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de mil novecentos e noventa conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, vinte e sete de novembro de dois mil e vinte. O Notário, Marco Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 01/12/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO
CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **dezoito de novem-**

bro de dois mil e vinte, exarado a **cento e vinte e uma e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZASSETE** - **M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL ANTÓNIO BERGARA** e mulher **MARIA JULIETA DURÃES** casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de São Palo, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Carreira, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte bem imóvel, sito na aludida freguesia de **SÃO PAIO, não descrito** na competente Conservatória do Registo Predial:

Prédio Rústico, denominado “**MATO DO PINHEIRAL**”, sito no lugar de **PINHEIRAL**, composto por terreno de pinhal e mata de carvalhos, com a área de novecentos metros quadrados, a confrontar de **NORTE** com Estrada, de **SUL** com João Alves, de **NASCENTE** com António de Carvalho e de **POENTE** com Aníbal de Oliveira, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 5345, com o valor patrimonial tributário e atribuído de €46,33, desconhecendo o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e oitenta**, já no estado de casados, por acordo verbal de partilhas que fizeram com os demais herdeiros por óbito dos pais da justificante mulher, Manuel José Durães e Utelinda da Cruz Fernandes, residentes que foram no referido lugar de Carreira, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, assim, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, procedendo à sua limpeza, cortando o mato e a lenha, que aprovei-

tam, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e oitenta** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, dezoito de novembro de dois mil e vinte. O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 01/12/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO
CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia vinte e quatro de novembro de dois mil e vinte, exarado a **folhas cento e trinta e duas e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **DEZASSETE** - **M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na dual **ANTÓNIO MATIAS**

DE ARAÚJO e mulher **EVA DE JESUS RODRIGUES**, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de Fiães, residentes na Avenida da Barbosa, número 24, na União das Freguesias de Vila e Roussas, ambas freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte imóvel, sito na **TRAVESSA FONTE DA VILA**, na aludida União das Freguesias de **VILA E ROUSSAS**, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

Prédio Urbano, composto por edifício de dois pisos destinado a arrecadações e arrumos, **com a área total e coberta de sessenta e oito metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Herdeiros de Maria Hígina de Magalhães, de **SUL** com Travessa Fonte da Vila, de **NASCENTE** com Manuel Ascensão Rodrigues e de **POENTE** com António Matias de Araújo, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2587**, que teve origem no artigo 1117 urbano da extinta freguesia de Vila, com o valor patrimonial tributário e atribuído de **€ 17 510,00**;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não consegue precisar mas que se situa por volta do ano de **mil novecentos e oitenta e cinco**, já no estado de casados, por compra verbal feita a Artur Passos Teixeira e mulher Laura da Conceição Esteves Teixeira, residentes que foram na Avenida Barbosa, nesta União das Freguesias de Vila e Roussas, que não chegou a ser formalizada, pelo que não dispõe de nenhum título para registo na Conservatória;

Que, desde então possuem o mencionado prédio, sem interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo

e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, mantendo imóvel, nele fazendo Obras de conservação e sempre usufruindo de todas as utilidades por ele proporcionadas, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado bem, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome própria do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e oitenta e cinco**, a mesma conduziu à aquisição do prédio por **usucapião**, que invocam para **justificar** o direito de propriedade para fins de inscrição na Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101 do Código do Notariado. Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, vinte e quatro de novembro de dois mil e vinte. O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

Cartório Notarial de Valença

«A Voz de Melgaço» 01/12/2020
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO
CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia **vinte de novembro de dois mil e vinte**, exarado a folhas **seis e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **Cento e Quarenta e Cinco** - **A** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **ARMANDO AUGUSTO GONÇALVES**, N.I.F. 185 819 508, solteiro, maior, natural da extinta freguesia de Remoães, concelho de Melgaço, residente na Rua da Portela, n.º 126, freguesia de Prado e Remoães, do dito concelho de Melgaço, declarou:

Que é dono e legítimo possuidor, com **exclusão de outrem**, do seguinte:

Pesqueira, denominada “Cónego e Sé”, registada no Porto de Caminha sob o n.º 348, sita em Remoães, freguesia de **Prado e Remoães**, concelho de **Melgaço**, com a área de vinte metros quadrados, a confrontar do norte, sul, nascente e poente com o Rio Minho, a qual se encontrava inscrita na matriz sob o **artigo 97** da extinta freguesia de Remoães, a que atribuem o valor de 50,00€.

Que entrou na posse da citada pesqueira em dia e mês que não consegue precisar do ano de mil novecentos e setenta e seis, por compra verbal, que não chegou a ser formalizada, feita a Maria do Carmo Esteves Cunha, viúva, residente que foi no lugar de Galvão, da dita extinta freguesia da Vila.

Que há mais de **vinte anos** se encontra o justificante na posse e fruição da citada pesqueira, exercendo sobre ela todos os poderes de facto inerentes ao direito de propriedade, na qualidade de seu dono, como coisa sua e nessa convicção, utilizando-a para exercer a actividade de pesca e procedendo à sua limpeza e conservação, usufruindo de todas as utilidades possíveis em nome próprio e sem oposição de ninguém, pelo que exerceu uma posse de boa fé, pacífica, contínua e pública, sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de toda a gente, adquirindo o seu direito por **usucapião**.

Que, não tendo possibilidade de comprovar a posse da dita pesqueira pelos meios extrajudiciais normais, a **justifica**, para posterior legalização junto da entidade competente. Está conforme o original, na parte a que me reporto. Valença, 20 de novembro de 2020. A Notária, Cláudia Sofia Vieira Barreiros

Ninguém me há-de roubar o Natal!

Paulo Abreu

Andam já a colocar nuvens no horizonte natalício. Perspetivam-se restrições, confinamentos, limites a congregações familiares. O Natal, dizem, será diferente.

Que se respeitem as regras higiénicas, sanitárias, governamentais, eclesiais. Que todos – não apenas alguns – as respeitem. E que as regras sejam iguais para todos. Sejamos dóceis ao cumprimento do estabelecido, a bem da serenidade, da sanidade e do bem-estar coletivo.

Cristo, porém, fique bem claro, faz parte da solução, não, nunca, do problema. Façamos o que humanamente é possível, mas percebamos que é Cristo quem cura o paralisado ou a sogra de Pedro, quem ressuscita Lázaro ou a filha da viúva de Naim, quem faz aparecer o vinho nas bodas de Canã, quem partilha os pães e os peixes no cume da montanha alimentando uma multidão; assim como é Deus quem cuida de Daniel na cova dos leões.

Deus é solução, não é problema; Jesus (continuamos a falar de Deus) é solução, não é problema. A Igreja, por Cristo fundada, faz parte da solução, não do problema.

Mas mesmo que tenhamos que sofrer restrições, pelo contributo humano que de nós se espera, não deixemos, não deixarei - prometo!, que me roubem o Natal.

Amo a minha família, sejam muitos ou poucos os que se possam sentar na Ceia de Natal; amo os meus amigos, mesmo que tenha de marcar presença, só este ano, apenas através das sms’, do Facebook, do mail; amo o meu povo, mesmo que me veja limitado em alguns encontros, continuando a rezar por ele.

E amo o Emanuel, o Deus conosco, nascido para nós. Agradeço-Lhe a proximidade, a familiaridade, a presença, o amor com que nos distingue e cobre.

Amo o espírito natalício, de generosidade, de partilha, de amor ao pobre, de mão aberta e solidária.

Amo a paz, a concórdia, o perdão, na verdade e na justiça.

Amo a família de Nazaré, a quem ofereço todas as nossas famílias.

Amo a união do céu e da terra, esta sob a proteção daquele, aquele a descarregar sobre esta os bens de que necessita.

Podem pôr-me máscaras na cara; podem derreter-me as mãos com álcool; podem pôr-me a dois metros físicos do irmão; podem controlar-me os passos e o carro.

Mas não podem roubar-me o Natal. Não mandam no meu coração. O Natal vai, de novo, acontecer, porque amo a Deus, amo o Menino, amo S. José e Nossa Senhora, amo a minha família, amo a Igreja, amo todos os meus irmãos e quero cuidar dos que mais precisam.

E por isso as velas já estão aí. As luzes estão prontas. A manjedoura está no sítio.

E tudo vai acender-se, tudo vai explodir neste Natal. Mais que nunca será um Natal de esperança, de luz, de paz, de fé, de generosidade, de amor.

Que ninguém nos roube o Natal. Não deixemos que nos roubem o Natal. Vamos nós fazer o Natal. É nosso. E tudo faremos para que brilhem o céu e a terra, com o que de melhor todos nós, cristãos, temos: muita fé, muita esperança, muito amor.

Com estes condimentos, a todos, com força e coragem, FELIZ NATAL!

Solidariedade, obras e habitação em análise nos “mais de mil dias” do mandato de Manoel Batista

João Martinho



O executivo autárquico da Câmara Municipal de Melgaço assinalou no dia 7 de Novembro “mais de mil dias desde que os melgacenses confiaram na equipa” liderada por Manoel Batista.

A cerimónia teve lugar no Salão Nobre dos Paços do Concelho e contou com a presença da Secretária de Estado da Habitação, Marina Gonçalves, que apresentou algumas das medidas promovidas pelo Governo e que poderão ser um reforço à campanha “Viver em Melgaço”, lançada no início de Novembro pela autarquia.

Antes de fazer o balanço do mandato e anunciar obra para os próximos meses, Manoel Batista destacou outro dos pontos de ordem da sessão, relativamente à homenagem a todos os voluntários que disseram sim quando a autarquia pediu auxílio no combate à propagação do novo coronavírus SARS-CoV-2.

“Os melgacenses souberam, sem ensaios prévios, responder como deviam a esta pandemia e aos seus desafios. É nas horas difíceis que vemos de que raça somos feitos”, evidenciou o autarca, admitindo a surpresa perante o comportamento francamente positivo da comunidade neste período “extraordinariamente difícil, mas desafiante”.

“Devo confessar que ficamos todos surpreendidos com a disponibilidade da sociedade civil para se unir. Autarcas, presidentes de Junta, autoridades da Saúde, Educação, Bombeiros, Protecção Civil, Segurança, instituições do Sector Social e colaboradores do município”, reforçou o edil, deixando nota de admiração para os voluntários, “homens e mulheres de Melgaço e de fora que decidiram dar as mãos para que juntos fossemos mais fortes, ajudando no trabalho das instituições, apoiando os mais vulneráveis nas suas próprias casas ou confecionando equipamentos de protecção individual”.

Face às restrições da sessão, que teve apenas um número limitado de convidados devido à pandemia Covid-19, a autarquia fará chegar a casa de cada um dos voluntários referenciados um troféu, “uma pequena lembrança que simboliza a enorme gratidão que o município sente em relação a todos eles”, frisou Manoel Batista.

A lista com o nome de voluntários e instituições destacados foi publicada nas redes sociais do município.

“Grande Hotel do Pezo” irá finalmente avançar

Com a aposta na área do turismo à cabeça, o autarca começou por destacar os projectos na área do desporto e turismo de natureza já em andamento ou com projecto finalizado e a aguardar financiamento europeu.

A Rede Municipal de Trilhos, o passadiço de acesso ao marco N°1 de fronteira e o projecto da ecovia do Rio Minho, que ligará o ponto mais a Norte (em Cevide) a Monção e daí a toda a ecovia do atlântico, figuram entre as maiores ambições para os próximos anos.

No alojamento com componente turística, a autarquia indica já ter “pronto e candidatado” a fundos o projecto de requalificação do Parque de Campismo de Lamas de Mouro”, aguardando parecer favorável do financiamento no âmbito do programa Valorizar.

Depois da primeira tentativa de renovação, há cerca de dois anos, o antigo “Grande Hotel do Pezo” irá finalmente avançar. O parceiro privado da Cura Aquae – Termas de Melgaço E.M, vai iniciar “em breve” a construção de um hotel quatro estrelas. O projecto tem “financiamento aprovado” e poderá avançar em breve, segundo Manoel Batista.

A intervenção nas Piscinas Municipais, com profunda remodelação, orçamentada em cerca de dois milhões de euros, irá “arrancar em Janeiro 2021”. A autarquia prevê ainda para o próximo ano a requalificação da antiga Escola Primária da Vila, onde serão instalados alguns serviços municipais, o Arquivo Municipal e o Arquivo Documental Jean Loup-Passek.

Avança “ainda este ano” a obra de construção da rede de distribuição de Gás Natural no concelho, “uma infra-estrutura absolutamente decisiva para as empresas e para as famílias”.

No mesmo período, será colocado no terreno um investimento partilhado entre a dst telecom e o município que permitirá instalar a rede de fibra “em 75 por cento do município”.

“Estamos prestes a ter como realidade a presença de um Centro do Conhecimento para o território”, destacou ainda Manoel Batista. Este centro será “um núcleo do recém-criado Centro de Investigação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo” e terá como local de trabalho a Escola Superior de Desporto e Lazer.

Rede viária e habitação: Autarquia promete ser “muito chata” ou até “aborrecida” nas reivindicações

Ladeado pela representante do Governo, Manoel Batista prometeu insistir, ser “muito chato” e até mesmo “aborrecido” para o poder central “na área das infra-estruturas viárias e das comunicações digitais”.

“Estamos a fazer em casa uma enorme aposta na requalificação da rede viária municipal, a expensas do município. Reivindicamos a reinvenção da ligação da A3 e da IC28 a Monção e a Melgaço de forma a dar resposta ao crescimento exponencial do tráfego de mercadorias e pessoas, com uma ligação transfronteiriça nova, que será também ela importante”, evidenciou o presidente da Câmara.

Com o aumento da frequência de alunos na Escola Superior de Desporto e Lazer (ESDL) – este ano ultrapassou os 450 estudantes – Manoel Batista reconhece que esta vinda de jovens para o concelho durante o período académico coloca “questões de alojamento graves e urgentes” ao município.

A autarquia pretende dar seguimento ao projecto europeu URBACT, replicando as boas práticas do programa no âmbito da revitalização do comércio urbano, adaptando-as ao sector da habitação, mas desta vez quer

comprometer também o Governo no projecto e encetar conversações com a Secretária de Estado que representa o ministério em questão.

“O trabalho à distância está a levar os portugueses a procurarem maior qualidade de vida e a abandonar os grandes centros. Queremos mostrar que Melgaço é uma boa opção para viver. Queremos acolher mais habitantes”, sublinhou Manoel Batista, fazendo referência à campanha de expressão nacional Viver em Melgaço.

“Falta de políticas públicas de habitação resultou na inexistência de oferta para as famílias”

Marina Gonçalves assinalou em Melgaço a sua primeira actividade oficial em representação do Governo no Alto Minho e foi enquanto Secretária de Estado da Habitação que indicou o concelho enquanto localidade com “todas as condições para ser efectivamente uma terra para viver, trabalhar e poder obviamente promover a economia local”.

“Infelizmente, durante anos tivemos uma política de habitação em que o Estado se demarcou, pensou-se que o mercado resolveria o problema por si. Liberalizou-se um pouco o mercado da habitação e a consequência é que a falta de políticas públicas de habitação acabou por redundar na inexistência de oferta para as famílias mais carenciadas, mas também para a classe média que hoje em dia, quando enfrenta um novo desafio profissional, enfrenta o desafio de perceber se tem capacidade para arrendar ou comprar casa”, observou Marina Gonçalves.

Neste sentido, a Secretária de Estado notou que o governo tem um “trabalho ambicioso para os próximos anos” e procurará cumprir um conjunto de objectivos até 2024 que proporcionem “preços justos e acessíveis para a população” no mercado da habitação.

O 1º Direito – Programa de Apoio ao Acesso à Habitação, poderá ser um apoio à reabilitação de imóveis que apresentem carências e possam entrar novamente no mercado do arrendamento ou venda de habitação.

“O programa assenta em parte em financiamento a fundo perdido por parte do Estado e uma parte do financiamento via empréstimo do município. É uma excelente ferramenta para dar melhores condições de vida, criar um parque habitacional público para a classe média, dar resposta aos jovens mas também aos estudantes que vêm para cá”, sublinhou a Secretária de Estado.

CLÍNICA DE OTORRINO LARINGOLOGIA
Dr. Monteiro Marques

Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta	919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos	964 877 598

hospital particular
Viana do Castelo
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com

Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF N° 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

<p>Escritórios: Rua Fonte da Vila S/n 4960-546 Melgaço Tel: 251 402903 Fax: 251 402907 mail: mca-seguros@sapo.pt</p>	<p>Av. D. Afonso III, 233 4950-855 Cortes - Monção Tel / Fax: 251 656232 Tlm 936060133</p>
--	--

Covid-19: Receio da pandemia está a isolar população nas aldeias e a evitar consultas

João Martinho

“Neste momento, a população pode proteger mais o Sistema de Saúde do que este pode proteger a população”, diz o médico Alexandre Iglésias

No dia 28 de Novembro, Melgaço somava quatro dezenas de casos activos de infecção por SARS-CoV-2, o novo coronavírus que não está a dar tréguas na segunda vaga pandémica. Neste Natal, pela primeira vez, os encontros das famílias em jantares ou outros convívios devem ser evitados ou realizados com toda a precaução, para evitar que os números (e as vítimas) desta quadra sejam piores.

Os serviços da Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados (UCSP) e da Unidade de Cuidados na Comunidade (UCC) de Melgaço estão, desde o final de Setembro, a regressar à ‘normalidade’ possível. Entre Março e Setembro, o atendimento presencial nas instalações do Centro de Saúde restringiu-se apenas para os casos mais urgentes, mas as equipas garantem que ao longo do mesmo período (cerca de seis meses), os serviços viram o seu trabalho acrescido.

Em Melgaço há 3400 utentes com idade superior a 65 anos referenciados pelos serviços de saúde local, garante ao jornal “A Voz de Melgaço” a enfermeira Ana Pires, coordenadora da Unidade de Cuidados na Comunidade (UCC) de Melgaço

“Os cuidados de enfermagem reforçaram-se e de que forma!, nessa fase. **Quando as pessoas achavam que estávamos fechados, nós estávamos na rua, a fazer o dobro ou o triplo dos domicílios que fazíamos noutras condições. A título de exemplo, todas as pessoas com mais de 65 anos que fazem INR [monitorização de doentes que fazem terapêutica anticoagulante] foram atendidas no domicílio**”, esclareceu.

“Por protecção e precaução para com todos aqueles utentes, todos os que tinham mais de 65 anos foram atendidos no domicílio, e não estamos a falar de vinte ou vinte e cinco doentes, são muitos mais, num concelho disperso. Havia pessoas com mais de 90 anos, que tinham feridas e que em vez de vir ao Centro fazer o tratamento, foi feito no domicílio”, acrescentou ainda a enfermeira Ana Pires.

Para o médico Alexandre Iglésias, da Unidade de Saúde Pública do Alto Minho (USPAM), os números do concelho, ainda que (à data) ligeiramente abaixo da média do distrito, não são motivos para baixar a guarda.

“Em termos relativos, Melgaço está bem, mas pode ser devido a muitos factores, não faz sentido gabarmos de estarmos melhor ou pior. A população tem que responder. Temos todos que utilizar máscaras, manter distâncias, evitar grandes grupos, deixar os almoços e jantares para depois. O Governo acredita na responsabilidade dos cidadãos e as recomendações são muito claras”, alerta o médico.

Considera que as aproximações “puramente quantitativas quando mudam as circunstâncias” são redutoras e rejeita a abordagem de que as escolas são o contexto mais susceptível de contágios.

“Os focos mais sensíveis são os mesmos, onde se produz a maior parte dos contágios é no relacionamento familiar e social. As escolas não têm porque ser um foco de expansão, estão a aplicar todos os meios de prevenção e fecha-las pode ter outras consequências indirectas. Enquanto não estiver a produzir-se uma situação catastrófica ou de emergência para as fechar, temos que as manter. Evidente que vai haver casos, mas temos de ver se eles têm origem na escola ou nos convívios familiares”, defendeu.

Ivone Ricardo, médica do Conselho Técnico da Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados (UCSP) do Centro de Saúde de Melgaço reconhece que foi necessário “reformular e readaptar” os serviços.

Com a retoma do atendimento na secretaria da unidade de saúde no final de Setembro, iniciava-se um pós-primeira vaga que chegou a ter apenas um médico de serviço, dos seis que constituem a equipa de médicos do Centro de Saúde local.

Apesar das limitações com o desfalque de profissionais devido à pandemia, a Dra. Ivone Ricardo garante que o acompanhamento aos doentes crónicos se manteve, assim como a prescrição de receitas ou de exames de rotina. “Não foram deixadas ao Deus-dará”, frisou.

Actualmente, além dos cinco médicos (aguarda-se a colocação de mais um a breve trecho) a UCSP é composta por mais seis enfermeiros e sete secretários clínicos. Na Unidade de Cuidados na Comunidade, o efectivo é de seis enfermeiros, com o apoio de três médicos, assistente social, terapeuta, psicólogo, etc.

A reorganização do serviço de consultas, que actualmente privilegia as marcações por telefone e agendadas pelo médico directamente com o utente, é uma forma de proteger as pessoas vulneráveis, considera o médico da USPAM, Alexandre Iglésias. “O que se tenta é evitar que as pessoas vulneráveis estejam em risco. Às sextas-feiras, as filas que se formavam no Centro de Saúde eram grandes. Esta é uma medida óbvia”, observou.

A enfermeira coordenadora da UCC contrapõe a ideia de que a restrição dos serviços no Centro de Saúde tenham significado menos trabalho para as equipas. O plano de vacinação contra a gripe, este ano levado a efeito nas freguesias, implicou um maior esforço na agenda dos profissionais de saúde.

“Era muito mais fácil para o Centro de Saúde e para os profissionais do centro os utentes terem vindo cá. Dava menos trabalho do que ir a todas as freguesias do concelho, mais do que uma vez, fazer a vacinação, organizada e com hora marcada, a mais de 1300 utentes”, reforçou.

Um Natal inconsequente pode ditar retrocesso nos serviços

A plataforma Trace COVID-19 apoia os profissionais de Saúde na identificação e registo detalhado de informação sobre os casos, rastreio de contactos e seguimento clínico a doentes com suspeita ou confirmação de infecção.

“Os dados dos doentes são introduzidos nessa plataforma e nós, profissionais de Saúde, temos acesso ao nome e registo e ligamos todos os dias, inclusive ao fim-de-semana, para fazer a avaliação. Temos uma equipa responsável que distribui as tarefas. Tivemos doentes que estiveram positivos e que precisaram do tratamento de uma ferida e garantimos esses cuidados, com todas as precauções”, revela a Dra. Ivone Ricardo.

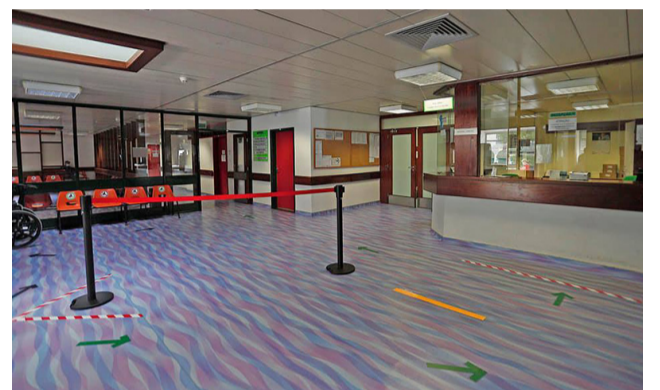
O médico da USPAM admite que pode ser um erro a comunidade pensar que o Serviço Nacional de Saúde tem capacidade para reforçar equipas se os casos de infecções “descambarem”.

“Perceber isto como uma doença individual é um erro, é uma doença quase social. Não estamos a proteger-nos só a nós, estamos a proteger os outros. Quando há um comportamento colectivo, as pessoas podem pensar que se os outros fizerem direito, “Eu posso fazer mal que não vou ter problema”. Se isso se espalha... Agora no Natal, todos nós queremos comemorar, mas se calhar não é a melhor ideia. Não podemos pensar que tudo se arranja reforçando as equipas”, avisa Alexandre Iglésias.

Por sua vez, a Dra Ivone Ricardo reforça a mensagem de que um novo surto na comunidade local poderá por em causa todos os serviços entretanto reconquistados, desde o final de Setembro.

“Quando esta pandemia surgiu, nós não fazíamos ideia da gravidade ou que implicação teria. **Tudo se focou na Covid-19 e o resto ficou um bocado para trás, infelizmente. Agora já percebemos como funciona, temos normas e estamos a tentar dar atendimento às restantes situações. Se os casos voltarem a aumentar... Nós somos os mesmos,** se calhar vai haver alguma coisa que fica para trás, mas respeitamos as indicações da chefia”, notou a médica do Conselho Técnico da UCSP de Melgaço.

A normalidade possível está no entanto a menos de 50 por cento do que seria o funcionamento do centro



no período pré-pandémico. A Dra Ivone Ricardo explica que “menos um médico representa menos mil e duzentos doentes sem médico, a quem temos de dar resposta também”.

Ainda assim, para as situações mais urgentes, é recomendável recorrer à consulta aberta – das 8 às 20 horas – mas apenas se a queixa não for respiratória. “Qualquer queixa respiratória, tosse, falta de ar ou febre não atendemos porque tem de ser orientado para um serviço Covid-19 mais próximo, que é em Monção”, frisa a Dra Ivone Ricardo.

Para as consultas de rotina ou outras, o utente terá de ligar para o Centro e pedir a marcação, mas será preferencialmente o médico a ligar de volta para fazer a marcação. Os novos procedimentos de atendimento implicam que as consultas sejam feitas apenas “de meia em meia hora” (para higienizar o espaço e equipamentos utilizados) e pede-se ao utente que apareça “o mais próximo da hora da consulta, para evitar cruzar-se com outras pessoas”.

Para os casos de prescrição/renovação de receitas, que não implicam obrigatoriamente a consulta presencial ou mesmo a ida ao Centro de Saúde se o utente tiver um telemóvel que possa receber a receita electrónica, a equipa médica alerta para a verificação da validade da receita antes de pedir uma nova. “A maior parte das receitas passadas são para seis meses. Acontece muitas vezes as pessoas pedirem uma nova receita passado um mês”.

Apesar das limitações do serviço na retoma, a Dra Ivone Ricardo considera que o medo da pandemia não deve fazer as pessoas abdicar do direito à saúde.

“Estamos a ter todos os cuidados, mas os mais idosos têm receio de vir à Vila, ao médico, não querem vir. Quando for necessário, é preferível vir ou telefonar, porque podemos poder estar a deixar passar um problema maior”, reiterou.

O Dr Alexandre Iglésias considera que as normas de funcionamento do Centro de Saúde permitem que o risco de infecção seja “praticamente nulo”, mas não retira o dever de cumprimento das normas por parte da população.

“A população pode proteger mais o Sistema de Saúde do que o Sistema de Saúde pode proteger a população. Isto depende de cada um de nós. As medidas de prevenção deviam sair de nós, **esta é uma situação excepcional. Por muito que não queiramos, não podemos ter aquele pensamento mágico ou infantil de “eu vou fazer, não me vai acontecer nada”. Sim, vai acontecer. Não é ser politicamente correcto, é uma evidência. De outra forma é ir contra a realidade. E ninguém pode dizer que não sabia**”.

Charity: uma bela história de refugiada dos Camarões

Costa Guimarães

Charity Nanga fugiu dos Camarões em 2017 para escapar das represálias causadas pelas tensões entre a minoria anglófona e a maioria francófona no país. O conflito resultou em milhares de mortes e centenas de milhares de refugiados.

Com 27 anos, esta camaronense está na Itália desde 2017. A família ainda mora nos Camarões: mãe e duas irmãs mais novas Faith e Praises. O pai teve que fugir para outro país para salvar sua vida e não sabe onde está o irmão mais velho porque desapareceu após ter sido preso numa manifestação. Os pais eram professores em uma escola pública.

A República dos Camarões é um dos muitos países africanos que ainda carregam consigo os efeitos nocivos da colonização pelas potências europeias.

Após a Primeira Guerra Mundial, esta antiga colônia alemã fica sob o controlo da França e do Reino Unido até os anos 60. A reunificação dos Camarões, que ocorreu em 1984, foi afetada pelo longo período de ocupação estrangeira, especialmente no aspecto linguístico e administrativo. Embora o país tenha mais de 200 grupos étnicos e linguísticos diferentes, os idiomas oficiais são o francês - falado por 78% da população - e o inglês, falado principalmente nas duas regiões ocidentais na fronteira com a Nigéria.

Desde 1982 o país é governado pelo Presidente Paul Biya, que nas contestadas eleições de 2018 foi reeleito para o oitavo mandato consecutivo com mais de 71% dos votos. Na luta contra a corrupção, os Camarões estão classificados em 153 de um total de 180 estados.

“Depois de me formar na universidade comecei a trabalhar como contadora em uma ONG, ao mesmo tempo continuei meus estudos para obter uma especialização em Economia e Administração de Empresas” — recorda Charity Nanga. “A certa altura, a situação política nos Camarões deteriorou-se. O meu pai era membro de um partido de oposição e, após a prisão do meu irmão, também teve que fugir para outro país”.

“Nos Camarões existem oito regiões francófonas e duas anglófonas. Para nós que vivíamos na parte anglófona do país, era como ser um estrangeiro em nossa casa. Foi por isso que os protestos começaram, para ter os mesmos direitos que todos os outros. As revoltas começaram em 2016 quando o governo decidiu enviar pessoal administrativo, professores e magistrados, das regiões francófonas para as duas regiões anglófonas. O problema é que o bilinguismo camaronês está apenas no papel; é raro encontrar alguém que fale bem ambos os idiomas, inglês e francês”.

Estamos perante mais uma verdadeira guerra que já matou mais de duas mil pessoas, fez 500.000 deslocados e 40.000 refugiados na vizinha Nigéria. O conflito entre a minoria anglófona e as autoridades estatais eclodiu depois da repressão militar de várias manifestações lançadas pelo Consórcio da Sociedade Civil Camaronense de Língua Inglesa em 2016. Após o envio de juizes e professores francófonos para as regiões anglófonas, advogados e professores de língua inglesa encheram as ruas de Bemenda - a capital da região noroeste - a protestar contra uma medida discriminatória e marginalizadora. A repressão só agravou o conflito levando à formação de grupos guerrilheiros anglófonos que em 2017 reivindicaram a secessão de suas regiões, autoproclamando a independência do Estado de Ambazônia.

“Foi durante as primeiras manifestações em 2016 que o meu irmão desapareceu depois de ter sido preso. A repressão foi violenta, a polícia começou a disparar contra os manifestantes e muitos jovens foram mortos. Muitas mulheres foram estupradas após a prisão. Mesmo quando os protestos chegaram a Bemenda, a capital do Estado de anglófono do noroeste, o Presidente Paul Biya não fez nada para restaurar a calma, pelo contrário, enviou mais polícias, mas não para nos proteger. Quando soube da prisão do meu irmão, fui até a prisão para ver se poderia fazer algo por ele e acabei presa. Alguns dias depois, houve confrontos nas ruas e as pessoas ata-

caram a prisão e consegui escapar. Pedi ajuda ao meu tio, um religioso, que me escondeu por algum tempo antes de organizar minha fuga do país”.

A repressão dos protestos nas duas regiões anglófonas dos Camarões foi extremamente dura. O Presidente Paul Biya decretou o estado de emergência e enviou o Batalhão de Intervenção Rápida contra os manifestantes. Prisões arbitrárias e violência de todos os tipos foram perpetradas com total impunidade. Quase ninguém que entra nos porões da SED - os Serviços de Segurança do Estado em Youndé - sai ileso; na maioria das vezes, de facto, eles não saem.

No centro da disputa há fortes interesses económicos ligados à distribuição dos lucros da extração de petróleo concentrada na região anglófona do sul, que responde por 40% do PIB dos Camarões.

De acordo com dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, o número de pessoas deslocadas internamente nos Camarões no final de 2018 era de 437 mil.

Através do tio conseguiu um visto para entrar na Itália. Em Yaoundé todos tinham medo até mesmo de falar com um taxista, em todos os lugares havia espões e bastava apenas uma palavra fora do lugar para ser preso e desaparecer. Preocupo-me muito com minha mãe e minhas irmãs que ficaram nos Camarões. Às vezes acho que teria sido melhor ficar com minha família, mas talvez eu não estivesse viva. Assim, apesar do medo, deixei tudo, meus amigos, meu trabalho. Foi uma decisão muito difícil”.

Para a viagem de avião para a Itália, o tio confiou Charity a uma pessoa conhecida para a acompanhar e proteger, mas traiu a sua confiança e a do tio. “Quando chegamos em Roma, na estação ferroviária Termini, pedi todos meus documentos dizendo que ia comprar as passagens de comboio. E desapareceu. Fiquei alguns dias na estação, sem chamar a família, a mãe. Eu não tinha nada e o dinheiro que tinha não valia nem 10



euros, na verdade, não nem quiseram fazer o câmbio”.

Estava sem documentos, sem dinheiro, não falava a língua e quando tentava pedir ajuda as pessoas não a entendiam. Até que um dia, conheceu uma senhora dos Camarões, casada com um nigeriano, que se ofereceu para a ajudar. Ela levou-a para sua casa, onde ficou duas semanas. No Escritório de Imigração não foi difícil registrar-se, em seguida foi encaminhada para um centro de acolhimento arredores de Roma. Dois anos depois foi reconhecida como refugiada e recebe documentos. Era o ano de 2019”.

Enquanto esperava estudou italiano e consegue o nível médio, mas não os diplomas universitários.

“Enquanto estava no centro de acolhimento, ouvi muitas histórias terríveis de outras mulheres que haviam chegado à Itália de barco. Conheci mais de 70 pessoas que chegaram de barco, quando penso que minha história foi difícil..., vejo que a deles foi muito mais”.

Basta escolher entre os vinhos Quinta do Regueiro Alvarinho Reserva 2019, Quinta do Regueiro Barricas 2019, Quinta do Regueiro Primitivo 2018 e o Espumante Quinta do Regueiro Bruto 2018, e escolher assim o presente perfeito para oferecer a familiares e amigos nestas Festas de Natal e Ano Novo.

Viajar pela Birmânia – 1

M. J. Lobo Elias

Na Birmânia um sorriso será sempre o enquadramento do acolhimento à nossa chegada. Até as crianças ao colo das mães, nos retribuem um sorriso quando as olhamos, mesmo que ainda não falem. A mãe atentamente conduz a esse estado de alma com uma festa na face da criança. Essa afabilidade gera uma certa confiança e é uma linguagem universal entre tantas manifestações culturais específicas e surpreendentes, por isso inesquecíveis.



Chapéus birmaneses

abrangente e diversificado, mas a população mantém-se sempre muito acolhedora e particularmente afável em qualquer lugar.

Além do budismo existem outras religiões, previsivelmente muito minoritárias, mas cuja prática é tranquilamente aceite. A exceção conhecida é a da minoria étnica muçulmana “rohingya”, a quem foi mesmo retirada a cidadania birmanesa. Uma questão não resolvida que foi notícia a nível internacional em anos recentes.



Mapa de localização no continente asiático

2,600 anos, o que o marca como a mais antiga “Stupa” do mundo e o inclui na lista dos Patrimónios Mundiais da UNESCO. De modo sucinto recordamos que os pagodes ou “stupas” são construções muito altas guardando no seu interior relíquias budistas de vária ordem.. Não são templos embora sejam locais de veneração. E há imensas “stupas” na Birmânia, sendo difícil ter uma paisagem com um horizonte desprovido de “stupas”, sempre muito valorizadas pelos birmaneses.



Outra da rocha dourada para escolha, acho esta mais bonita

Birmânia ou Myanmar?

A conhecida e secular designação de Birmânia, ou Burma, deste extraordinário país, tão singular e sedutor para quem o visita, foi alterada em 1989, por decisão política do regime militar birmanês, já então no poder, e passou para “União de Myanmar”. Esta nova designação foi reconhecida pelas Nações Unidas e pela União Europeia, mas não pelos Estados Unidos da América nem pelo Reino Unido. Pessoalmente continuo a preferir Birmânia, uma evocação mais tradicional e reconhecida nas minhas referências históricas e culturais.

Uma localização geográfica singular

A Birmânia, situada no sudeste asiático, é o país com maior área nesta região da Ásia. A sua superfície de 676.000 km² é maior que a soma das áreas de França e de Portugal.

Segue numa gravura um esboço de mapa da Birmânia integrada na sua posição geográfica, rodeada de influências culturalmente diversas, pois as suas fronteiras contactam países muito diversificados: Bangladesh, Nepal, China, Laos e Tailândia.

O sul do país abrange o enorme delta do rio Irrauadi, uma via navegável que atravessa toda a Birmânia no sentido Norte-Sul. Até comercialmente é a mais importante do país. Sendo o seu comprimento total de cerca de 2170 km, a parte que percorre a grande planície central birmanesa, a mais favorável à navegação permite um acesso por barco para transporte de pessoas e mercadorias de N a S do país. Termina a sul, num delta enorme, de nove braços, antes de desaguar no mar.

Surpreendente por outro lado, é a sua longa e belíssima costa oeste da Birmânia, banhada pelo Oceano Índico, onde existem praias de sonho, de que usufruímos nos últimos dias da viagem, relaxando e contemplando a natureza, e de que ficaram memórias de uma experiência inesquecível rodeada de belezas naturais em estado puro.

Uma identidade multiétnica

Outra das grandes surpresas deste país foi constatar que, embora existam mais de 100 grupos étnicos, alguns predominantes, há um traço de identidade forte, talvez pelo facto de cerca de 89% da população ser budista. Na verdade este foco mantém-se há séculos, inspirado em Buda! Já lá vão uns anos, desde a minha primeira viagem à Birmânia. Desta vez o percurso foi mais

Yangon/Rangun – a maior cidade do país

Yangon é a maior e a principal cidade da Birmânia, com cerca de 4 milhões de habitantes, e foi a capital deste país até 2006.

É o principal centro de comércio, indústria, entretenimento e turismo. As actividades aqui desenvolvidas representam cerca de um quinto da economia nacional sendo o mais importante centro comercial para todos os tipos de mercadorias – desde alimentos básicos a produtos manufaturados. Talvez tenha interesse relembrar que em 1989 a junta militar que tomou o poder na Birmânia mudou o nome tradicional da capital: de Rangum passou para Yangon. Pouco depois o seu estatuto de capital também mudou para a pequena cidade de Naypyidaw, bem no centro do país, em Março de 2006, que foi então proclamada como a nova capital governamental e onde o poder político ficou sediado. Vale a pena pelo inesperado e surpreendente resultado, ver as obras que aí entretanto foram sendo realizadas, disponíveis na internet.

Apesar desta mudança política, Yangon continua a manter a sua importância, quer comercial, quer turística, com as tradicionais actividades e tradições culturais. Com os seus parques e lagos e algumas heranças arquitectónicas inglesas de edifícios públicos, muito bem conservadas.

Pagode Shwegadon, Património da UNESCO

Mas o mais importante elemento cultural e marca histórica de referência para a cultura birmanesa que existe em Yangon é, sem dúvida, o imponente e impressionante pagode dourado Shwegadon, situado numa elevação no centro da cidade. De acordo com a tradição, este Pagode ou “Stupa” foi construído há mais de



Rocha dourada



O Buda deitado com mais de 50m

Esta “stupa” no entanto é o centro religioso de referência da Birmânia e é a mais importante porque contém, não só as relíquias de quatro antigos Budas, mas acima de tudo guarda no seu interior, de acordo com uma antiquíssima tradição, oito mechas de cabelo do Buda Sidhartha Gautama, referido hoje universalmente como o fundador e difusor do budismo. Recordamos que viveu no séc. VI a.c. e que nasceu e foi sepultado na Índia.

Um dos países mais budistas do mundo

Se é surpreendente que o Budismo só tenha sido adoptado na Birmânia no século XI mais surpreendente é que o sucesso de uma adesão imediata e geral nessa época tenha acontecido e se tenha mantido e continue a abranger hoje em dia cerca de 90% da população birmanesa. A Birmânia é assim um dos países com maior percentagem de budistas no mundo. Será certamente um dos elementos de união da população birmanesa.

Uma surpresa, agora em sentido inverso, é a de que o budismo na Índia, o país onde Buda nasceu e está sepultado, como já referimos, apresente uma adesão muitíssimo inferior à do hinduísmo, a religião predo-

Continua na pág. seguinte

Neste Natal haverá mais luz nas ruas de Melgaço

“Apostamos mais forte do que nunca na iluminação de Natal, mas não defendemos que seja ligada no Verão”

João Martinho

As medidas de combate à segunda vaga da pandemia Covid-19 não deixarão usufruir com total liberdade da quadra natalícia, mas a autarquia pretende que a presença dos munícipes nas ruas da Vila seja aprazível e de apoio ao comércio local.

O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, avança que a programação de Natal será “rica e variada”, com o reforço da iluminação das ruas.

“Não defendemos que a iluminação seja ligada no Verão, preferimos ligar mais na época natalícia. Vamos ligá-la na primeira semana de Dezembro. Estamos a investir no embelezamento da estrutura de iluminação porque achamos que é importante, e este ano mais ainda, dar nota de alguma festa à população, tão massacrada ao longo deste tempo”, observou o autarca.

Ainda que as recomendações das autoridades de saúde não convidem à saída prolongada na rua, a autarquia quer premiar o zelo da maioria dos melgacenses.

“Melgaço tem sabido ser responsável. Há uma ou outra situação onde uma ou outra coisa falha, mas de uma forma geral, a população tem sabido sair em segurança”, reforçou Manoel Batista.

Nesta quadra será lançada novamente a campanha de compra no comércio local, agora com tons natalícios, e o apelo para que a população prefira sempre

os mercados de proximidade. O exemplo será dado, segundo o edil, “pela autarquia e pela associação de trabalhadores da Câmara”, que comprarão apenas no comércio local os presentes para os filhos dos funcionários ou mesmo entre estes, uma vez que não se cumprirá o habitual jantar que reunia todos os trabalhadores e executivo da autarquia.

Sobre possíveis apoios aos empresários dos sectores mais afectados, Manoel Batista diz que “não há varinha mágica” para resolver tudo.

“Esta segunda fase será um período bastante complicado até ao princípio do próximo ano, pelo menos. A esperança é de que Fevereiro e Março (2021) sejam de retoma e as empresas possam voltar a ter o fôlego de há uns meses. Continuamos atentos e a fazer o outro trabalho, que é o de comunicar o território”, admitiu o autarca.

“Desafio quem quer que seja a fazer comparativos de comunicação nas redes sociais, na imprensa escrita especializada e em televisão, com outros municípios. Estamos a fazer um trabalho sério para transmitir o município e as suas qualidades, dizermos aos que estão fora que podem comprar os nossos produtos remotamente”, realçou.

Sobre a expressão das vendas através das plataformas online, Manoel Batista refere que os produtores locais reconhecem que “as coisas estão a correr bastante bem, tendo em conta as limitações”.



Continuação da pág. anterior

minante na Índia. Consultando as estatísticas acessíveis na internet, encontra-se referido que apenas 2% dos indianos são actualmente praticantes do budismo, e que o hinduísmo será seguido por cerca de 85% da população. Surpreendente, na verdade.

Nesta viagem percorremos a Birmânia em várias direcções e as altas agulhas douradas em que terminam as “stupas” ou “pagodes” e os templos budistas surgem infalivelmente no horizonte. É uma imagem de marca impressionante.

Uma volta por Yangon

Chegamos a Yangon ao fim do dia, fomos jantar na zona da “China Town”, onde o acesso, a pé, nos levou a percorrer um bairro marcadamente chinês. Sendo já noite, encontramos as características iluminações chinesas de rua e balões vermelhos, uma imagem de marca já conhecida de outras paragens. São inconfundíveis em qualquer parte do mundo!

No dia seguinte o nosso pequeno grupo foi ao encontro de um guia local conhecido, que dispunha na sua casa de um espaço adaptado a uma função expositiva para pequenos grupos, em que nos traçou as linhas mestras da actualidade social e política do país. Muito interessante, evidenciando uma situação política complexa.

A seguir tivemos a surpresa de treinar palavras básicas para ir a pé fazer compras a um genuíno mercado de bairro e cada um pedir, na língua local, um ingrediente ou dois, necessários para uma refeição destinada a ser preparada em casa com iguarias birmanesas.

Com a aprendizagem desses termos verbais básicos, foi muito divertido no mercado: desvendámo-nos na sua atmosfera genuína e surpreender quem vendia!.

No regresso a casa sucedeu-se a prevista actividade culinária partilhada em que tentamos aprender algumas tradições e paladares da cozinha e petiscos birmaneses! Uma experiência muito interactiva localmente e uma boa prova gastronómica.

Arquitectura colonial britânica

É interessante referir que ao percorrermos depois bairros onde a arquitectura colonial britânica deixou a sua marca, havia uma série de edifícios, em geral de actividades oficiais e por isso com boa arquitectura, que se mantinham bastante bem conservados e traduziam inconfundivelmente uma imagem europeia.

De comboio até Bago

No dia seguinte seguimos de comboio para Bago, um percurso de cerca de 70 km, que acabaram por demorar duas horas, com todas as paragens.

Em Bago ficaríamos alojados por uma noite. Neste dia da chegada juntamos duas interessantes visitas: uma ao enorme Buda deitado e outra ao surpreendente e imperdível rochedo dourado de Kyaiktiyo.

Um gigantesco Buda deitado

A fotografia deste Buda Shwetalayung na posição de deitado, com 55 metros de comprimento e 16m de largura, calcula-se que tenha sido construído no ano de 994. Após uma devastação de Pégou e massacre da população em 1757 por Alaungpaya, e as alterações subsequentes, fizeram esquecer o seu rasto. Acabou por ser casualmente descoberto, em 1880, por uma missão topográfica britânica, no meio da selva, onde jazia coberto pela vegetação. Uma surpresa seguida imediatamente do início do seu restauro.

Encontra-se agora aqui, visitável, protegido e conservado e sempre sujeito a pequenos retoques de manutenção como pudemos verificar e se nota na fotografia que enviei a presença dos encarregados da conservação, que parecem ter dimensões liliputianas...

Apesar do tamanho incrível deste Buda, no entanto, e pasmem, o maior Buda deitado conhecido, Win Sein Taw Ya, também aqui na Birmânia, mede 180 metros. Este tem só 55. Não vimos...nem imaginamos!

O rochedo dourado no Monte Kyaiktiyo

Nesta área da Birmânia outra visita imperdível é ao Monte Kyaiktiyo, onde uma enorme rocha arredondada está incrivelmente pousada nas alturas, à beira de um precipício.

Já bem no alto, o transporte que nos levou deixou-nos no entanto a alguma distância do cume porque a finalização da íngreme subida faz-se sempre a pé.

É impressionante a posição de equilíbrio da monumental rocha dourada, em que as finíssimas folhas de ouro que a forram exteriormente, brilham intensamente sob a luz do sol poente...Na foto terão uma ideia mas podem buscar na internet pelo nome escrito no título.

A sua posição de contacto com uma base muito reduzida sugere à nossa imaginação que poderá rebolar facilmente lá das alturas sobre o precipício...

O mágico equilíbrio desta enorme rocha com o brilho das finas folhas de ouro hipnotiza-nos o olhar e deixa-nos perplexos!

A Birmânia é um país de surpresas que surgem acompanhadas de tradições muito antigas, numa dimensão fortíssima de tradicionais vivências humanas.

Dez 2020

A Gratidão falou mais alto

Alberto Pereira de Castro

Há dias, deixando a vista passear por uma das estantes da minha Biblioteca, topei um pequeno volume, colocado de través sobre outros livros, e que, sinceramente, já esquecera, não obstante o valor sentimental que para mim representa. Tenho ideia que já uma vez, há anos, vos falei dele, mas vou fazê-lo, de novo, por uma diferente perspectiva.

Enfim, o título é sugestivo e até bombástico - **O Salazar nunca mais morre** - e foi tirado de um dos variadíssimos aerogramas que compõem o volume. No fundo, porém, trata-se, de facto, de um pequeno conjunto de aerogramas escritos por Manuel Beça Múrias, jornalista, para a Maria João, sua Mulher, que o acompanhou, à distância, em Luanda durante a sua estadia no mato, em Nambuanguo, (Dembos) e depois pessoalmente na região da Lunda, concretamente em Henrique de Carvalho. O sub - título é **Cartas de África em tempos de guerra e amor**, tem um Prefácio de Joaquim Furtado, um depoimento de um camarada de guerra, Alferes Miliciano, José Manuel Carvalho de Oliveira, um posfácio da Maria João Múrias, intitulado **Palavras de amor** e, a finalizar, um depoimento da prestigiada jornalista e escritora Helena Marques.

A razão do título é sustentada pelo facto de o Batalhão de Cavalaria 399, do Comando do Tenente - Coronel Alves Pereira, por alcunha **Totobola**, (porque nunca se sabia para que lado estava virado), que substituíra um outro mítico Batalhão, o 96 - Batalhão do Aço, do Coronel Maçanita, que tomara Nambuanguo - permanecer há sete meses naquela região, na altura a mais perigosa do Norte de Angola, (Região dos Dembos) e não haver perspectivas da sua retirada, a breve trecho, daquele “inferno”. Acresce que o dito Totobola era, de facto, completamente louco: conduzia o jipe sempre de marcha atrás, (dizia ele que era por causa da poeira!) e o seu encanto era andar com frequência em patrulha na mata ou de avioneta num pretense arremedo ao General Spínola que nessa altura espalhava a sua magia pelo Norte de Angola. Um dia em que o Aquartelamento foi atacado pelos “terroristas” pôs todo o quartel a fazer fogo, enquanto ele, sentado, numa cadeira de aduelas de barril, gozava, risonho o panorama... “Isto é para que eles saibam que munições é coisa que não nos falta!” São, na verdade, muitas as histórias deste tal Coronel, e eu conheço ainda umas quantas, algumas bem saborosas ou deploráveis... Porquê? Simplesmente, porque me coube o azar de ser o meu Batalhão - Caçadores 460 do Comando do Tenente - Coronel Melo Egídio 2- a substituí-lo. E daí a minha particular afeição por este livrinho, sendo outro motivo (não menos importante) o de conhecer, de nome, a sua principal personagem - o Manuel Beça Múrias, filho de um coronel do Exército e sobrinho do Chefe de Redacção do extinto Diário da Manhã, e depois proprietário e Director do jornal “A Rua”, e já nessa altura prestigiado elemento da nova geração do nosso jornalismo, a par de Fernando Assis Pacheco, que também esteve em Nambuanguo, mas acabou “por não se dar bem com os ares” e teve uma crise nervosa que o levou a ser transferido para a Metrópole3. E há ainda uma outra circunstância: foi com este Bessa Múrias que fiz a minha operação de sobreposição - a chamada “patrulha das bananas”, - um quase passeio pelas redondezas do quartel, não fosse o diabo tecê-las... (o que se compreende, até pela inexperience da tropa de “maçaricos”), mas onde comi, não bananas, que também as havia maravilhosas, mas umas sumarentas laranjas como não me recordo de ter alguma vez comido igual. Tenho presente a figura do Bessa Múrias, já escanado, suando em bica, mas extremamente sincero ao expor-me os muitos perigos a que ficávamos sujeitos (“nós não acabámos com a guerra”, preveniu-me), que confirma o que ele conta nos aerogramas, mas, verdade seja dita, de uma gran-

de honestidade... Tenho uma vaga ideia de que aquele sítio fora uma antiga fazenda havia muito abandonada. Do Tenente - Coronel Alves Pereira ficou-nos ainda como relíquia um cão rafeiro, de grandes malhas brancas e pretas, também chamado Totobola (ninguém sabia como fora ali parar), e a quem o seu “dono” costumava dar de castigo umas patrulhas na mata para aborrecimento do alferes que fosse contemplado com tão ingrata e inconveniente (inoportuna) companhia...

Pois bem, coube-nos a nós pôr fim àquela ansiedade (e só lá estavam há sete meses). Conosco ficou também a memória do Paulino, a que o Manuel Bessa Múrias dá algum desenvolvimento. Em suma, trata-se de um miúdo de doze anos, que fora apanhado numa emboscada um dia de manhã quando com o pai ia buscar água a um ribeiro que passava próximo da sanzala. Por precipitação de um soldado (o que acontecia muitas vezes) o pai fora abatido e o Paulino viera para o quartel onde acabou por dar lições de “quinbundo” ao alferes. Diga-se que o Paulino falava bem português, pois frequentava uma escola protestante, mas, passado pouco tempo, foi atropelado por uma GMC, que lhe partiu uma perna e teve que ser evacuado para Luanda. É lá que a Maria João vai conhecê-lo e visitá-lo várias vezes a pedido do marido.

Recordo que uma das operações que comandeí, “acompanhado pelo Excelentíssimo Comandante”, como se escrevia no Relatório (SITREP), foi precisamente ao local onde o Paulino fora apanhado, sendo justamente o Paulino o nosso guia, acabado de regressar de Luanda. Tratava-se de um local não muito distante do quartel, e era preciso atravessar um pequeno ribeiro para lá chegarmos. Fazia três anos que a guerra em Angola tivera início e os “terroristas”, (agora ditos “libertadores”) que há muito tempo sabiam por informações colhidas em Luanda (nos cestos dos papéis para onde eram atirados os rascunhos dos Generais e respectivos Estados - Maiores) da operação que estava a ser congeminada, adoptaram a seguinte tática: aproximaram-se do quartel, de modo que quando nós os procurávamos em locais distantes na mata eles atacaram o quartel nas nossas costas... De facto, foi-nos possível verificar que parte do capim que cobria as cubatas estava ainda bastante fresco, o que dava a ideia de estas terem sido recentemente reconstruídas. Claro que o Comandante, Oficial do Estado Maior, autor de dois livros escritos no Terreiro do Paço sobre a Guerra Subversiva, mandou logo queimar tudo... O pior foi depois, quando, na retirada, eu tive que optar por outro caminho de que o Paulino já mal se lembrava... Mas tinha de ser assim: não podíamos retirarmos pelo caminho da aproximação, que era uma “regra de ouro” da contra-guerrilha, pois poderíamos cair numa emboscada, que, entretanto, nos tivesse sido preparada. Resultado: apanhámos uma “molha” das antigas e andámos o triplo da distância. O Comandante só vociferava e ameaçava sibilamente:

- Ah, Paulino, Paulino, que quando chegarmos ao quartel...

Mas aquilo era só conversa... O Comandante era boa pessoa, muito compreensivo, e ao Paulino (que, aliás, não tinha qualquer culpa) nada aconteceu. Tudo acabou bem, à noite, com o jantar de bacalhau cozido com grão - de - bico que o Comandante adorava...

Em 1987 Manuel Bessa Múrias faleceu. Sua mulher, é professora em Lisboa no Centro de Formação de Jornalistas. Pretende homenageá-lo com algo que possa substituir o livro que ele gostaria de ter escrito e não o fez. E é ela que acaba por contar-nos o episódio que vou transcrever no essencial.

“Há uns anos, recebi em Lisboa um telefonema. Pela voz, pareceu-me um africano. Disse-me que era o Paulino. Respondi que só tinha conhecido um Paulino em

Angola e há muitos anos. Respondeu-me:” Eu sou esse Paulino. Queria dizer-lhe que a Senhora foi a pessoa mais importante da minha vida”. Fiquei estupefacta.

(...)

O Manuel afeiçoou-se ao Paulino. Conversavam muito. O meu marido falava-me muito dele nas cartas. Entretanto, sucedeu o atropelamento e o Paulino teve de ser levado para o Hospital de Luanda. O Manuel pediu-me para ir visitá-lo. Fi-lo mais do que uma vez. Levava-lhe guloseimas, livrinhos para colorir, lápis de cor. Conversávamos sempre um bocadinho.

Quando o Paulino me reencontrou em Lisboa, soube, por ele que os soldados brancos que estavam na mesma enfermaria faziam comentários quando eu saía. Do tipo “Quem será esta branca que vem visitar um turra”?

Este “turra” viveria depois vários anos em Nambuanguo até se fazer homem. Foi convivendo com os diversos batalhões que por lá passaram, só compostos por homens. Nesse condicionalismo, eu acabei por ser a única presença feminina que ele teve durante muitos anos. Além disso, eu era ainda muito jovem.

Quando me telefonou, em Lisboa, **o Paulino era fotógrafo do presidente José Eduardo dos Santos**, e frequentava no Centro de Formação de Jornalistas (CENJOR), em Lisboa um curso de aperfeiçoamento em fotografia. Fixara o nome “Múrias” e, como eu dava na altura formação no CENJOR, não lhe foi difícil conseguir o meu contacto.

Apuzado o encontro para o dia seguinte ao telefonema, vi-me a abraçar um homem de cerca de quarenta anos, que, fisicamente, não reconheci de todo. Conversámos durante muito tempo. Dado o acontecimento, tinha pensado apresentar-me vestida de fada, mas, à falta de vestido condigno, levei-lhe uma flor e a cópia de uma carta que ele escrevera à mãe. Contou-me que se interessou por fotografia e aprendera com os militares que faziam fotografia aérea. Construiu entretanto uma máquina fotográfica em madeira. Fez-se homem e a PIDE levou-o para Luanda.

Nesse dia em que nos reencontrámos, jantou em minha casa. Bateu várias vezes com o pé no chão, dizendo ao mesmo tempo:” Não podia morrer sem vir aqui”!

Contou-me, no meio das suas histórias, que já depois da independência de Angola quiseram arrasar Nambuanguo. Ele terá movido então as suas influências - talvez junto do presidente - fazendo notar que Nambuanguo fazia parte da história de Angola. E estavam lá enterrados muitos dos seus amigos (soldados portugueses)”.

1- Tipo de cartas utilizados pelos militares no Ultramar e suas famílias

2- O Tenente - coronel Nuno Viriato Tavares de Melo Egídio, foi, mais tarde, Governador do Distrito de Niassa em Moçambique e, depois do “25 de Abril”, voltou a ser mobilizado comi Coronel. Regressado, fez o Curso de Direcção e Comando, sendo promovido a General, mais tarde de 4 Estrelas, Director da Arma de Infantaria, Governador de Macau, e Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas. Morreu em Lisboa há meia dúzia de anos.

3- Publicou, entre outros livros, “**Catalabanza, quilumbo e Volta**”, tudo regiões de Nambuanguo, e alguns são dos mais expressivos poemas sobre a guerra., e morreu também ele aos quarenta e tal anos de idade. Foi um dos mais importantes jornalistas da nova geração e constituiu com José Carlos de Vasconcelos, actual e desde há muitos anos, Director do Jornal de Letras, Artes e Ideias, e Afonso Emílio Praça, do meu COM (Curso de Oficiais Milicianos), e também ele falecido muito jovem, o “núcleo duro” de O JORNAL.

4 - O Diploma deste louvor foi-lhe entregue pelo Comandante de Batalhão em Formatura da Companhia

O Governo exige celeridade aos seus cidadãos mas tarda em cumprir o que prometeu

Abílio Francisco Conde

Em poucos dias, o governo pediu uma declaração do estado de emergência ao presidente da república, Marcelo Rebelo de Sousa. Em poucos dias, regulamentou-a e reteve em casa a população do país, fechando lojas, restaurantes e comércios, com prejuízos para todos. Contudo, o governo não está a cumprir o que prometeu. Os testes rápidos que em outros países da Europa foram considerados essenciais para travar a pandemia, continuam indisponíveis e o mais grave é que ninguém sabe quando os vai ter nem os procedimentos a adoptar. Também o reforço de rastreadores está à espera de regulamento das regras de convocação. Se o governo foi rápido a exigir restrições aos portugueses, também estes exigem ao governo celeridade naquilo que é urgente fazer. Se há um estado de emergência a uma ameaça terrível todos têm de responder e não só povo. Os cidadãos responderam prontamente e cumpriram as ordens recebidas.

O único que não está a cumprir é o governo que está embrulhado numa ideologia de esquerda, em burocracias de toda a ordem, tomando medidas contraditórias e muitas vezes recuando numa inércia de indecisões. Já todos sabiam que ia haver uma segunda vaga do Covid-19. O governo em vez de tomar medidas com antecedência, em Junho, contando com o pior, gozou em beleza as férias do verão e agora, (Novembro), os hospitais estão quase todos em rutura, com o máximo de capacidade esgotada, com falta de médicos e enfermeiros, com falta de camas e ventiladores, morrendo por dia mais de 80 pessoas, etc. Há uma inadequação no governo à gravidade da pandemia. Está muito dependente do primeiro-ministro, socialista António Costa, que se vê em sérias dificuldades para satisfazer todas as exigências do partido comunista e bloco de esquerda, (seus aliados), para aprovar o orçamento do próximo ano. Todo este combate surdo está a paralisar a ad-



ministração que neste momento não seria bom, acrescentar à crise da pandemia uma crise política. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Novembro 2020

Faleceu o Justino Gomes Morais

Abílio Francisco Conde

Às vezes recebemos notícias tristes que além de nos emocionarem levam-nos ao passado e trazem-nos muitas recordações. E assim, foi através de um telefonema de um familiar que soube do falecimento do meu



amigo GF Justino Gomes Morais, de Castro Laboreiro, Melgaço. Quando um amigo morre, perdemo-lo. Perder tem um significado duro. Eu sei que a dor tem uma dimensão muito grande, percorrendo todo o nosso sentimento, as nossas lembranças, as nossas saudades e o nosso interior fica cinzento, perde a cor da alegria para dar lugar à cor da tristeza. É como se a dor trouxesse com ela uma chuva negra, um silêncio sinistro e desesperante. A cada amigo que perco sinto que o meu tempo

está a acabar, que tudo o que vivi e desfrutei faz parte de bons momentos que devo recordar sempre. Perder é a primeira palavra que se tem quando um amigo morre. Mas não o devia ser. O amigo é meu, é teu, é o nosso tempo. É o caminho que percorremos para enfrentar a vida, é o merecimento, o orgulho, a trajectória, o prémio e o troféu. O amigo é o que vem não se sabe de onde e pouco a pouco vai tornando-se indispensável, necessário e útil. Estivemos juntos em diversas ocasiões, ao serviço, em Castro Laboreiro e aqui em Melgaço. O Morais era inteligente, espirituoso, afável e o que me impressionava mais nele era a sua educação esmerada. Foi um militar brioso, leal, apumado e distinto, com louvores na sua caderneta de serviço, muito prestigiando as corporações a que pertenceu, GF e GNR. Foi também um excelente chefe de família, muito amigo dos pobres e sempre disponível para socorrer quem precisasse do seu auxílio. Em sua memória e homenagem, vou transcrever um excerto de uma elegia triste de Fernando Pessoa: “Lenta, a raça esmorece e a alegria / É como uma

memória de outrem. Passa / Um vento frio na nossa nostalgia / E a nostalgia torna-se desgraça. / Pesa em nós o passado e o futuro. / Dorme em nós o presente. E a sonhar / A alma encontra sempre o mesmo muro, / E encontra o mesmo muro ao despertar. / Quem nos roubou a alma? Que bruxedo / De que magia incógnita e suprema / Nos enche as almas de dolência e medo / Nesta hora inútil, apagada e extrema? / Os herpes resplandecem a distância / Num passado impossível de se ver / Com os olhos da fé ou os da anciã. / Lembramos névoa, sombras a esquecer. / Que crime outrora feito, que pecado / Nos impôs esta estéril provação / Que é indistintamente nosso fado / Como o presente nosso coração? / Que vitória maligna conseguimos – / Em que guerra, com que armas, com que armada? – / Que assim o seu castigo irreal sentimos / Colado aos ossos d’esta carne errada?” Descansa em Paz amigo Morais. As minhas condolências à esposa, filhas e a toda a Família de luto.

Novembro 2020

Continuação da pág. anterior

O AUTOR

Alberto Pereira de Castro nasceu em Melgaço e estudou em Braga, onde fez o Curso Geral dos Liceus. Em 1962 frequentou o Curso de Oficiais Milicianos em Mafra, sendo em Janeiro do ano seguinte, colocado em Caçadores nº10 de Chaves, Unidade pela qual foi mobilizado para Angola em cuja Região Norte cumpriu uma Comissão de Serviço de 27 meses, (11 dos quais em Nambuangongo). Foi louvado pelo General - Comandante da Região Militar “ pelas muito apreciáveis qualidades de decisão, coragem e espírito de sacrifício, sobejamente patenteadas durante mais de nove meses de permanência na ZIN, no do seu Grupo de combate.

Entre as várias acções em que tomou parte, há que destacar aquela em que, tendo o seu grupo de combate sido violentamente atacado no itinerário NAMBUANGONGO - ZALA, sofrendo dois feridos graves, continuou a dar calmamente as suas ordens, cumprindo integralmente a missão de que havia sido encarregado e conseguindo manter nos seus homens um elevado moral.

Recentemente, durante uma operação realizada fora do Sub- Sector, incorporado em forças de outro Batalhão, comandou o seu Grupo de Combate de modo a

merecer as melhores referências do seu Comandante de Agrupamento pelo valor combativo, espírito de sacrifício e eficiência demonstrados.

Por tudo isto, considero o Alf. Mil. PEREIRA DE CASTRO como um bom oficial que à sua Companhia e ao Batalhão tem prestado serviços de muito apreço e digno de ser apontado como exemplo a todos os seus camaradas”. (O.S. Nº53 de 01JUL64, do QG/RMA - O.S.Nº191, do B.Caç.460, de 09JUL64) 4

* * *

Em Fevereiro de 1966 foi incorporado na Guarda Nacional Republicana, vindo a ser colocado, depois de alguns meses em Lisboa, em Novembro daquele ano, em Valença do Minho como Comandante da Secção. Em 1986 foi transferido para Viana do Castelo como Comandante da Companhia Interino. De 1987 a 1989 foi Adjunto do Comando, assumindo o Comando efectivo de 1989 a 1992, situação excepcional, visto que a partir de 1987, as Companhias eram comandadas por Majores. Em 1992 passou, por razões familiares, à situação de Reserva. Em 1993 candidatou-se à Câmara Municipal de Valença, a que presidiu desde 1994 a 1997.

* * *

Possui vários louvores e as seguintes Condecora-

ções: Medalha das Campanhas do Norte de Angola com a legenda 1963-1964-1965, Medalha de Assiduidade de Segurança Pública/ uma Estrela (25 anos), Medalha de Mérito Militar (3ª Classe).

* * *

Dedicando-se à Poesia e ao ramo da investigação na Genealogia e Heráldica, tem dezoito livros publicados, sendo dois deles em colaboração com outros autores. Neste momento, tem no Prelo **A Verdadeira História da Santa Casa da Misericórdia de Valença do Minho** e **O Corpo da Palavra** (Poesia) e, em Preparação, **Histórias de Vida** (Memórias) e **Espírito de Missão** (Apontamentos Monográficos), bem como a 2ª Edição, Revista e Aumentada, de **Valença nas Guerras da Restauração, As Gerações Valencianas (II), VALENÇA- Terra, Gente e Património** e **A Praça Forte de Valença do Minho (5ª Edição)**.

Colabora em diversos jornais e Revistas, e, desde há mais de dez anos, tem uma Página Quinzenal em **O Valenciano** sobre a História de Valença.

* * *

Em 2012 a Câmara de Valença concedeu-lhe a Medalha Municipal de Mérito.

Covid-19: Os sonhos adiados da

Maioria pondera fechar se não houver retoma no

João Martinho

Nos últimos dias de Novembro, o jornal Expresso noticiava, na sua edição online, o bloqueio da plataforma disponibilizada para submeter as candidaturas aos apoios do sector da restauração.

Em apenas um dia e meio desde a abertura das candidaturas, a ferramenta de apoio contava já com cerca de quatro mil pedidos de ajuda para o programa Apoiar no site do Balcão 2020.

Na mesma notícia, o informativo do grupo Impresa citava a Bastonária da Ordem dos Contabilistas, Paula Franco, que explicava esta corrida com o “pânico” que assolou os empresários, “com medo que as verbas acabassem no primeiro dia”.

A sobrecarga do sistema do Balcão 2020 “que não estava preparado para tantas solicitações”, segundo a Bastonária, é um reflexo do sentimento do sector um pouco por todo o país e Melgaço não é excepção.

Afinal, o programa Apoiar tem destinados 750 milhões de euros (a fundo perdido) para cobrir uma percentagem da quebra da facturação dos últimos nove meses de 2020, mas os montantes previstos não tiram o peso dos ombros aos empresários da restauração, que vêem com pouca esperança os primeiros meses de 2021.

No concelho melgacense, pelo que o jornal “A Voz de Melgaço” conseguiu averiguar até ao fecho desta edição, havia oito restaurantes fechados. Em Castro Laboreiro fecharam temporariamente dois restaurantes (Miradouro do Castelo e Restaurante da Serra), mantendo-se apenas aberto no coração da vila castreja o restaurante Miracastro, além dos dois cafés da comunidade. Desta contagem não faz parte o Hotel Castrum Villae, por já ter como agenda o encerramento por sazonalidade quer o restaurante, quer a oferta hoteleira. Mantem ainda a possibilidade de reserva do programa festivo de Reveillon 2020/2021, mas só o anúncio de medidas menos restritivas para a segunda quinzena de Dezembro poderão viabilizar a iniciativa.

No centro da Vila de Melgaço, os restaurantes **Adega do Sossego, Paris, Minhoto, Inês Negra, After Work e Foral de Melgaço (este último integrado no Hotel Monte Prado), estão encerrados. Alguns fecharam portas temporariamente durante a época baixa, outros reabrirão com nova gerência e ainda uma minoria aproveitou a época baixa para fazer obras e esperar que o número de infeções reduza significativamente até à Primavera de 2021.**

“A Voz de Melgaço” visitou alguns dos restaurantes locais para perceber os níveis de esperança dos empresários do sector e conhecer as soluções que apresentam para cativar os clientes locais durante este período.

Para tirarmos uma amostra desta resiliência local, visitamos cinco restaurantes locais que prometem dar luta mesmo num Dezembro sem jantares de empresas e um início de 2021 sem grandes promessas, de Castro Laboreiro à Vila de Melgaço... E ouvimos o que tem para contar.

Vânia Dantas, restaurante Mini Zip **“A minha sugestão para o fim-de-semana seria fecharmos todos”**

Há cinco anos que o restaurante da rua Inês Negra criou um dia gastronómico de referência. O Cozido à Portuguesa levava ao amplo espaço de restauração, no centro da Vila, centenas de apreciadores.

Nos dias de feira, à sexta, começava a servir almoços a partir das onze da manhã e era uma correria. Hoje “é um dos dias mais fracos da semana”, confessa Vânia Dantas, proprietária do Mini Zip.

Com as normas da Direcção-Geral da Saúde, viu limitado o interior do restaurante a 25 pessoas. Nos dias

de Cozido, enche a casa, e geram-se filas no exterior.

O segredo talvez esteja na preparação das carnes. “É tudo produção da casa, e preocupamo-nos sempre em preparar as carnes do Cozido da próxima semana na semana anterior. Pomos as carnes todas em sal e vinho tinto, daí o sabor especial”, explica Vânia Dantas, sem expor no entanto todos os segredos de preparação.

Todas as quartas-feiras, durante o inverno, mantem a tradição do Cozido – E atenção às filas de espera. “Eu tento dizer às pessoas que mantenham a distância de segurança, mas cá fora não podemos obrigar ninguém” – mas a redução dos 55 lugares para os 25 deixaram à gestão financeira uma prova de sustentabilidade mais exigente.

“Não tenho esperanças para o mês de Dezembro. Trabalho bem, faço muitas diárias, mas também tenho seis funcionários, não é o que parece. Está muito complicado. A minha sugestão para o fim-de-semana seria fecharmos todos. Porque se não há trabalhadores e não temos turismo, que faço no meu caso, com seis funcionários ali dentro?”, questiona Vânia Dantas.

O decréscimo de clientela nos fins-de-semana em que entrou em vigor a proibição de circulação entre concelhos e o encerramento da restauração às 13 horas tornou um dia de prova de ciclocrosse em apenas “sete clientes”, em Novembro.

Não põe em questão despedir os seis elementos que considera necessários para o funcionamento do estabelecimento, apelou antes à compreensão. “Vamos unir-nos e levar isto para a frente. Não é época de ganhar dinheiro, é pagar despesas”.

Fica também adiada a abertura das instalações no Monte de Prado, aguardando que a prometida retoma pós-Covid se comece a sentir. “Quem está a sofrer mais com isto é a restauração, parece que o vírus se propaga só na restauração, quando se propaga também nos supermercados, na escola ou na rua”, atira.

Catarina Corbino, sócia-gerente do Salão de Chá “Aromas & Caprichos” **“Não contamos fechar, mas não podemos estar abertos apenas para Deus ver. Depende do movimento”**

A pastelaria, os almoços e o serviço take-away com horários mais alargados são uma forma de a empresária fintar o impacto da pandemia no sector.

Por outro lado, a inovação na ementa continua a cativar um público que procura soluções mais “verdes” no momento de experimentar. O Crumble salgado e a Lasanha são alguma das propostas com mais saída, mas toda a carta está repleta de sugestões diferentes.

No caso do Crumble, tem por base o peito de frango, “refogado com tomate, cerveja, bacon” e um toque crocante no forno, acompanhado de batata e courgette, tudo coberto com o ‘crumble’, que é uma base de queijo parmesão com manteiga, amêndoa e um ou outro segredo da cozinha.

“As pessoas ao início ficam receosas, mas quem vem acaba por gostar e traz um amigo”, confessa Catarina Corbino, reconhecendo que essa é a melhor forma de convencer os conservadores no palato.

Em tempos, até inserir legumes no prato foi um desafio. Hoje, em todos os pratos há um apontamento verde e algumas especiarias. Há opção vegetariana e vegan e a inovação já obriga a responsável a variar a ementa dos clientes frequentes, alguns dos quais já reservam no dia anterior a ementa proposta para o almoço seguinte.

Ainda assim, só esta estratégia permitiu enfrentar um volume de negócio que se notou “do dia para a noi-

te”. “Melgaço até estava muito bem, mas a pandemia fez-nos voltar para trás, houve uma perda tremenda”, considera.

Com 30 lugares disponíveis, após a reorganização do espaço para cumprir as recomendações da DGS, o adiamento de todos os casamentos e baptizados para 2021, a componente de pastelaria perdeu bastante com esta incerteza sem data de fim.

“Está tudo a tentar sobreviver e mostra-se que se sobrevive, mas sente-se o impacto financeiro para a manutenção da casa. Há menos gente e mais custos, com o take-away e os produtos de desinfecção. Estivemos dois meses e meio fechados, com renda e Segurança Social para pagar. Tivemos um apoio [por lay-off] mas é uma miséria, para as despesas que temos. O nosso objectivo não é pedir apoios, queremos é que nos deixem trabalhar”, observou Catarina Corbino.

A luta contra o encerramento continua enquanto os clientes apreciam a proposta e quiserem “levar os aromas para casa”.

“Esperamos conseguir sobreviver, não contamos fechar, mas nem tudo depende de nós. Temos despesas da luz, água e todas as outras. Estarmos abertos apenas para Deus ver e não conseguirmos pagar as despesas não podemos, teremos de fechar”, perspectivou.

Cecília Pinto, proprietária do restaurante Cantinho do Adro e Sk8 **“Abri o novo espaço no dia 1 de Março, investi as minhas poupanças e em 15 dias vejo-me obrigada a ter de fechar a porta”**

Quinze dias antes do encerramento dos estabelecimentos, durante a primeira vaga da pandemia Covid-19, Cecília Pinto inaugurava um novo conceito, na Praça da República, no centro da vila de Melgaço.

Além desta aposta, encerrava também o Cantinho do Adro, um restaurante de gastronomia tipicamente portuguesa que está na gestão da família há quase 23 anos.

Aos fins-de-semana, era referência da casa o Bacalhau, o Cozido à Portuguesa e o Cabrito do Monte, tudo sempre preparado com o cunho tradicional e sabores “caseiros”.

Março não trouxe as melhores notícias e a reabertura não apresentava o melhor regresso: das duas salas disponíveis no Cantinho do Adro, uma reduziu os lugares de refeição de 40 para 15 e outra de 16 para 8. Mas aí, o Verão surpreendeu com a ilusão da retoma.

“Perante a situação, acho que até correu bem. Agora, na segunda vaga é que se sentimos mais. Houve uma grande quebra”, diz Cecília Pinto.

Divide-se entre o restaurante de tradição familiar e o novo espaço de café e refeições para rentabilizar o investimento feito em tempos que apresentavam melhores perspectivas.

“Abri este espaço no dia 1 de Março. Investi aqui as minhas poupanças para fazer obras e de repente, em 15 dias, vejo-me com as obras e a ter de fechar a porta. Só trabalhei em take-away, que foi uma mais-valia, mas sinceramente, muitas vezes pensei no que me tinha metido”, confessou a empresária.

Sem lay-off, resiste apenas com a sustentabilidade do negócio e admite que “fechar está fora de questão, depois de ter investido tanto. Vamos tentar organizarmos e ver soluções para manter a porta aberta e manter os funcionários”.

Destá continuidade dependem seis funcionários (no total dos dois espaços comerciais), o que implica uma maior disponibilidade para o atendimento ao cliente.

restauração melgacense

primeiro trimestre de 2021



Vânia Dantas e equipa | "Mini Zip"



Catarina Corbino | "Aromas & Caprichos"



José Lourenço | "A Lanterna"



Cecília Pinto | "Cantinho do Adro" e "Sk8"



Laurinda Sousa | "Vidoeiro"

"A partir do momento em que temos o café aberto, a cozinha também abre. Está sempre alguém na cozinha, pronto para desenrascar um prato", mesmo em horas menos convencionais.

Apetece-lhe um bitoque às 10 horas da manhã? E porque não?

José Lourenço, proprietário do restaurante A Lanterna
"Com o turismo praticamente fechado, sentimo-nos como se estivéssemos fechados também"

Há 43 anos que José Lourenço é o rosto do restaurante A Lanterna, numa das artérias centrais da vila melgacense. Mas a redução na visitação foi transversal e, apesar do nome e imagem conquistada pelo serviço da casa ao longo de mais de quatro décadas, a redução da clientela foi considerável. A segunda vaga da pandemia veio afastar definitivamente a esperança de curto prazo.

"Foi uma quebra muito grande. Com o turismo praticamente fechado, sentimo-nos como se estivéssemos fechados também. Por vezes aparecem duas, seis pessoas num fim-de-semana", conta-nos o proprietário

Mas nem os dias de semana permitem esquecer a nuvem impiedosa do novo coronavírus. "A maior parte dos locais, a gente das aldeias, deslocam-se muito menos, tem receio. Os poucos que vem preferem levar para casa", acrescenta. O espaço é amplo e com capacidade para instalar segundo as recomendações de segurança até 40 pessoas, mas agora "nem metade".

José Lourenço não paga renda, mas nem por isso olha para as contas com mais ânimo. "Não pago renda, mas tenho o IMI, que é um balúrdio e esse tenho que o pagar por completo".

O negócio é de base familiar e é com o apoio da família que conta quando for necessário enfrentar mais trabalho em melhores dias. Para já, tem a seu cargo



apenas uma funcionária, que pretende manter para lutar contra o fantasma do encerramento.

"Em princípio não fecho. São muitos anos de vida aqui, tenho de conservar. Os equipamentos sofrem com a paragem, precisam de manutenção. Parar e retomar depois podia sair mais caro", analisou. Contudo, se a ameaça de uma terceira vaga vier aumentar o medo e adiar a retoma para lá dos primeiros meses de 2021, passa o testemunho a outros.

"Estou aqui há 43 anos, tenho 60. Isto tem de recuperar, senão mais vale mesmo pensar na reforma e acabar com isto", lamentou.

Laurinda Sousa, proprietária do restaurante Vidoeiro
"Não posso ficar sem o pouco que tenho. Se não conseguir apoios ou não comece a vir mais turismo, ponho a hipótese de fechar"

Situado num dos pontos turísticos de maior visitação do concelho, o restaurante Vidoeiro, em Lamas de Mouro, viu fugir-se o principal público-alvo da sua gastronomia.

O turismo resistiu á primeira vaga e o desconfinamento aumentou a vontade de sair. Por consequência,

os meses de Verão mostraram que era possível ter esperança, e viver com as limitações do serviço.

"Nesta segunda vaga, as pessoas ganharam mais medo. Na primeira estivemos fechados, mas com a reabertura, os clientes voltaram cá acima. Em Julho e Agosto veio muita gente, trabalhou-se com o espaço limitado, mas bem. Agora as pessoas simplesmente não vêm", constatou Laurinda Sousa.

Com o encerramento ao fim de semana e a sazonalidade do turismo durante a semana, os serviços diários não chegam a ocupar sequer metade de uma das duas salas, com capacidade para 30 clientes.

"Estive fechada dois meses e a única ajuda que me deram foi a segurança social, que não paguei", atirou ainda. Com a equipa reduzida ao mínimo, dependendo do seu trabalho e apoio de uma funcionária, não tem esperança em conseguir ajudas governamentais e mesmo resistir até ao período previsto de retoma, em 2021, vai ser um desafio.

"Não sei se será fácil aguentar até Março nesta situação. Mesmo não tendo que pagar renda, há todos os outros impostos para pagar e é muito tempo de espera para se poder trabalhar um bocadinho. Por muito que tente, não posso ficar sem o pouco que tenho guardado para cobrir as despesas do restaurante. Se não conseguir de maneira nenhuma quaisquer apoios ou não comece a vir mais turismo, ponho a hipótese de fechar temporariamente. É preferível fechar dois ou três meses e abrir na época mais alta, do que estar a suportar uma casa com estas despesas", considerou Laurinda Sousa.

Com a paisagem imensamente verde do Parque Nacional Peneda-Gerês em fundo da sala, noutros tempos era o cenário perfeito para se descobrir os sabores do Cabrito do Monte ou mesmo o Polvo à Vidoeiro, mas para uma casa que no dia-a-dia conhecia "caras novas" á hora das refeições, a quebra da visita do turismo espanhol em 80%, atirou o promissor negócio para a incerteza... A que só 2021 poderá trazer uma data.

Gabriel Gonçalves e Andreia Alves escolheram ‘Viver em Melgaço’ e querem que seja uma decisão para a vida

João Martinho

Jovem casal está entre os primeiros novos povoadores do período pandémico Covid-19

Ainda a campanha “Viver em Melgaço” não se advinhava quando Gabriel Gonçalves e Andreia Alves, de 35 e 34 anos, respectivamente, pensaram na terra natal para consolidar a vontade da qualidade de vida com que ambicionavam “há largos anos”.

A seu favor tinham a capacidade de desenvolver em teletrabalho – e o conceito parece que só começou a fazer sentido desde Março de 2020, mas já existia há muito em diversos sectores – as funções que desempenham nas multinacionais com que trabalham.

Gabriel é Engenheiro de software e desempenha um cargo de liderança na área de qualidade de software numa multinacional posicionada no top 3 mundial na indústria de bens de consumo; e Andreia é Engenheira de telecomunicações, responsável pela verificação de software e equipamentos de redes de telecomunicações numa multinacional, também nos lugares do pódio mundial.

Moravam em Lisboa desde 2010, mas o surto pandémico Covid-19 levou-os a efectivarem a mudança para um contexto social que consideraram ser mais propícia à “segurança da família”.

Um dia, Gabriel teve que interromper a sua intervenção numa reunião por videoconferência – séria, como se imagina - **porque a equipa com quem levava**



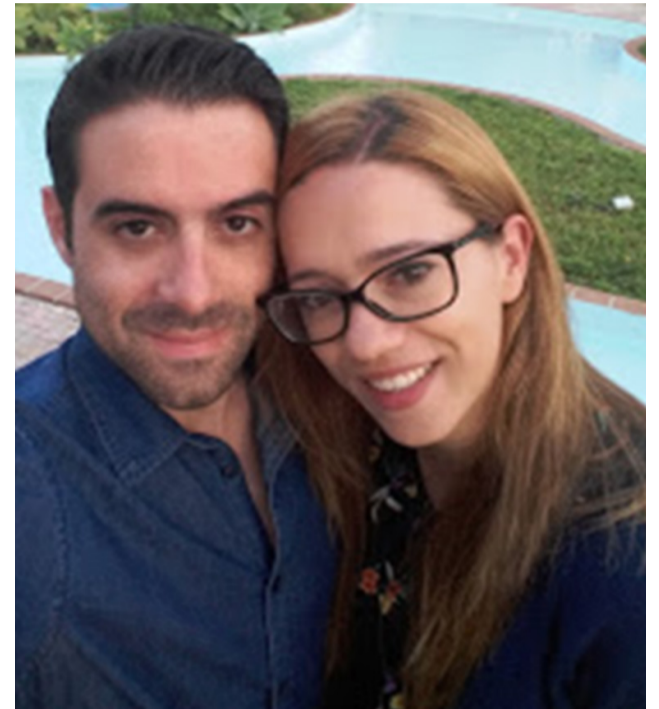
a importante sessão a efeito, inclusive o director, se distraíra com a paisagem verdejante que se vislumbrava através da janela. Por momentos, o melgacense teve de suspender a solenidade do momento em que reunia com a equipa instalada em Nova Iorque para rodar a câmara e fazer uma breve apresentação da sua paisagem de fundo e do seu concelho.

O jornal “A Voz de Melgaço” falou com o jovem casal que, a caminho da sua busca por uma melhor qualidade de vida, são dos primeiros do período pandémico a escolher “Viver em Melgaço”.

AVM – Quando decidiu mudar-se para Melgaço e ter aqui residência permanente?

GG - A flexibilidade das nossas profissões já nos dava a possibilidade de passar temporadas em Melgaço, cerca de uma semana em alguns períodos do ano, mas já há alguns anos que tínhamos o desejo de regressar e viver na nossa terra. Com o instalar da pandemia e todas as restrições, a globalização do teletrabalho e a possibilidade de conciliação com as nossas actividades profissionais, tornou a possibilidade numa realidade e em Março deste ano decidimos optar pela mudança.

AVM – Ainda assim, em termos laborais, sentiram alguma condicionante relativamente à distância?



Com reagiram as empresas, quando anunciaram a mudança de domicílio para o extremo Norte do país?

GG - As nossas empresas são multinacionais com pólos estabelecidos na capital, existe sempre a condicionante da elevada distância quando é necessário algu ma deslocação esporádica, seja por causa de especificidades de projectos ou até por questões mais burocráticas com necessidade presencial. No entanto, é uma condicionante que perde peso na balança dos prós e contras sempre que pensamos na elevada qualidade de vida que Melgaço nos proporciona e na proximidade da família, que também tem um enorme impacto nesta decisão e suporta muitas destas situações, principalmente no que toca a toda a logística e cuidados dos nossos dois filhos.

Quando decidimos mudar para Melgaço encontrávamo-nos no auge do primeiro pico pandémico, pelo que as nossas empresas não puseram qualquer entrave, então decidimos arriscar numa filosofia de possível regresso. Assim que houve um abrandar [da primeira vaga] da pandemia, as possibilidades de regresso aos escritórios começaram a ser discutidas, mas rapidamente conseguimos chegar a acordo. Toda esta situação transformou completamente o mundo do trabalho, até as empresas mais conservadoras começaram a abrir horizontes, a dar mais flexibilidade aos seus funcionários e a entender que o momento exige uma readaptação total.

Diria até que o avanço do trabalho remoto e teletrabalho foi superior, neste poucos meses, ao que se verificou na última década. E é, na minha opinião, um caminho de não retorno, a flexibilização do trabalho veio para ficar.

AVM – Contudo, tendo vivido dez anos em Lisboa, como foi a habituação ao contexto social de Melgaço, enquanto lugar para viver com a família?

GG - Como família, nunca perdemos o contacto com Melgaço, por isso a habituação existiu, mas foi muito rápida e positiva. O concelho tem uma qualidade de vida única e proporciona, para quem viveu anos numa cidade com a dimensão de Lisboa, um meio mais singular, mais acolhedor, mais calmo. Alguns pormenores

Continua na pág. seguinte



Dra. Dina Loureiro
Médica Dentista

ESPECIALIDADES DE MEDICINA DENTÁRIA

- > Branqueamento dentário
- > Cirurgia Oral
- > Dentisteria
- > Endodontia
- > Implantologia
- > Ortodontia
(Damon Autoligável)
- > Ortodontia Invisalign
- > Próteses
(Fixa e Removível)
- > Tratamento Bruxismo
- > Piercing Dentário
- > Medicina Estética
(Ácido hialurónico e toxina botulínica)

Rua Direita, nº 16 - Melgaço 4960-542 • 910 130 451

(Clínica Curae Melgaço, junto à Igreja Matriz)

medicinadentariamelgaco@gmail.com

[Facebook.com/medicinadentariamelgaco](https://www.facebook.com/medicinadentariamelgaco)

típicos do dia-a-dia citadino, como o trânsito matinal e as filas intermináveis deixaram de existir. Ganhamos horas de vida para usar em tudo o que preferimos fazer. As crianças foram um grande desafio, visto que durante os meses mais complicados da pandemia tiveram de abandonar as escolas habituais e ficar com os avós, que tanto nos apoiam. Felizmente a natureza e o espaço exterior característicos das aldeias melgacenses tornou o processo muito mais simples.

AVM – Em termos de plano escolar, como reagiram as crianças à escola/pré-escolar do concelho?

GG – Tínhamos algum receio das mudanças de escola. O nosso filho mais velho, de cinco anos, frequentava o mesmo estabelecimento desde os primeiros meses e tinha já uma ligação forte. Ao contrário do que pensávamos, a entrada na escola básica foi ótima, as instalações são muito modernas e as regras foram bem aplicadas. Neste momento é uma criança que adora ir à escola, já criou todo um conjunto de novos amigos. Quanto ao nosso filho mais novo, a adaptação também foi muito positiva à creche da Santa Casa da Misericórdia. Acerca das escolas, a nossa opinião é francamente positiva, consideramos que tanto em plano escolar, como em condições, não devem nada às escolas que conhecíamos em Lisboa.

AVM – Sentem falta da vida urbana, ou da vida que tinham antes da pandemia?

GG – Talvez de toda a oferta desportiva e cultural. Dos eventos desportivos de maior relevância à distância de poucos quilómetros, dos concertos, das exposições. Sentimos também alguma falta da facilidade das entregas de refeições ao domicílio com os serviços existentes actualmente na maioria das cidades. Há também um típico que as cidades têm e que é difícil de igualar, que é toda a oferta ligada à saúde existente numa cidade.

AVM – Nesse capítulo, têm necessitado dos serviços de saúde? Como tem sido a experiência no acesso a médicos ou especialistas?

GG – Felizmente, apenas necessitamos de recorrer à vacinação para o miúdo e aí fomos atendidos muito rapidamente e de forma excepcional, mesmo em plena pandemia. Quanto a outros cuidados de saúde já recorremos ao privado, fora de Melgaço, e urgências em Viana do Castelo. **Existem limitações conhecidas nesta área, principalmente no que toca ao serviço de urgência. Mas nada é perfeito e na área da saúde vemos espaço para melhorias.** Já nas especialidades, acabamos por recorrer aos privados, visto termos a felicidade de dispor de seguros, mas temos noção de que em qualquer das formas, implica deslocações.

AVM – Sente que o interior e o litoral invertiram os papéis? É hoje possível ter mais liberdade no interior do que numa cidade, apesar de mais propostas culturais e/ou lúdicas?

GG – Completamente. Cada vez mais vejo situações de colegas de profissão a tomarem a decisão de mudar-

se para o interior, o que acaba por demonstrar que toda a situação que vivemos tem um peso nessa decisão. A densidade populacional das cidades acaba por trazer mais desconforto e medos. Espero que a situação volte ao que era e o coração das cidades volte a ganhar vida rapidamente, mas penso que as pessoas que optarem por mudar [para o interior] irão ficar satisfeitas. **Dentro de toda a infelicidade que esta pandemia gera, penso que o interior do país tem muito a ganhar, visto haver também visibilidade para as empresas, mudança de várias famílias, o que motiva a flexibilização do trabalho** e forma aqui um ciclo com todas as vantagens económicas para todas as partes.

AVM – Como reage a família e amigos, com este regresso? Ainda há algum tabu relativamente ao ‘regresso à terra’ sem ser em idade da reforma, ou as mentalidades já mudaram e este novo povoamento é desejado por todos?

GG – Toda a família ficou muito entusiasmada com o nosso regresso. Houve algum receio, compreensível, relativamente ao possível impacto na nossa situação laboral. Quanto aos amigos, apesar de apoiarem a decisão e ficarem também entusiasmados, houve alguma preocupação com a mudança radical de ambientes e a adaptação a um ambiente mais calmo. Ouvíamos muito a frase “Vejam lá que Melgaço tem meses com menos movimento, vão sentir falta da cidade...”, mas felizmente já vínhamos preparados e com uma noção bastante boa da realidade.

AVM – O comércio local de cariz mais tradicional tem capacidade para responder às necessidades da população, no que respeita aos bens essenciais a preços atractivos?

GG – Neste tópico acabamos por ser suspeitos porque temos na família um comércio tradicional, mas independentemente disso, consideramos de extrema importância a população apoiar esta actividade, sem esse tipo de comércio a nossa vila perde movimento, encanto e oferta. Existem muitos espaços com muita oferta, com variedade e com produtos diferenciadores, muitas vezes falta receptividade da população. É possível conciliar os dois mundos, o da oferta em massa como as grandes superfícies e o do comércio local. Se toda a população residente recorrer ao comércio local mesmo que apenas em certos artigos ou serviços, isso terá um impacto muito positivo no concelho, e na própria vila que tanto prezamos. Quantas vezes ouvimos frases como “esta tudo a fechar”, mas enquanto esteve aberto não os consideramos nas nossas escolhas?

AVM – Sente que a campanha de apelo e as medidas avançadas pela autarquia para atrair novos povoadores poderá resultar junto das camadas profissionais adaptadas à nova realidade do teletrabalho, ou ainda há algo a fazer por cá para que Melgaço seja o postal ideal?

GG – Penso que a iniciativa é de louvar e traz um reforço extra a esta possibilidade. Apesar de não termos

completa visibilidade das medidas implementadas e das discussões em curso, há com certeza trabalho pela frente. Penso nas pessoas que regressam para aldeias e para casas de familiares, poderá existir um desafio para conciliar o espaço familiar com o espaço de trabalho. Nesse sentido, **deixo a sugestão de criação de espaços de trabalho (escritórios) disponíveis para ser usados a tempo completo, ou esporádico, equipados com conexões de Internet a rigor**, para garantir espaços profissionais de qualidade para desempenho da actividade profissional no concelho. **Existe também algum trabalho de melhoria da capacidade das redes existentes, há zonas mais remotas do concelho** ainda com problemas de ligações seja Internet ou móvel. Felizmente a maioria do concelho tem já uma cobertura bastante aceitável sendo que no centro dispomos de conexões que fornecem valores muitos semelhantes ao que tínhamos na cidade.

AVM – E como é trabalhar a partir de Melgaço ou, para adoptar de vez a palavra, estar em teletrabalho?

GG – Ambos colaboramos em projectos internacionais, o que faz com que passemos grande parte, senão todo o dia, em videochamadas e ligados de Melgaço para o mundo. Nesse sentido consideramos que pelo menos no centro [da Vila] as conexões estão à altura.

Trabalhar a partir de Melgaço traz também algumas situações caricatas, como já aconteceu. Estive envolvido num projecto com pessoas estabelecidas em Nova Iorque e estava constantemente em videochamada com eles, que estavam numa típica sala de reuniões no meio de arranha-céus, com os ruídos de ambulâncias e de aviões de fundo. Um dia, durante a reunião, devido à posição da minha câmara, todos os participantes pareciam distraídos com a vista da minha janela, com todo o verdejante dos campos. **O director perguntou onde vivia e acabamos por interromper a reunião para eu virar a câmara para o exterior e mostrar as paisagens, com toda a gente a rir, num ambiente descontraído, e a desejar estar no meu lugar.** Esta situação aconteceu mais do que uma vez, o que mostra a particularidade deste local... E também traz visibilidade à nossa terra.

AVM – Melgaço continuará a ser a casa-mãe da família, mesmo após um eventual regresso à ‘normalidade’ no pós-Covid-19?

GG – Definitivamente, desejamos que a vida assim o permita. Encontramos em Melgaço aquilo que necessitávamos e estamos plenamente satisfeitos. Recomendamos a todos os jovens (e não só) que se informem e que pesem os pros e contras deste tipo de mudança e se a actividade profissional o permitir, ponderem esta situação, penso que todos teremos a ganhar com isso. Melgaço ganha mais população qualificada permanente, com todo o impacto económico que isso envolve e a população de regresso ou que se fixa pela primeira vez tem a oportunidade de se estabelecer num local único.



MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

Vendem-se
Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:
251 414 973 / 969623094

After Work: Regressará uma nova luz ao comércio local... “A tempo das festas” (?)

João Martinho

O mês de Dezembro de 2020 poderá não ser de festas efusivas, mas a par da iluminação natalícia reforçada nas ruas de Melgaço, há mais uma luz que se acende no comércio local, em contracorrente aos encerramentos que tem marcado os últimos meses.

Diogo Barros, apoiado por Hélder Rodrigues, assume o confronto contra o marasmo das ruas em período pandémico e promete reabrir portas do recentemente fechado After Work – Bar & Tapas, no centro da vila de Melgaço, frente aos Correios.

Apesar do período “crítico”, Diogo Barros pediu ajuda a um dos seus amigos de infância para assumirem esta realização. “Sempre trabalhei na área, como empregado de Bar. Finalmente, consegui ter um espaço e trabalhar para mim”, assume.

Com idades entre os 25 e os 30 anos – “estamos em idade de recuperar e começar algo nosso” – contam ainda com apoio da gerência anterior e do proprietário do espaço, compreensivo com a experiência aventureira dos jovens e o período particularmente difícil. “Melgaço já está a ficar com pouca gente, quanto mais espaços fecharem, mas gente começa a sair e é pior”, analisa Diogo Barros.

O conceito não cortará o vínculo com a anterior ideologia para o espaço, mas ampliará a oferta e promete criar um ambiente acolhedor, mesmo para quem quer apenas apreciar uma bebida ao fim da tarde e trocar dois dedos de conversa (em segurança).

“Vamos manter o conceito das tapas, dos hambúrgueres e das sandes, mas vamos melhorar um bocado o Bar, para abranger mais clientela. Queremos criar ambiente para que o cliente, mesmo que não queira comer, possa ter um espaço com ambiente para estar, passar um bocado”, explica o jovem empresário.

Com a remodelação e cumprimento das normas de higienização e distanciamento, haverá espaço para cerca de trinta clientes. Se o cenário pandémico não piorar no país e no concelho que justifique novo confinamento, os jovens planeiam abrir “ainda a tempo do Natal”.

“O nosso maior receio é abrir e depois ter que voltar a fechar. Apostamos, abrimos quinze dias e voltamos a fechar?”, diz Diogo Barros, exteriorizando a sua maior preocupação com a data para inauguração.

Apesar do incentivo “informal” da gerência anterior e do proprietário, o investimento dos futuros gestores



do espaço estimam o investimento na remodelação do espaço entre 1500 a 2000 euros.

“Vamos trabalhar com as nossas poupanças”, reitera o jovem empresário indicando que, se os efeitos da segunda vaga não permitirem aliviar as medidas de contingência antes do Natal, renovam as esperanças para que em Janeiro se faça finalmente luz na Rua Dr. Afonso Costa.

Empresa portuguesa consegue armazenamento das vacinas contra a Covid-19 até 80 graus negativos

João Martinho

Uma empresa portuguesa de produção de câmaras climáticas, do Grupo Aralab, apresenta-se enquanto “a única unidade industrial em Portugal com *know how* e capacidade de produção de equipamentos que podem atingir os - 80 graus centígrados”, superando as temperaturas de frio anunciadas para conservação ideal da vacina contra a Covid-19.

“O Grupo Aralab está pronto para apoiar na conservação das vacinas para a Covid-19. Somos a única empresa portuguesa com capacidade para fazê-lo. Desde que se souberam as condições de preservação das vacinas, já recebemos contactos de empresas de vários países. Neste momento, numa das empresas do Grupo, a Bluestabil, temos sob a nossa responsabilidade cerca de 200 mil amostras em estudo de estabilidade em di-

ferentes condições climáticas, desde -20° (congelamento) até 40° de temperatura com 75% de humidade”, afirma o administrador do Grupo, Luís Branco.

“Temos conhecimento no armazenamento em condições de conservação e estabilidade de diferentes fármacos, de acordo com as boas práticas de fabrico (GMP) da indústria farmacêutica, com uma empresa certificada pelo Infarmed (autoridade portuguesa do medicamento) e pela FDA (autoridade norte americana para o medicamento)”, conclui.

O Grupo Aralab já esteve envolvido na luta contra a pandemia, através do teste a máscaras de proteção, nomeadamente no auxílio no processo de Certificação e Controlo de Qualidade de máscaras faciais de protecção contra a Covid-19.



O Natal possível que teremos

Temos o Natal à porta, e o deste 2020, não sairá da nossa memória tão cedo. É um facto.

António Jorge Tavares

Os projectos e os sonhos que estavam no nosso imaginário terão que ser adiados. Estamos num mundo diferente, restringidos nas nossas liberdades mais simples, onde um simples aperto de mão, ou abraço, são mal vistos por alguns, e as reuniões entre amigos acabam em proibição pelas autoridades policiais.

As relações entre pessoas são para serem reduzidas ao mínimo, e não saberemos se até ao Natal, poderá haver um levantamento das restrições de contactos e de deslocações, pelo que a tradicional ceia de consoada será realizada de forma bem diferente do habitual.

IA par disto tudo, temos o pânico instalado em muitas pessoas que acabam por ter um comportamento fora da normalidade: alguns isolam-se, evitando contactos com amigos e até familiares, enquanto outros

encaram a situação com discernimento e sem medo de serem contaminados. Claro que o andarmos de máscara, é para muitos de nós uma situação de grande incómodo; a conversação torna-se mais difícil pois as palavras não são pronunciadas do mesmo modo que sem máscara.

Aguardemos melhores dias para o nosso país e que a pandemia possa ser estancada com a prometida vacina e o bom senso e solidariedade de todos nós.

Em espírito verdadeiramente natalício, partilho alguns pensamentos do Papa Francisco na recente encíclica “Fratelli Tutti”, : “A falta de filhos, que provoca um envelhecimento da população, juntamente com o abandono dos idosos numa dolorosa solidão, exprimem implicitamente que tudo acaba connosco, que só contam

os nossos interesses individuais.” E mais adiante refere que “Vimos o que aconteceu com as pessoas de idade em algumas partes do mundo por causa do coronavírus. Não deviam morrer assim. Não nos damos conta de que isolar os idosos e abandoná-los à responsabilidade de outros sem um acompanhamento familiar adequado e amoroso mutila e empobrece a própria família”.

No que de nós depender, façamos que o Natal aconteça reforçando os laços familiares e as relações com os mais idosos e fragilizados.

A todos desejo de coração um Santo e Feliz Natal verdadeiramente cristão. E os melhores augúrios para o Novo Ano que vem aí.

Jornalista

(o autor escreve de acordo com antiga ortografia)